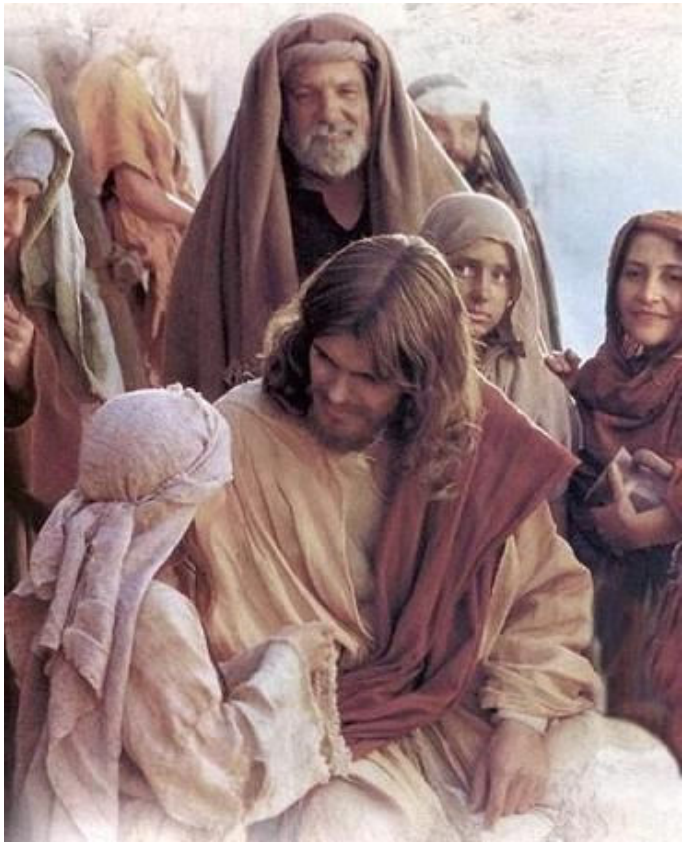
ENSINOS, CURAS E MILAGRES



Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

ENSINOS, CURAS E MILAGRES

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2011

Agradeço ao Senhor por todos os milagres que já realizou em minha vida, sendo a salvação o principal deles. Agradeço a Ele pela misericórdia que sempre teve de mim, tocando-me nos momentos mais difíceis e aparentemente sem solução, despertando a minha fé e me fazendo querer mais dEle.

Dedico este livro a todos os aflitos e contritos de coração em toda a Terra, que crêem no Filho de Deus e no Seu poder para realizar todos os tipos de milagres, e que neste momento precisam ser tocados pela Sua cura em alguma área de suas vidas. Seja feito conforme a sua fé!

"Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível" (Mc 10: 27).

Introdução

Este livro veio após a orientação do Espírito Santo para eu escrever certos textos de ensino sobre alguns episódios do ministério de Jesus, onde Ele curou, ensinou e realizou grandes milagres de libertação e de revelação do Seu poder sobre as forças da natureza e sobre as leis naturais como, por exemplo, na multiplicação de pães e peixes e nas ressurreições de mortos (Lázaro, o filho da viúva de Naim, a filha de Jairo). Sua palavra continua viva através dos séculos e sempre atual para todas as situações pelas quais tivermos de passar. Podemos nos ver em cada personagem que teve um encontro profundo com Jesus e, igualmente, sermos ministrados nas nossas enfermidades e fraquezas humanas, descobrindo que sempre existe uma saída quando buscamos a solução dos nossos problemas no lugar certo: em *Jesus,* o *dono do milagre*.

Espero que você seja ministrado pelo Espírito de Deus e possa descobrir que em toda situação da sua vida há um aprendizado que o leva ao crescimento e ao conhecimento profundo dEle. É a sua fé que vai colocar em ação o poder divino a seu favor. O apóstolo Paulo escreveu em Rm 8: 28-30: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". Tudo coopera para o nosso bem. Jesus confirmou que a fé era o fator primordial na cura de todos os que a obtinham. Ele dizia: "Vai em paz, a tua fé te salvou".

Que o Senhor o abençoe.

Tânia Cristina

Índice

A cura de um paralítico em Betesda	7
A cura do cego de Jericó	18
A seara do Senhor e a escolha dos doze apóstolos	22
A primeira multiplicação de pães e peixes	31
A transfiguração	36
Jesus lava os pés dos discípulos / uma lição de humildade	40
A mulher Cananéia	46
As instruções para os doze	50
Jesus acalma uma tempestade	54
Jesus anda por sobre o mar	58
A cura de um paralítico em Cafarnaum	45
A ressurreição da filha de Jairo	70
A ressurreição do filho da viúva de Naim	74
A ressurreição de Lázaro	77
Marta e Maria	82
A mulher de Samaria	85
A oferta da viúva pobre	89
A cura de uma mulher com fluxo de sangue	92
A cura de um cego de nascença	96
A pesca maravilhosa	104
Pedro é restaurado por Jesus	107
A mulher adúltera	111
A pecadora que ungiu os pés de Jesus	114
A parábola do Bom Samaritano	118
A cura da mulher encurvada	121
A cura de um leproso	125
A cura de um cego em Betsaida	128
A parábola do semeador	132
Nicodemos visita Jesus (Batismo)	136
As bem-aventuranças	140
A oração dominical (Pai-Nosso)	145
Vinde a mim, todos os que estais cansados (Mt 11: 28-30)	150
A cura do surdo-mudo em Decápolis	154
A cura do servo do centurião	157
A parábola do grão de mostarda	163

Notas:

• As palavras ou frases colocadas entre colchetes *[ ]* ou parêntesis *( ),* em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].

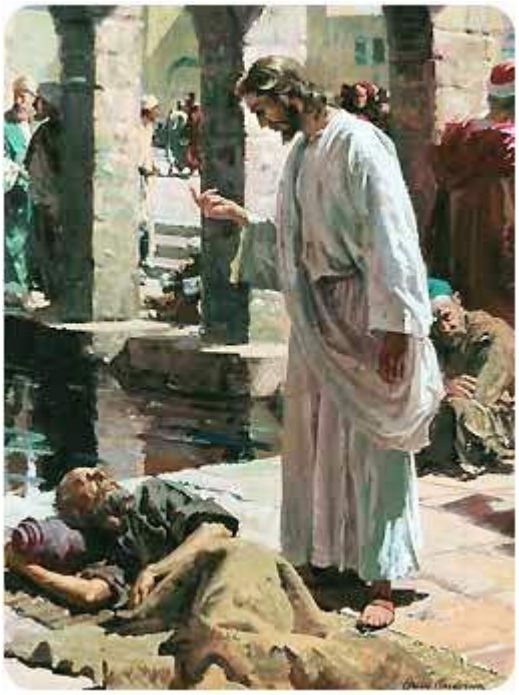
• A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.

• NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

• E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

1

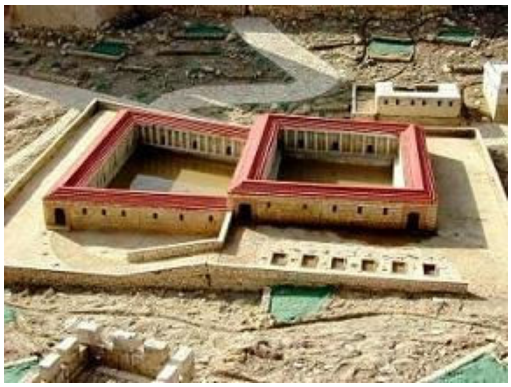
A cura de um paralítico em Betesda
Jo 5: 1-8



A cura de um paralítico em Betesda
Texto de referência: Jo 5: 1-18

Nota: Esse estudo foi escrito por volta de 2010-2011 com outro propósito, outra unção, extraindo o aprendizado para nós. Mas agora em 2025 eu descobri outras informações que acho importantes de serem acrescentadas ao texto.

"Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém. Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico, Betesda, o qual tem cinco pavilhões...



... Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos [esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse]. Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado? Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado. Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito. Ao que ele lhes respondeu: o mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda. Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda? Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar. Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior. O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado. E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado. Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus".

Aqui temos muitos aprendizados importantes:

1) Quando estamos enfermos, *seja do corpo, da alma ou do espírito*, *devemos buscar um lugar onde a misericórdia de Deus possa fluir e nos tocar com cura;* e o melhor lugar para se conseguir isso é, teoricamente, na Casa de Deus. *Betesda*, em hebraico, significa *Casa de Misericórdia*. O homem paralítico tinha fé para ser curado,

por isso foi buscar auxílio no lugar certo, entretanto, parecia não haver misericórdia ali e sim uma competição entre todos aqueles que precisavam de ajuda. Era 'cada um por si e Deus por todos'; ninguém parecia querer ajudar um ao outro para ser curado também, mesmo porque apenas o primeiro que chegasse às águas era abençoado. Muitos cogitam que Jesus curou apenas esse paralítico porque só ele tinha fé verdadeira para ser curado, mas, se os outros não acreditassem que as águas os curariam, não estariam disputando tanto a cura através dela. Portanto, a fé não era o ponto crucial que fez Jesus curar apenas esse homem. Talvez, o que mais chamou sua atenção tenha sido sua humildade, paciência e perseverança em exercitar sua fé por tantos anos ou por ser o único ali que, pela própria condição de fraqueza, tinha matado o espírito competitivo da carne dentro de si. Pode ser que só ele soubesse esperar em Deus ou, por outro lado, já estivesse tão desesperançado de alma que não cria mais na cura por causa do grande obstáculo que via diante dos seus olhos: a multidão. Portanto, a fé é um ponto de interrogação no caso deste milagre de Jesus em Betesda. Seja como for, ele estava ali e era necessitado. Jesus passou e teve misericórdia dele. Ele foi o único que exerceu a misericórdia para com o paralítico que ali estava; não homens. Ninguém jamais o ajudou a chegar às águas. Outro pensamento que nos passa pela cabeça é que o seu caso poderia não ser tão simples, apenas físico, porém precisava de um toque mais profundo de Deus, pois a doença era na alma e no espírito e o homem necessitava do perdão divino (Jesus disse: "olha que já estás curado; *não peques mais,* para que não te suceda coisa pior"). Quem sabe, o Senhor tivesse permitido que ele chegasse a esse ponto e sofresse por todos aqueles anos para poder dar valor à humildade e à dependência dEle! Portanto, outro ensinamento aqui é: *quando estamos doentes e necessitados, devemos buscar a misericórdia de Deus na pessoa de Jesus, confessando os nossos pecados e pedindo a Sua libertação.*

2) O pecado nos paralisa, pois nos prende às cadeias de Satanás. O fato de o Mestre o alertar a não mais pecar, significa que algo o havia impedido de viver uma vida normal e, se continuasse nesta prática, poderia lhe suceder coisa pior, como disse Jesus. Por exemplo: não conseguir a salvação; em outras palavras: morrer. O pecado nos impede de viver uma vida abençoada, traz doenças e enfermidades no corpo, na alma e no espírito, pois nos separa de Deus e nos leva à morte.

3) A fé anda junto com a ação. O apóstolo Tiago nos diz que a fé sem obras é morta. Supondo que o homem tivesse fé real em Deus e na cura, não podia alcançar a bênção porque não tinha ação. Por estar paralisado e impossibilitado de obter ajuda de algum lugar, não podia se mover em direção ao milagre. Assim, quando não colocamos nossa fé em prática, ou seja, quando não agimos de acordo com ela, não podemos ter a totalidade do que estamos buscando. Talvez, por se achar totalmente impotente e sem condições de se movimentar, até mesmo de se arrastar até as águas, é que o paralítico passou por esse sofrimento tantos anos. Se lembrarmos da mulher do fluxo de sangue que foi curada por Jesus, podemos ver uma diferença entre a sua maneira de pensar e a do homem. Ambos experimentavam uma grande impotência pela doença (ele, pela paralisia, e ela, pela extrema anemia que a atormentava há doze anos); entretanto, a mulher não se via ainda totalmente impotente para conseguir o que queria. Ela tentou com todas as suas forças, igualmente sem ajuda de ninguém, enfrentando da mesma forma a barreira da multidão, provavelmente se arrastando, mas colocando sua fé em ação. Na sua mente, se apenas tocasse nas vestes de Jesus ela seria curada. Faltou este tipo de atitude proativa no paralítico de Betesda. Ele poderia ter se arrastado se quisesse, todavia, a única resposta que deu a Jesus foi: "Não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada". É certo que as barreiras eram terríveis para ele enfrentar, porém, sua alma parecia não ter mais a determinação para colocar a fé do seu

espírito em ação e se sentia dependente de alguém. De qualquer forma, Jesus se compadeceu dele e o curou.

4) Outra coisa que nos chama a atenção é a presença *do anjo* agitando as águas. *Anjo*, em hebraico, tem o significado de: *mensageiro,* assim como é também uma designação freqüentemente usada para o *profeta.* Ainda que o versículo 4 não conste dos manuscritos antigos, alguma coisa acontecia naquele tanque para que tantos enfermos buscassem a cura; mesmo porque o versículo 7 consta de todos os antigos manuscritos, e o homem mencionou o fato de as águas serem agitadas, movidas. O que importa simbolicamente para nós é a palavra 'anjo', 'mensageiro'. Assim, é um mensageiro (um profeta) do Senhor que agita as *águas (a Palavra, o Espírito Santo)* para que Sua unção desça e os necessitados alcancem a cura. O paralítico estava esperando um anjo que pudesse agitar as águas para que ele pudesse ser curado. É o que acontece com quem sabe que precisa de uma cura, mas não tem a certeza de que a palavra de Deus em sua própria boca tem poder para quebrar as barreiras espirituais e agir. Fica dependente de um servo do Senhor para receber uma bênção que é sua, espera que a fé de outro venha a realizar o milagre que está precisando. Espera que outros guerreiem por ele, ao invés de se dirigir à fonte do milagre, Jesus, a Palavra, a água da vida. Portanto, o ensinamento aqui é: *não devemos esperar que outros façam um trabalho que cabe a nós fazer. Não devemos esperar que alguém nos conduza à verdade. O que precisamos fazer é deixar Jesus nos tocar e nos curar pela nossa fé, buscá-lO pela nossa própria vontade e iniciativa.*

5) Jesus é senhor do sábado. Isso tem um significado muito profundo para nós. Pela lei de Moisés, os judeus não poderiam fazer nenhuma obra no sábado (Shabbat = descanso, cessação ou interrupção), pois guardar esse dia como um dia de descanso era sinal de respeito a Deus e cumprimento dos Seus mandamentos. Entretanto, o que Deus queria dizer era para eles descansarem do trabalho secular que realizavam como fonte de sobrevivência, a fim de poderem estar livres para ter mais comunhão com Ele, para adorá-lO e esperar pela Sua ajuda. Dessa forma, uma bênção divina foi transformada em religiosidade humana que os impedia de alcançarem o verdadeiro entendimento de Deus, inclusive de realizar Sua obra, ou seja, fazer o bem ao próximo. Por isso, Jesus condenou tantas vezes essa prática tão rígida, mostrando a eles que ter compaixão do semelhante era permitido até no sábado, pois significava realizar a obra de Deus, não da carne, que era realizada egoisticamente nos outros seis dias da semana. Em outras palavras, quando Deus nos diz para guardar um dia da semana para Ele, seja sábado ou domingo, significa um descanso *das* coisas do mundo e um descanso *nas* coisas de Deus. *O Sábado, o Descanso,* tem igualmente um significado de descansarmos nEle naquilo que não podemos fazer. Quando Jesus diz que Ele era o 'senhor do sábado' (Mt 12: 8; Mc 2: 28; Lc 6: 5; Lc 13: 15), queria dizer que Ele fizera as regras espirituais, como Deus que era, mas não estava preso a nenhuma regra humana que impedia Seu Espírito de agir. Como homem, Ele respeitava o Sábado, não se preocupando com as coisas da carne, porém, indo à sinagoga para adorar o Pai, realizar Sua obra e ensinar o povo. Como aprendizado para nós, fica a idéia de que *Deus não quer religiosidade, mas a fé verdadeira de quem sabe descansar nEle e confiar na Sua direção.*

6) Deus continua trabalhando, moldando Sua criação até hoje, através das nossas vidas. Em 1 Co 3: 9 Paulo fala: "Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós". O Senhor criou o mundo, mas o homem caiu em pecado, por isso Ele continua a trabalhar em nossa alma para restaurar a perfeição original que foi perdida. Ele nos usa para curar, libertar, ensinar e amar nossos semelhantes, por isso somos Seus cooperadores para reedificar os muros destruídos pela assolação do diabo.

Nosso coração é a terra, a lavoura onde Suas sementes de vida são plantadas e precisam florescer para podermos 'voltar ao Éden'.

7) A palavra de Deus nos sara de qualquer tipo de doença. No texto acima podemos ler: "uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse". A palavra de Deus nos sara de todo e qualquer tipo de doença e problema; basta colocar nossa fé em ação.

As palavras hebraicas e gregas e as versões bíblicas

Vamos falar um pouco do texto bíblico, em especial do v. 4, que não consta dos manuscritos originais, e também das palavras gregas e das diversas versões sobre o v. 2, que têm trazido um pouco de confusão na interpretação.

A versão ARA diz em Jo 5: 1-2: "Passadas estas coisas [a cura do filho de um oficial do rei na Galiléia], havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém. Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões."

Alguns manuscritos escrevem o nome de 'Be(th)zatha' ou 'Betsaida' (não confundir com Betsaida da Galiléia). Βηθζαθά (Beth-zatha = בית חדתא), é uma forma derivativa de Bezetha (Hebr.: בית זיתא), um bairro ao norte de Jerusalém.

A Concordância de Strong escreve a palavra grega para 'tanque' como 'kolumbéthra', κολυμβήθρα, Strong #2861, que significa não exatamente um tanque, mas uma piscina, onde pessoas podem mergulhar; lit: 'um local de mergulho ou natação'.

A palavra grega para 'das Ovelhas' é 'probatikos', προβατικός, Strong #4262, que significa: relativo a ovelhas (probaton), (mercado) de ovelhas ou um portão através do qual eram conduzidas para Jerusalém (KJV com Strong).

E para a palavra Betesda, a Concordânia de Strong escreve Béthesda ('Beth hasda' ou 'beth hased'), Βηθεσδά, Strong #964, de origem aramaica (בית חסד), e que significa: casa da bondade, casa da misericórdia ou casa da graça. A palavra hebraica Hesedh ou Chesedh (חסד) significa graça, misericórdia, benignidade, bondade, benevolência, amabilidade, beleza, favor, boa ação, pena.

No tempo de Neemias, a Porta das Ovelhas ou Porta do Gado no muro norte da cidade de Jerusalém, após o retorno dos exilados, servia de passagem para as ovelhas até o Segundo Templo. E a enciclopédia judaica realmente se refere a um portão de ovelhas apenas na época de Neemias, no muro norte da cidade de Jerusalém. Provavelmente, foi destruído no período helenístico (em especial por Antíoco IV Epifânio), da mesma forma que os muros da cidade, por isso a expressão 'Porta da Ovelhas' descrita em Jo 5: 2 não foi exatamente escrita pelo apóstolo João e sim acrescentada mais tarde.

A Nova Bíblia Americana Edição Revisada (NABRE) escreve: "Ora, em Jerusalém, no [Portão] das Ovelhas, há um tanque chamado em hebraico Betesda, com cinco pórticos". E comenta: "Não há um outro substantivo junto com 'Ovelhas'. A palavra 'Portão' foi adicionada com base no fato de que deve ter havido um portão na parede nordeste da área do templo, onde os animais para sacrifício eram trazidos; cf. Ne 3: 1, 32; Ne 12: 39".

Na KJV, na Bíblia King James Fiel 1611 e na Versão King James do século 21, está escrito: "Ora, havia em Jerusalém próximo ao **mercado** das ovelhas um tanque, que é chamado na língua hebraica Betesda, o qual tem cinco pórticos".

Na Bíblia de Stuttgart Texto Grego Receptus, está escrito ‘curral’ e não ‘porta’: “Ora, em Jerusalém há, perto do **curral** das ovelhas, o tanque escolhido dos judeus, chamado Betesda, o qual tem cinco pórticos (‘stoas’)” [εστιν δε εν τοις ιεροσολυμοις επι τη προβατικη κολυμβηθρα η επιλεγομενη εβραιστι βηθεσδα πεντε στοας εχουσα].

Dependendo da versão bíblica (como você viu acima), o nome do local como sendo perto da ‘Porta das Ovelhas’, pode ser meramente uma referência à Porta das ovelhas do tempo de Neemias, que estava ao norte da cidade e era o local por onde as ovelhas entravam no templo. Mas na época de Jesus, ela não mais existia. Podemos pensar num local de mercado desses animais.

Informações históricas e arqueológicas:

Localização

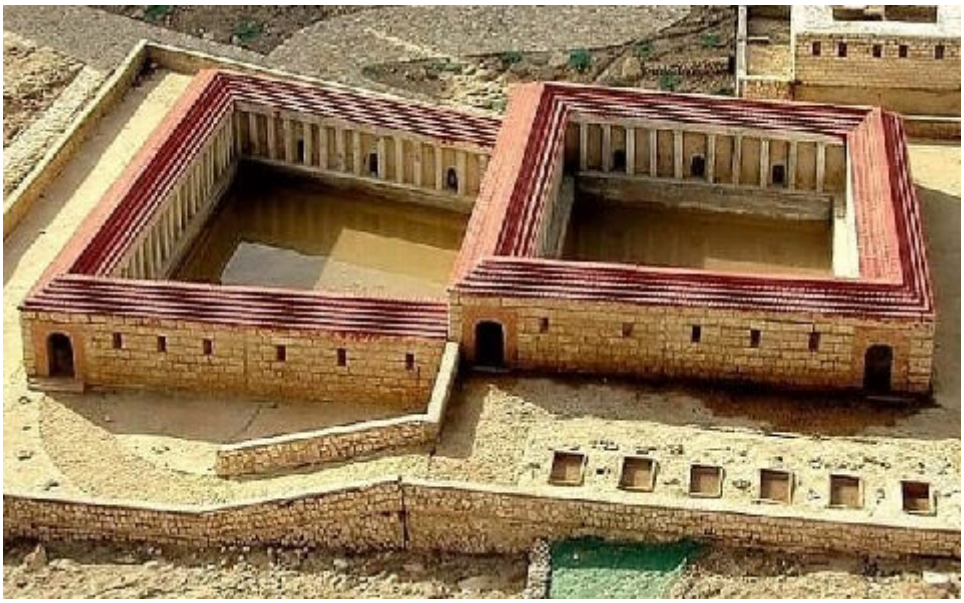
Embora o nome específico “Tanque de Betesda” não seja explicitamente mencionado nos escritos de Flávio Josefo, ele se refere à área onde o tanque estava localizado, perto do mercado de ovelhas em Jerusalém. Josefo disse que o bairro de Bezeta ficava ao norte da Fortaleza Antônia e mais tarde foi murado. Bezetha (hebraico: בית זיתא), segundo Josefo, significa ‘A Cidade Nova’ e era um subúrbio de Jerusalém durante o final do período do Segundo Templo. Localizava-se ao norte e noroeste do Templo, construído em frente à Fortaleza Antônia [Josefo, Guerra dos Judeus v.iv.§ 2]. Essa descrição se alinha com o local identificado para o Tanque de Betesda. Na época de Josefo, Bezeta foi construída numa colina mais elevada que a Fortaleza Antônia, do outro lado do vale parcialmente escavado propositadamente, com o objetivo de manter a segurança do novo bairro dos soldados romanos residentes na Fortaleza.

O Tanque de Betesda

Em escavações arqueológicas realizadas no século XIX, Conrad Schick descobriu um grande tanque situado na região mencionada por Flávio Josefo, e que ele identificou como o tanque de Betesda. Outras escavações arqueológicas em 1964 descobriram a segunda das duas grandes piscinas e a barragem entre elas, os restos das igrejas bizantinas e cruzadas, o Templo de Adriano para Asclépio ou Serápis e as pequenas piscinas de cura de um Asclepeion (antigos 'hospitais' dedicados a Asclépio). Descobriu-se que a igreja bizantina havia sido construída exatamente acima do templo de Adriano e continha as piscinas de cura.

Asclépio (em grego) ou Esculápio (em latim) era o deus da cura e do bem-estar. Serápis foi uma divindade na cultura helenístico-egípcia que unia os deuses egípcios Ápis (o deus da terra, que mantinha a força vital) e Osíris (o deus do mundo dos mortos). Seu nome inicial em egípcio era Aser-hapi ou Osíris-Ápis, e mais tarde foi chamado Serápis. Ele era geralmente considerado o deus do submundo, curandeiro e protetor dos aflitos, proporcionando asilo em seu templo. Era representado como um homem maduro, com barba longa e cabelos longos, com uma cesta na cabeça (a corbelha sagrada dos mistérios, símbolo da abundância) e segurando o bastão de Asclépio.

Não é verdade que essa piscina foi usada para lavar ovelhas, como afirma a lenda popular, mesmo porque uma das piscinas servia como abastecimento de água e ambas tinham uma grande profundidade (13 metros). Talvez, nós possamos imaginar que os seis tanques pequenos que vemos nas imagens de Betesda, do lado de fora das piscinas, fossem um lugar para lavar ovelhas, uma vez que aquele local também parecia ser um mercado de ovelhas, pela referência da KJV ('mercado') e do Texto Grego Receptus ('curral').



Imagens dos dois tanques de Betesda e os pequenos tanques do lado de fora

Alguns estudiosos acreditavam que este era um local pagão, mas o recente trabalho arqueológico no local (1964) sugere que ele não foi um local dedicado aos deuses romanos, egípcios e gregos (Esculápio, Serápis e Fortuna) até que os romanos reedificaram Jerusalém como Aelia Capitolina no século II DC no reinado de Adriano (r. 117-138 DC), quando um santuário pagão de cura se desenvolveu um pouco a leste

da piscina de Betesda. Segundo algumas fontes, no século I AC, cavernas naturais a leste das duas piscinas foram transformadas em pequenos banhos, como parte de um Asclepeion.

Piscina Inferior de Betesda – achado arqueológico (vista leste)

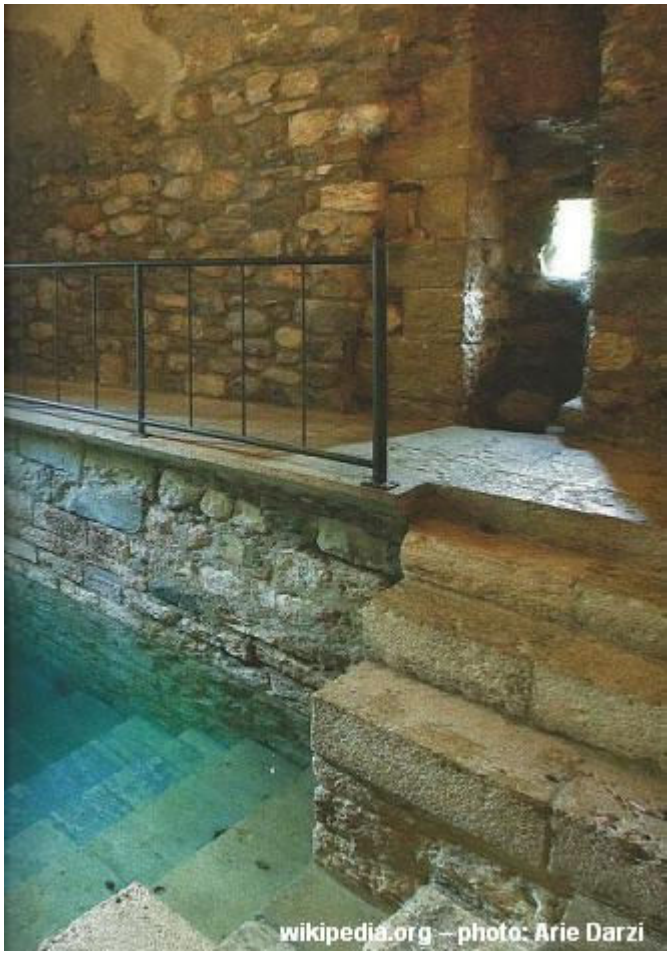
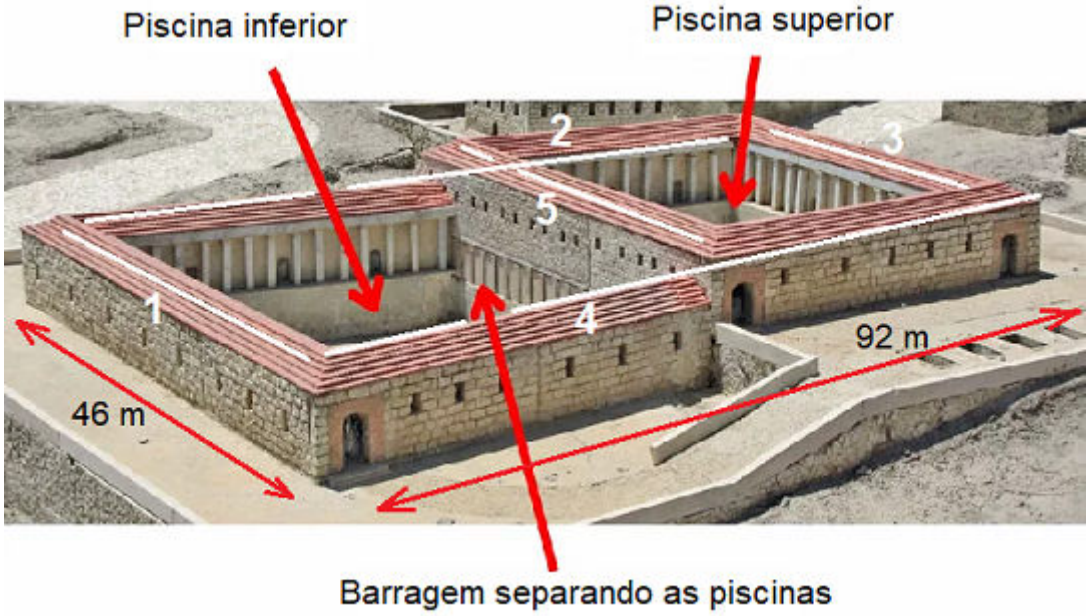


Imagem acima: Um mikvá em Besalu, Catalunha, Espanha (wikipedia.org – foto: Arie Darzi). Note os degraus até a coleção de água

O Tanque de Betesda mencionado em Jo 5: 2 tem uma piscina superior e inferior. Sua referência às cinco colunatas cobertas (algumas versões bíblicas escrevem 'alpendres') ou pórticos ou pavilhões ou 'stoa', deve-se ao fato de que em toda a sua volta ela era cercada por quatro pavilhões e dividindo as duas piscinas, a superior e a inferior, havia um outro pórtico com colunatas. De acordo com a Mishná Judaica (a Lei oral escrita no século II DC), Betesda era de fato um tanque de purificação ritual judaico (um mikveh), onde a piscina superior era um 'otzer', isto é, um reservatório para coletar água da chuva. Por isso, essa piscina superior provia com água limpa a piscina inferior onde se realizavam os banhos rituais, antes que as pessoas entrassem no Templo. Segundo as prescrições da Mishná, a água para um miqveh deve ser "água viva", ou seja, uma água limpa e, de preferência, de uma corrente natural ou água que se movimente (como a chuva), em contraste com a de um poço ou cisterna, que provém de um lençol freático, portanto, um tipo de água parada, estática, "não viva".

O Tanque de Betesda tinha aproximadamente 46 metros por 92 metros, representando um reservatório duplo, encontrado durante as escavações em 1888 e uma profundidade de 13 metros [wikipedia.org], no estilo mikveh mesmo, com degraus. Outras fontes dizem que a parede noroeste media 66 metros, a nordeste media 60 metros, portanto não era um retângulo perfeito. Não se sabe se o côvado usado naquele tempo para Betesda foi o côvado comum de 44,4 cm ou o côvado sacro de 51,8 cm (côvado de Ezequiel ou Mosaico), mas se fizéssemos uma média de 50 cm por exemplo, e sabendo que um mikveh tem mais ou menos 3 côvados de profundidade para a água (água suficiente para cobrir todo o corpo de uma pessoa de tamanho médio), teríamos 1,5 m de profundidade de água em Betesda e os outros 11,5 metros seriam distribuídos nos degraus. Outros mikveh eram usados pelas pessoas antes de entrar no templo, como por exemplo, os do sul do Templo, em frente às Portas de Hulda.



Os 5 pórticos do Tanque de Betesda e as medidas

Além das cisternas escavadas na rocha e rebocadas, uma característica comum em muitas casas, os habitantes de Jerusalém também utilizavam tanques públicos de armazenamento. Entre eles, estavam os Tanques de Betesda e o Tanque de Israel, ao norte do Monte do Templo, e o Tanque de Ezequias (ou 'Tanque da Torre'), ao norte da Torre de Davi, do lado oeste da cidade, próximo ao palácio de Herodes. No sudeste e leste, havia o manancial de Giom e o poço de Siloé. Os tanques ao norte do Monte do Templo provavelmente também serviam ao Templo e sua água era usada para lavar o sangue do altar e do pátio, bem como para dar de beber ao gado usado em sacrifício. Havia outro poço de abastecimento da cidade, o Tanque da Serpente, ao sudoeste da cidade, mas não se sabe nada a respeito dele. Também não se sabe exatamente quando os tanques foram construídos, mas com certeza foram ampliados durante o Período Asmoneu devido à crescente necessidade de água em Jerusalém.

Na Imagem abaixo: o Tanque de Israel

O Tanque de Israel era uma cisterna pública localizada no canto nordeste do Templo. Acredita-se que os romanos tenham erguido essa estrutura como um reservatório de água e uma proteção para a parede norte do Monte do Templo. Ele ficava ao sul do Tanque de Betesda e no lado ocidental do Vale do Cedrom. Caiu em desuso como reservatório em meados do século XIX, e por causa dos resíduos, foi reaproveitado como uma horta. Em 1934, a área foi preenchida e agora é reconhecida como Praça el-Ghazali. Este reservatório foi o maior de Jerusalém, e desempenhou um papel crucial no sistema de armazenamento de água da chuva da cidade durante séculos.

Mover as águas

Nós vimos no início que a bíblia escreve no v. 4: "[esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse]". Esse versículo não consta dos manuscritos originais.

Ulrich Von Wahlde, um estudioso do NT, sugeriu que a agitação da água pode ser explicada pelo movimento da água da parte superior para a piscina inferior através de um portão de eclusa (uma comporta), que poderia ser aberta entre as duas piscinas; assim, a água correria para a piscina do sul, vinda do suprimento de água da piscina mais alta ao norte.

Alguns intérpretes concluem que talvez esse verso seja uma nota explicativa adicionada posteriormente. Mas provavelmente ela descreve uma crença popular da época, independentemente das referências feitas a Esculápio. Mesmo porque no versículo está escrito: "e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse", o que teoricamente invalidaria a misericórdia de Deus. Por que Ele enviaria Seu anjo de tempos em tempos para curar apenas um enfermo? Isso deveria gerar ansiedade em todos eles, ainda mais em pessoas doentes há tantos anos como esse homem.

O Tanque de Betesda era grande por causa do número de pessoas (Jo 5: 13). Assim, a água provavelmente se tornava muito suja e contaminada. Portanto, uma grande infusão de água limpa era introduzida na piscina através da comporta da piscina superior movendo a água do mikveh. Os peregrinos de Jerusalém afluíam para a piscina de Betesda e a piscina de Siloé para se purificarem nesses mikva'ot públicos e, às vezes, buscarem a cura.

Então, se a piscina em questão não era um centro de cura pagã, mas uma piscina de purificação judaica, aprendemos algo importante sobre as crenças do homem. Ele não estava buscando o poder de um deus pagão de cura, mas ele cria no poder miraculoso de Deus, não importa se pelo misticismo da sua mente ou da mente daquela geração ou por fé genuína do seu espírito. O fato é que ele buscava sua cura e cria que Deus poderia operar de maneira diferente do convencional, independente de regras, diferente da maneira que os religiosos estipulavam. Pelo que dá para perceber, esse era um pensamento coletivo, não apenas dele, pois os outros também acreditavam que o borbulhar das águas poderia favorecê-los (Jo 5: 7).

E se havia outros judeus ali para repreendê-lo e para perguntar quem o havia curado, é sinal de que eles todos eram judeus e aquele local era conhecido dos líderes como um local de purificação ritual. Eles também acreditavam em cura e estavam ali não para negar a cura, mas para julgá-lo por carregar seu leito no sábado (Jo 5: 9-10), assim como para acusar Jesus de curar no sábado (Jo 5: 16; 18). A cura em si e o poder de Deus de curar o homem não estavam em jogo, e sim o legalismo de acusar o homem de fazer o que não era permitido no sábado e de acusar Jesus por fazer isso no sábado e ainda se dizer Filho de Deus (Jo 5: 16-18).

Na cultura de Israel e sua simbologia, o ritual de purificação significava uma restauração de vida e da totalidade de uma pessoa, no corpo, na alma e no espírito. Com suas águas límpidas, o Mikvah era e ainda é para os judeus um poderoso símbolo de vida e renascimento. Por isso, por que acusar ou julgar atitude desse homem em tentar alcançar sua cura dessa maneira, na água que estava "viva" e que trazia o poder de Deus? Muitas pessoas usam a frase de Jesus ("Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior" – Jo 5: 14) como uma explicação de que o paralítico era um judeu desesperado e supersticioso que havia buscado a ajuda de um deus pagão e que Jesus o advertia contra a idolatria. Nesse caso, ele teria cometido o pecado de ir em busca de um socorro que lhe era proibido. Mas a arqueologia não confirmou ali um tanque de purificação (um mikveh), com muitos degraus, típico da religião judaica? E o que os legalistas estavam fazendo ali também para vigiar tudo? Num lugar pagão? Não faz sentido. Além disso, o pecado do homem a que Jesus se referia era estar ali buscando a cura ou o pecado que o havia paralizado há 38 anos?

2

A cura do cego de Jericó
Mc 10: 46-52; Lc 18: 35-43; Mt 20: 29-34

A cura do cego de Jericó
Textos de referência: Mc 10: 46-52; Lc 18: 35-43; Mt 20: 29-34

"E foram para Jericó. Quando ele saía de Jericó (Mc 10: 46; Mt 20: 29), juntamente com os discípulos e numerosa multidão, Bartimeu, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho [Lc 18: 35 diz: "Aconteceu que, ao aproximar-se ele de Jericó, estava um cego assentado à beira do caminho, pedindo esmolas"]. E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim! E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele cada vez gritava mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Parou Jesus e disse: Chamai-o. Chamaram, então, o cego dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama. Lançando de si a capa, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus. Perguntou-lhe Jesus: que queres que eu te faça? Respondeu o cego: Mestre, que eu torne a ver. Então, Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E, imediatamente, tornou a ver e seguia a Jesus estrada fora".

Essa é uma das passagens onde Jesus curou um cego de uma maneira diferente da que curou os outros: em Marcos (Mc 8: 22-26 – o cego de Betsaida) com saliva nos olhos e em João (Jo 9: 1-12 – o cego de nascença), com lama e saliva, mandando lavar-se no tanque de Siloé.

Neste texto, a bíblia fala que o nome do cego era Bartimeu que, em hebraico, quer dizer: *filho de Timeu.* Timeu significa: *altamente considerado, altamente cotado, altamente estimado.* A primeira lição é: *não herdamos as conquistas particulares espirituais, emocionais ou sociais de ninguém, nem dos nossos pais*; *cada um tem sua própria 'terra prometida' a conquistar*. O pai de Bartimeu poderia ser homem importante pelo seu mérito, pode ter conquistado sua posição diante da sociedade, mas o filho não conseguiu a mesma coisa. Somos espíritos com características diferentes. Por exemplo, o que podemos herdar são certos dons naturais presentes na família, porém, cabe a nós determinar a forma de usá-los. As nossas vitórias pessoais, apenas nós podemos ter. Nossa missão, só nós podemos cumprir; nossa cruz, só nós podemos carregar.

Essa Jericó foi erigida por Herodes, o Grande, e era um lugar rico, especialmente para aqueles que cobravam impostos (Tanto é que Lucas menciona logo a seguir a história de Zaqueu, o publicano, que morava em Jericó – Lc 19: 1-10). Não é a mesma Jericó que foi vencida por Josué ao entrar na Terra Prometida. Em Lucas, a bíblia fala (Lc 18: 35) que ele estava assentado à beira do caminho pedindo esmolas e em Marcos, o descreve como cego mendigo, ou seja, era cego e pobre no meio de uma cidade rica.

A bíblia não fala aqui que ele era cego de nascença, mas presume-se que ficou cego depois, pois no versículo 51 de Marcos ele diz: "Que eu torne a ver". Não se sabe o que o cegou, se uma doença orgânica (física, do próprio corpo) ou um acidente. Entretanto, o fato de estar fisicamente cego naquele momento e, provavelmente, por um bom tempo em sua vida, fez com que desenvolvesse outra visão, a espiritual, já que não tinha as distrações da visão física, e isso o fez reconhecer que Jesus era o Messias, o Filho de Davi, Aquele que tinha capacidade de restaurá-lo totalmente. *Quando Deus retira de nós certas distrações materiais e físicas, tem um propósito: desenvolver em nós outro tipo de percepção da vida e que nos levará a reconhecer a necessidade dEle, preparando-nos para o momento de encontro real com Ele.* Bartimeu, com certeza, teve tempo de meditar bastante e estava interiormente preparado para esse encontro, tanto é que, sua sede interior de ser tocado por Jesus o ajudou a superar todos os impedimentos

da multidão tentando fazê-lo se calar. O interessante é que Jesus não se importou com as vozes exteriores e superficiais da multidão que O seguia até por curiosidade. Ele estava atento às vozes interiores dos aflitos e contritos de coração que, realmente, O desejavam. É estranho pensar que diante do barulho de uma multidão, alguém possa identificar o pedido de uma única voz, porém, Jesus parou porque ouviu Bartimeu e disse: "Chamai-o". Quando Ele o chamou, provavelmente a multidão se calou para ver o que aconteceria. *Muitas vozes podem falar no nosso interior ou ao redor de nós, tentando impedir o chamado do Senhor, mas quando o clamor do nosso coração é sincero, Jesus vem ao nosso encontro. Quando Ele confirma o chamado, as vozes se calam e aí Ele fala.*

A bíblia diz em Marcos 10: 49: "Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama". Em grego, a expressão 'tem bom ânimo' significa 'tem coragem'. Primeiro, nós reconhecemos nossas fraquezas, nossa miséria espiritual e nossa necessidade de Deus. Depois, reconhecemos que a solução é Jesus. Então, gritamos por Sua ajuda e nos dispomos a buscá-lO, mesmo que tudo ao redor diga não. E quando chega o momento, descobrimos que precisamos ter coragem. Coragem para quê? Para fazer o que o cego fez: saiu da oração e do clamor e passou à ação. Mesmo não enxergando claramente para onde ia e dependendo dos outros para conduzi-lo a Jesus, ele realizou um movimento interior; levantou-se, ou seja, ele deixou de se ver como um coitado, impotente, para tomar posse da bênção. Ele também ficou de pé, assumiu sua posição de autoridade e dignidade diante daquela situação e diante das pessoas e se dispôs a ser ajudado e abençoado. Lançou de si a capa, o que significa que abriu mão do rótulo e do estigma, pois os cegos eram, naquele tempo, reconhecidos pela capa que usavam. Abriu mão da timidez, da situação em que se escondia e das limitações interiores. Talvez, muitos anos de humilhação e derrota o tenham deixado medroso, sem coragem de se arriscar novamente; ou tenham tirado dele a esperança de ser alguém honrado de novo, capaz de dirigir sua vida ou de ganhar seu sustento; ou tenham, apenas, servido para prová-lo e fortalecê-lo na fé de que o Messias esperado poderia vir um dia e tocar nele. Se ele viu em Jesus o Messias, o Filho de Davi, era de se supor que conhecia as Escrituras e cria nelas. Embora sua alma estivesse desesperançada com a aparente impossibilidade de cura, seu espírito, com certeza, mantinha acesa a chama da fé. Essa fé proporcionou a ele a noção correta do momento de tomar posse da bênção e seu espírito fortalecido deu condições à sua alma para vencer suas próprias limitações e preconceitos e se levantar, harmonizado com a vontade de Deus para ele. A bíblia fala que ele se levantou de um salto, ou seja, rapidamente; ele estava decidido, queria esse encontro e foi ter com Jesus.

O interessante é que Jesus poderia ter facilitado as coisas para o cego indo até ele, mas parou a certa distância para que o cego viesse. Era mais uma prova para ver sua fé e se seu desejo era realmente grande de ser tocado por Ele. Podemos imaginar que Jesus também o beneficiou com essa atitude, honrando-o diante das pessoas que antes o humilharam, isto é, usou aqueles que tentaram impedir a bênção para ajudá-lo a conquistá-la. Ele os mandou chamá-lo, fazendo-o se sentir especial e importante, individualizando-o diante da multidão. *Jesus nos trata individualmente,* mostrando que, mesmo que exista uma multidão ao nosso lado, Ele nos reconhece pessoalmente e nos chama, trata particularmente do nosso problema, quando nos dispomos realmente a buscá-lO e quando desejamos superar todas as barreiras para conseguir nossa promessa.

O próximo passo de Jesus foi intrigante. Ele perguntou: "Que queres que eu te faça?" Nós podemos pensar que se trata de uma pergunta desnecessária, já que é lógico que um cego peça a cura para sua cegueira, mas Jesus sabia o que fazia. Ele queria ver se Bartimeu tinha noção do que era realmente prioritário em sua vida, se seu pedido

estava em conformidade com o desejo do coração de Deus para ele. Ele poderia pedir muitas coisas para Jesus: para ter reconstrução familiar, para ter sua casa própria ou para ter alguém que o acolhesse ou sustentasse financeiramente ou muitos pedidos materiais, todavia, sua necessidade era outra. Ele precisava conhecer verdadeiramente o Messias e experimentar Seu poder sobre si; precisava ver as coisas e sua própria vida de outra forma. Por isso ele pediu para recuperar a visão. A expressão 'que eu torne a ver', em grego, significa: 'que eu recupere a visão, que eu receba a capacidade de dirigir ou reconsiderar, que eu saiba ver com os olhos da mente'. Talvez, ele pudesse reconhecer Jesus como seu Salvador e Aquele que seria capaz de restaurar sua identidade e auto-estima, mas não tinha ainda a visão de como conseguir ser alguém de valor, capaz de trabalhar novamente pelo seu sustento e se mostrar às pessoas como uma testemunha viva do poder de Deus. De certa forma, essa história é parecida com a de Jó, que antes conhecia a Deus de ouvir falar, mas depois do seu sofrimento passou a conhecê-lO, porque o via de verdade; experimentou-O em si mesmo. O projeto de Deus para nós é que conheçamos a verdade da Sua palavra e tenhamos abertos os olhos da nossa alma e do nosso espírito para podermos caminhar com dignidade e autoridade. Bartimeu chamou Jesus de Mestre (Rabi), pois sabia que nEle havia a sabedoria para ensiná-lo a fazer todas as coisas e que Ele era o verdadeiro caminho. Então o Senhor lhe disse: "Vai, a tua fé te salvou". E, imediatamente tornou a ver.

Em Marcos e Lucas, a bíblia relata que Jesus *disse* para recuperar a vista e, em Mateus, fala que *lhe tocou os olhos*. O fato de tocar seria, talvez, para confirmar o que estava fazendo, pois o cego era sensível à informação tátil, e para deixar nele uma certeza física de que fora realmente curado, uma marca sensorial em seu cérebro; talvez, para satisfazer sua necessidade de ser tocado por Jesus. Como Deus deixou Jacó coxo de uma perna como uma marca do seu encontro com Ele, Jesus, em várias curas realizadas na bíblia, deixou *impressa na memória das pessoas a marca do Seu toque*, pois conhece a necessidade de cada um dos Seus filhos.

Quando estudamos sobre a cura do paralítico de Betesda, Jesus disse: "Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior" (Havia pecado gerando ou perpetuando sua doença). No caso do cego de Betsaida, nós pudemos ler: "Jesus tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia", ou seja, antes de curá-lo, Jesus o removeu da fonte da doença (a cegueira espiritual estava envolvida). Aqui, o caso é outro. Segundo o evangelho de Lucas, Bartimeu soube de Jesus quando Ele se aproximava de Jericó, portanto, a causa de sua cegueira, espiritualmente falando, não era a influência externa da aldeia nem da idolatria pagã. O Senhor não o afastou da aldeia, mas Bartimeu seguiu Jesus de volta para Jericó. Isso quer dizer que Bartimeu cria, já tinha conhecimento da Palavra e esperava um Messias, não havia pecado envolvido na sua doença. Por isso, Jesus apenas disse: "Vai, a tua fé te salvou". Isso nos ensina que apenas Jesus conhece a causa verdadeira de uma doença, e quando a cura, toca diretamente na raiz para que a pessoa veja e se posicione agora da maneira correta diante de Deus. A cura de um mendigo mostrava a uma cidade rica que para Deus não há acepção de pessoas, mas o que importa é a fé, pois o dinheiro e o status de uma pessoa não compram Suas bênçãos.

Você precisa ver com os olhos de Deus?

Peça a Ele e tenha seus olhos abertos hoje, em nome de Jesus. Receba a sua vitória.

3

A seara do Senhor e a escolha dos doze apóstolos
Mt 9: 37-38 e Mt 10: 1-4

A seara do Senhor e a escolha dos doze apóstolos
Textos de referência: Mt 9: 37-38 e Mt 10: 1-4

Vamos falar sobre os dois últimos versículos de Mt 9, quando Jesus orienta Seus discípulos a clamarem ao Pai para levantar trabalhadores para a Sua seara e sobre a escolha dos doze (Mt 10: 1-4). Está escrito: "E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois ao senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Tendo chamado seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu" (cf. Lc 6: 12-16).

O Mestre estava falando para rogar a Deus pedindo trabalhadores para a Sua seara, ou seja, estava explicando aos discípulos que Sua obra é grande e é preciso que Ele mesmo traga os trabalhadores para ela, isto é, que chame aqueles cujo coração está voltado às coisas do céu mais do que às coisas da carne, pois precisam ser treinados de uma maneira diferente da que aqueles que se importam apenas com a vida natural. O chamado específico de Deus para certas pessoas para realizar a Sua obra é de vontade e conhecimento exclusivo dEle. Seu trabalho é muito grande, pois envolve a salvação de almas e, conseqüentemente, uma dedicação, uma entrega e uma disposição maior dos Seus discípulos, mesmo tendo que correr certos riscos para cumprir a missão que lhe foi dada. Podemos ver que todos os seguidores de Cristo sofreram pela causa da justiça, arriscaram suas vidas e pagaram um preço alto por causa daqueles que Jesus desejava salvar. Tiveram ousadia e perseverança e, com certeza, obtiveram grande galardão diante do Senhor.

Vamos dar enfoque a dois pontos interessantes sobre a escolha dos doze apóstolos:

1º) As características daqueles a quem chamou para ser apóstolos.

2º) A capacitação que lhes foi dada para exercerem a missão.

1º) Características dos chamados: Em primeiro lugar, o número deles foi doze, pois o *número doze* significa o *número da eleição divina, do chamado, dos propósitos eletivos de Deus.* Repetindo, seus nomes são: Simão Pedro e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu (Natanael); Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu (também chamado Judas); Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes.

Nós pouco sabemos a respeito da personalidade dos discípulos, a não ser pelo que podemos inferir de suas atitudes nos evangelhos.

a) Simão (Σίμων): era uma forma posterior do nome *Simeão* que, em hebraico, significa: *"audição, o que ouve, Deus ouviu".* A palavra hebraica é *Shim'ôn*, que deriva de *Shâma' (ouvir)*. Mais tarde, o Senhor lhe acrescentou o nome de *Cefas* (aramaico) ou *Pedro* (grego), que significa: *"rocha, pedra".* Provavelmente, Pedro era um tipo sangüíneo, com emoções afloradas, leal em suas amizades, sincero, porém, inseguro e necessitando de mais domínio próprio. É só analisar as suas reações durante sua caminhada com Jesus. E por ter família e responsabilidades com o negócio da pescaria (Lc 5: 10), deveria ser um homem também preocupado em fazer o melhor que podia, e em tudo o que fazia colocava todo o seu ser. Quando sacou a espada no Getsêmani para proteger Jesus e cortou a orelha do servo do sumo sacerdote, ele mostrou que com ele era tudo ou nada. Mas logo depois acabou negando Jesus na casa de Caifás por medo de

ser preso e morrer. Uma instabilidade emocional visível e compreensível, em se tratando de um ser humano em uma situação de tamanho perigo.

Além de *Pedro*, o outro Simão descrito é *Simão, o Cananeu ou Simão, o zelote*. Era assim chamado *zelote* (grego: *zelõtes*) por causa do seu zeloso temperamento com as coisas do Senhor e do reino de Deus. Não se sabe exatamente se ele era um revolucionário. Talvez, o povo tenha lhe dado esse apelido pelo fato do seu espírito zeloso lembrar o comportamento dos seguidores do partido dos zelotes, fundado por Judas, o Galileu, que liderou uma revolta contra os romanos em 6 DC e se opunha ao pagamento de tributo dos israelitas a um imperador pagão. Foram apelidados zelotes por seguirem o exemplo de Matatias e seus filhos e seguidores, pelo seu zelo pela Lei de Deus quando Antíoco IV tentou suprimir a religião judaica (Macabeus), por volta de 167–163 AC. Portanto, *a primeira característica de um discípulo é* saber ouvir a voz do Senhor (ser 'Simão') e permanecer firme nessa convicção, ou seja, deixar a Palavra ser uma rocha no seu espírito; em outras palavras, ser uma pessoa firmada na Palavra, que é o próprio Jesus, a Rocha, e zelar pelas coisas de Deus (ser um 'zelote').

b) André era irmão de Pedro e foi quem o apresentou a Jesus (Jo 1: 41-42). André havia sido discípulo de João Batista e seguiu Jesus por causa do testemunho do profeta (Jo 1: 37; 40). Seu temperamento parecia ser mais prudente e sensível do que o de Pedro, estando disposto a ajudar e tomando atitudes práticas: "Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, informou a Jesus: Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos ; mas isto que é para tanta gente?" (Jo 6: 8-9). André é um nome grego que significa: *"varonil, viril, vencedor"*. Portanto, a *segunda característica de um discípulo é* se posicionar como uma pessoa corajosa e vencedora.

c) João, filho de Zebedeu, deveria ser um tipo mais pacífico e amoroso, mais sensível à essência das coisas e das pessoas, entretanto, com um temperamento explosivo em se tratando de situações mais sérias, pelo fato de Jesus tê-lo chamado, juntamente com seu irmão Tiago, de Boanerges (Mc 3: 17), que quer dizer "filhos do trovão". João e Tiago eram Galileus com espíritos fortes, determinados e impetuosos e, provavelmente, com um sentimento nacionalista que trazia a eles um comportamento um tanto impaciente com as injustiças e com a opressão. Entretanto, fica muito claro seu caráter sempre disposto e servir. Talvez houvesse certa ambição nos seus corações (de João e Tiago) de um dia serem mais do que eram agora, pelo fato de disputarem a posição à direita e à esquerda de Jesus no Seu trono. João era o mais jovem dos apóstolos, e bem próximo a Jesus. Por ter seguido Jesus até a casa de Anás (Jo 18: 15 – João era conhecido do sumo sacerdote) e depois à de Caifás (Jo 18: 24), depois que O prenderam no Getsêmani, nos faz pensar que ele era fiel e jamais seria capaz de abandonar um amigo em apuros, mesmo colocando em risco sua própria vida. Ainda que fosse conhecido dos servos do sumo sacerdote ali, a agitação daquele momento era grande e tudo poderia se voltar contra ele, pelo fato de ser um discípulo de Jesus. Também foi o único discípulo que esteve presente abertamente na crucificação.

Seu nome (João) é de origem judaica *(Yôhãnãn)* e significa *'O Senhor é gracioso'*. *Graça* significa: um favor imerecido de Deus, ou seja, um favor divino, simplesmente porque Deus é abençoador, não porque precisamos fazer algo para merecê-lo. Em hebraico, a palavra usada em alguns textos do Antigo Testamento, é *hesedh* ou *chesed* (misericórdia), e *chen* (graça, favor) ou *chanun* (o adjetivo), derivada de *chanan,* uma raiz primitiva que significa *graciosidade, amabilidade, beleza, favor ou boa vontade.* Portanto, ser como João é *ter a certeza de que Deus é abençoador, provedor de toda graça e de todo favor.*

d) Tiago. O evangelho fala de dois Tiago: o primeiro (também conhecido como Tiago, o maior), irmão de João, filho de Zebedeu e Salomé; e o segundo Tiago (o

menor), filho de Alfeu – Mt 10: 3; Mc 3: 18; Lc 6: 15; At 1: 13 (conhecido como Clopas, cf. Mt 27: 56; Mc 15: 40; Lc 24: 10; Jo 19: 25) e irmão de José (este não escolhido por Jesus para ser apóstolo). Sua mãe se chamava Maria (Mc 15: 40; Mt 27: 56). Presume-se que o significado do apelido 'menor' seja, talvez, por ele ser de estatura menor que Tiago, irmão de João, ou mais moço do que ele; ou, então, por ter sido o segundo Tiago escolhido por Jesus como discípulo. Outra hipótese está relacionada ao terceiro Tiago, o irmão de Jesus, ordenado como primeiro bispo de Jerusalém, e conhecido como *'Tiago, o Justo',* ou *'Tiago, o irmão do Senhor'* (Gl 1: 19), o escritor da epístola com o mesmo nome.

Tiago, o irmão de João, foi um dos três discípulos mais próximos de Jesus, ao lado de João e Pedro. Esteve presente na ressurreição da filha de Jairo, na transfiguração de Jesus e no Getsêmani.

Seja como for, seu nome é derivado do grego, *Iákõbos,* uma transliteração do hebraico, *Ya`aqob* ou *Ya'aqõbh* (Strong #3290 – יעקב), *Jacó, segurador do calcanhar, suplantador, 'enganar', 'lograr'.* Outro significado para o seu nome é: *'o que enverga, mas não quebra', 'inda e vinda', 'aquele que oscila'.* Isso quer dizer que, apesar das fraquezas da carne como indecisão, insegurança e até um espírito competitivo, Jesus pode escolher alguém, transformando essas deformações de caráter em qualidades como: a *capacidade de permanecer inquebrantável nas lutas e manter intacto o espírito combativo (lutador) para se conseguir o que se almeja.* Em outras palavras, apesar das investidas do inimigo tentando derrubar um servo de Deus, ele pode ter a certeza de vai 'envergar', mas não vai se quebrar, que pode oscilar às vezes como um ser humano de carne, porém seu espírito se mantém na força de um guerreiro pela fé em Jesus e na Sua promessa. É algo parecido com o que aconteceu no Antigo Testamento com Jacó, que depois de ter lutado com o anjo teve seu nome mudado para *Israel* (yiś·rā·'êl – ישראל – Strong #3478), que significa: *"o que luta com Deus e prevalece, vencedor, príncipe de Deus";* no original em hebraico: *"ele governará como Deus".*

Segundo alguns estudiosos o nome de Israel é mais provavelmente uma compilação do verbo *'sarar'* e o substantivo *El,* a abreviação comum de *Elohim (Deus, plural de Elohe).* Tem a mesma raiz do nome *Sarah* (como *Sara,* mulher de Abraão), que vem do verbo *'sarar'* (Strong #8323), que significa governar, reinar, ser príncipe, controlar, dominar. Então, Israel teria o significado de *"Deus luta, Deus se esforça, Deus persevera, Deus contende, ele será um príncipe com Deus, ele governará como Deus".* Como dissemos, o nome Tiago é derivado do grego *Iákõbos (IAKWBOS),* uma transliteração do hebraico, *Ya'aqõbh*, Jacó. Em Latim, o nome é tanto *IACOBUS* como *IACOMUS* (um dialeto variante do primeiro nome). *IACOMUS* foi trazido para o Inglês como *James,* a consoante *j* no lugar da vogal *i,* e sem as letras *CO, JAMUS.* O nome é escrito como *Giacomo* na Itália, *Jaime* na Espanha, e *Iames* na França. O Inglês *(James)* é parecido com a forma francesa, mas com o *I* 'anglicizado' para *J.*

e) Filipe, era de Betsaida, como Simão Pedro e André (Jo 1: 44; Jo 12: 21). Parecia ser um conhecedor da Lei e dos profetas e identificou Jesus com o Messias e com o Grande profeta profetizado por Moisés (Jo 1: 45). Parecia ser ávido pelo conhecimento da palavra de Deus; uma pessoa inteligente, do tipo disposto a ter experiências, sem se importar de correr riscos (é só ver sua pergunta durante a Ceia: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta" – Jo 14: 8). Participou da multiplicação de pães e peixes, e seu comentário mostrou o que todos os outros sentiam, ou seja, a sensação de impossibilidade de alimentar uma multidão: "Respondeu-lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço" (Jo 6: 7). Era amigo de Natanael (também conhecido como Bartolomeu), de Caná da Galiléia (Jo 21: 2).

"Filipe" vem do grego *Philippos, amante de cavalos, domador de cavalos*. O cavalo, na bíblia, tem vários significados; por exemplo, é um símbolo de guerra, assim como de uma força carnal ou mundana, pois na época da entrada em Canaã e por muitos séculos depois, Israel não possuía cavalos, tinha que importá-los do Egito (prefigura o mundo). Também pode simbolizar pressa ou a nossa atitude frente aos nossos semelhantes. Assim, Filipe, como um 'domador de cavalos, um amante de cavalos', nos ensina que *um discípulo deve ter domínio próprio, sabendo controlar sua alma e seu espírito, com o intuito de mantê-los debaixo do domínio do Espírito Santo de Deus. É fazer a carne se submeter à vontade divina.*

f) Natanael (Jo 1: 45), do hebraico, significa: *"presente de Deus, dom de Deus, Deus tem dado"*. Também era conhecido como *Bartolomeu*, do aramaico, *"filho de Timeu ou filho que levante as águas, filho do muito estimado"*. Natanael era de Caná da Galiléia (Jo 21: 2) e pela sua atitude descrita em Jo 1: 43-51, quando é apresentado a Jesus por Filipe, podemos imaginar que tinha uma mente viva, aguçada; ele deveria ser uma pessoa também estudiosa da palavra e temente a Deus, orando e buscando respostas, pois Jesus o havia visto debaixo da figueira, antes de Filipe o trazer ao Mestre, e o Senhor mesmo disse que ele era um verdadeiro israelita em quem não havia dolo (Jo 1: 43-51). Ele creu em Jesus por essa simples revelação. Ele mesmo havia dito a Filipe:

— De Nazaré pode sair alguma coisa boa?

— Vem e vê. — respondeu Filipe

Quando Jesus o viu, disse:

— Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!

— Rabi, donde me conheces? — Natanael perguntou.

— Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.

— Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!

— Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.

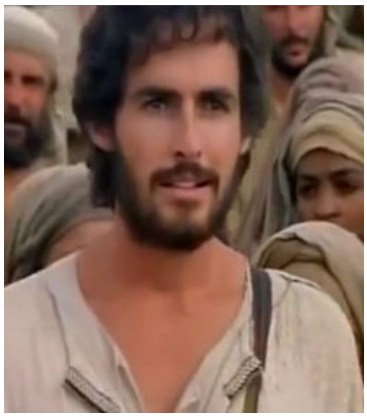
Com isso, podemos inferir que, *ser um "Natanael ou um Bartolomeu" significa buscar a verdade, se sentir um filho amado de Deus e ser uma bênção, um presente divino aos irmãos.*

g) Mateus: é um nome hebraico que significa: *"dom de Deus, homem de Deus, recompensa de Deus"*. Jesus chamara Mateus, o publicano, na coletoria de impostos. *Publicano (grego: telõnes)* era um coletor de impostos ou de alfândega em favor dos romanos, empregado por um contratador de cobrança de impostos. Era uma classe desprezada e odiada, pois era composta por tipos de atitude egoísta, avarenta e ambiciosa, ávida pelo dinheiro e pelas vantagens que ele oferecia. O publicano era reputado imundo por causa do seu contato contínuo com os gentios. Lidando como dinheiro de impostos, ele deveria ser meticuloso ao fazer seu trabalho, de maneira prática e profissional e também gostava de dinheiro, como todos os de sua classe, cobrando a mais para que tivesse lucro para si mesmo (cf. Zaqueu Lc 19: 1-10).

Ele era filho de Alfeu (Mc 2: 13-14), e igualmente conhecido como *Levi* (Mc 2: 13-14; Lc 5: 27-28), que quer dizer: *associado, unido, aderido, separado, consagrado ao Senhor.* Mas será que ele era conhecido como Levi, ou foi Jesus que naquele momento lhe deu este nome? Parecia uma grande contradição com a profissão que tinha. Por isso, *sermos um Levi, um Mateus, significa que Jesus nos retirou do mundo e do pecado, da impureza, e nos separou para Ele. Nós agora estamos ligados, unidos, aderidos a Ele e nada nos separará dessa aliança. A salvação foi para nós um dom de Deus, uma recompensa de Deus, mesmo que não a tenhamos merecido.*

Pedro

André



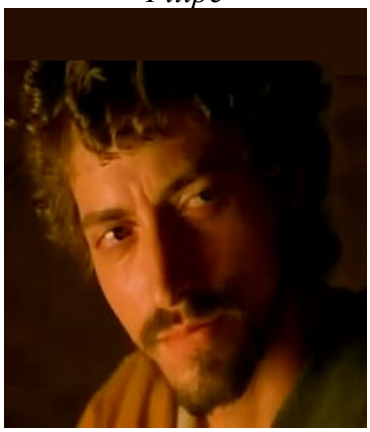
João

Tiago, irmão de João

Filipe

Bartolomeu (Natanael)

Tomé



Mateus

Tiago, o menor

Judas Tadeu

Simão, o zelote

Judas Iscariotes

h) Tomé: nome aramaico *(Te'ômã'),* que os gregos chamavam *Dídimo, gêmeo*. Provavelmente, Tomé era uma pessoa mais racional, e essa racionalidade não o permitia ir mais longe do que sua visão humana e limitada lhe concedia; preferia as coisas reais e palpáveis para poder crer em alguma coisa, ou talvez necessitasse de mais informações para conseguir assimilar as experiências. Sua racionalidade seria transformada na sua caminhada com Jesus e sua aparente incredulidade seria uma forma de mostrar aos outros o que um discípulo pode esperar e pedir ao seu mestre. Como toda pessoa racional demais, ele também deveria ser do tipo mais desconfiado, não se abrindo demais com as pessoas nem se deixando ser enganando por qualquer coisa. Outra característica que podemos deduzir de Tomé era a obediência e a lealdade, pois o comentário que fez no episódio da morte de Lázaro nos faz pensar que ele levava em consideração a fidelidade a Jesus e o senso de grupo ("Vamos também nós para morrermos com ele" – Jo 11: 16).

Embora não haja confirmação sobre Tomé ter ou não um irmão gêmeo (talvez, "gêmeo" seja apenas o significado aramaico do seu nome), nós podemos extrapolar esse raciocínio dizendo que, assim como Tomé foi transformado ao longo do seu contato íntimo com Jesus e se tornou parecido com o Mestre, sermos *"Tomé"* significa: *sermos "irmãos gêmeos" do Senhor, nos tornar parecidos com Ele,* sendo transformados a cada momento da nossa vida, através das provas que temos, ganhando a cada dia mais fé; como diz a bíblia, *sermos transformados de glória em glória à imagem do Senhor* (2 Co 3: 18). Muitas atitudes de Tomé foram consideradas como incredulidade, desrespeito ou descontrole da carne, porém, se formos buscar o propósito escondido no fundo de cada uma delas, nós poderemos ver que ele não teve medo de ousar e pedir mais de Deus. Portanto, *um discípulo pode até ser mal compreendido nas suas atitudes, entretanto, jamais deve ter medo de querer mais do Senhor.* O que pode parecer grosso modo uma irreverência diante dEle pode ser um grito de socorro da alma e do espírito pedindo força para superar as dificuldades e atingir outro patamar de fé.

i) Judas. O evangelho fala de dois Judas. O primeiro era também chamado *Tadeu,* filho de Tiago (Mt 10: 3; Mc 3: 18; Lc 6: 16). Judas, derivado de Judá, *Y^{e}hüdhâ,* significa: *"celebrado ao Senhor, festejado em louvor (ydh) ao Senhor".* Tadeu era também um nome hebraico que significa: *"aquele que louva ou confessa".* Tadeu, no aramaico, significa: *"corajoso"* e no siríaco, *"amável".* Pouca informação se tem a respeito de Judas Tadeu nos evangelhos. Talvez, nós possamos dizer em relação às suas características de personalidade que nele havia a coragem e a amabilidade, portanto, o espírito de quem tinha motivos para agradecer a Deus, embora fosse humano e sujeito à fragilidade como todos os outros.

O segundo Judas relatado no evangelho recebeu o sobrenome de Iscariotes, do hebraico, *'ïsh qerïyoth*, homem de Queriote, se referindo à cidade de Queriote-Hezrom localizada a dezenove quilômetros ao sul de Hebrom. Em aramaico, Iscariotes é: *'isqaryã'ã, um assassino*. Judas Iscariotes, logicamente, deveria ser um temperamento mais desconfiado, calculista e avarento, com outras fragilidades humanas que poderiam até levá-lo a pensar em roubo. Era ele o tesoureiro do grupo e, com certeza, colocado pelo próprio Jesus para prová-lo e ensiná-lo de alguma forma. Da mesma forma que Simão, o zelote, também não via os romanos com bons olhos, fazendo-o esperar ansiosamente pelo Messias de Israel que livraria a todos daquele jugo incômodo.

Embora conhecendo tudo, Jesus não o recebeu como um provável traidor naquele momento, mas como alguém que o Pai tinha escolhido para aprender com Ele, ser restaurado e transformado num instrumento de bênçãos para o Seu povo (Ele testaria Judas). Como todos aqueles que escolheu, Jesus o amou.

Ser como "Judas" [Yehüdhâ, Judá] significa que, como discípulos, nós precisamos ter dentro de nós, acima de tudo, a vontade de louvar ao Senhor, pois essa qualidade nos torna amáveis a Ele, além do que um levita é um guerreiro corajoso; através do louvor o Senhor o livra dos seus inimigos como é descrito em várias passagens na bíblia. Judas Iscariotes caiu porque abandonou essa qualidade e deu brecha para que Satanás o usasse para trair o Mestre. Quando não louvamos a Deus, pelo contrário, blasfemamos e murmuramos, damos brecha para o diabo e o engrandecemos, entristecendo o coração de Deus e apagando a chama do Espírito dentro de nós. Portanto, *a última qualidade essencial a um discípulo é saber louvar, ser um adorador.* É importante lembrar que nós fomos criados para louvar a Deus. Nos nossos lábios deve haver sempre o louvor, pois isso nos aproxima do trono.

Resumindo, as características de um discípulo devem ser:

a) saber ouvir a voz do Senhor, ser uma pessoa firmada na palavra e zelar pelas coisas de Deus (ser um 'zelote') [Simão].

b) se posicionar como uma pessoa corajosa e vencedora [André].

c) ter a certeza de que Deus é abençoador, é provedor de toda força, de toda vida, de toda graça e de todo favor [João].

d) ter a certeza de que pode 'envergar', mas não vai se quebrar, pois seu espírito se mantém na força de um guerreiro pela fé em Jesus e na Sua promessa [Tiago].

e) ter domínio próprio e fazer a carne se submeter à vontade de Deus [Filipe].

f) buscar a verdade, se sentir um filho amado de Deus e ser uma bênção, um presente divino aos irmãos [Natanael | Bartolomeu].

g) ter a certeza de que estamos ligados, unidos, aderidos a Jesus e que nada nos separará dessa aliança [Levi | Mateus].

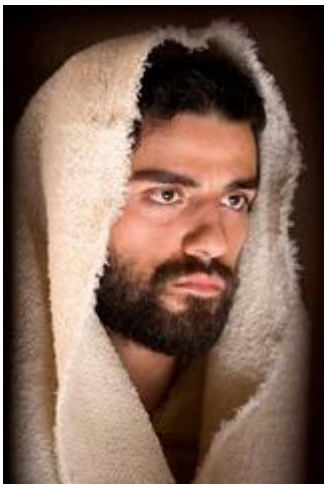
h) ser transformado de glória em glória à imagem do Senhor e jamais ter medo de querer mais de Deus [Tomé].

i) saber louvar, ser um adorador [Judas].

2º) Capacitação dada por Deus para exercerem a missão.

"Tendo chamado seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades". Aqui temos bem clara a capacitação que o Senhor nos confere quando nos posicionamos como verdadeiros discípulos. Recebemos, em primeiro lugar, a mesma autoridade que foi dada a Jesus, e essa autoridade tem um propósito específico: expelir demônios e curar toda sorte de doenças e enfermidades, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais. Os dons são derramados à medida que os exercitamos, assim como um 'talento' (Mt 25: 14-29) que é multiplicado. Também isso nos é conferido pelo Pai de acordo com a Sua vontade, com a nossa necessidade, com a necessidade daqueles a quem Ele quer alcançar por nosso intermédio e com a característica particular do Espírito Santo para a nossa personalidade. Isso significa que um dom de cura pode se manifestar de várias formas, de acordo com a personalidade de cada filho de Deus.

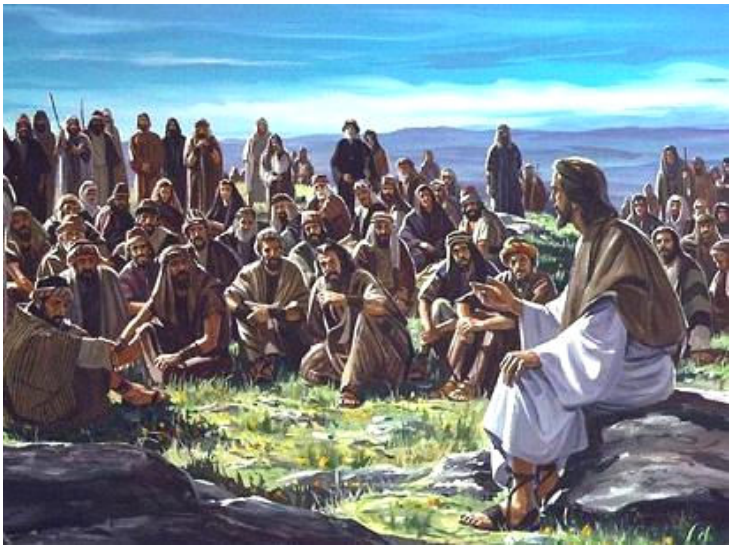
Substituição:



Após o suicídio de Judas Iscariotes e a ascensão de Jesus, antes de se completarem os dias para o cumprimento do Pentecostes, houve uma nova escolha entre os discípulos que seguiram Jesus desde o início do seu ministério, daqueles que estavam entre os setenta, para substituir o traidor. O escolhido foi *Matias*, cujo nome parece ser uma *contração de Matatias ("Deus tem dado").* Não há informações a respeito de Matias. Portanto, de acordo com o nosso raciocínio anterior, vamos dizer que *no lugar de honra ao lado de Jesus no céu não podem ficar os traidores, mas os que souberam guardar o que receberam de Deus para que ninguém roubasse sua coroa.* Dessa forma, quando os separados pelo Pai para ser Seus adoradores não ocupam sua posição e desistem de perseverar, como foi o caso de Judas Iscariotes, Ele levanta alguém para que a Sua obra e o Seu projeto não se interrompam. Por isso, Deus deu à humanidade nosso irmão Matias; para que a missão que Seu Filho amado iniciou na terra não fosse frustrada ou incompleta. A história de Judas Iscariotes lembra muito a de Saul, que perdeu sua unção e, conseqüentemente, seu reinado, sendo substituído por Davi para que a obra divina não fosse interrompida pelos erros e fracassos humanos. Assim, *ser um "Matias"* significa *ser colocado por Deus para completar uma estrutura que já foi planejada por Ele e que precisa dessa "última peça" para que o todo permaneça estruturado. Ser um "Matias" é estar disposto a ocupar o posto que o Senhor quiser nos colocar, a fim de que a Sua obra não morra.* Por isso, o Senhor diz que nós somos um corpo e, individualmente, membros desse corpo (1 Co 12: 27). Os dons que temos são úteis na posição e no lugar onde Deus nos coloca, onde Ele *"nos dá"* à Sua Igreja, para que a obra que foi começada não venha a ser arruinada. Foi Jesus que disse a Pedro: "Também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16: 18).

4

A primeira multiplicação de pães e peixes
Mc 6: 30-44



A primeira multiplicação de pães e peixes
Texto de referência: Mc 6: 30-44

"Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado. E ele lhes disse: Vinde repousar um pouco à parte, num lugar deserto: porque eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham. Então, foram sós no barco para um lugar solitário *[Betsaida]*. Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e chegaram antes deles. Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas. Em declinando a tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: É deserto este lugar, e já avançada a hora; despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer. Porém ele lhes respondeu: Dai-lhes vós mesmos de comer. Disseram-lhe: Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer? E ele lhes disse: Quantos pães tendes? Ide ver! E, sabendo-o eles, responderam: Cinco pães e dois peixes. Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde. E o fizeram, repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinqüenta em cinqüenta. Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes. Todos comeram e se fartaram; e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. Os que comeram dos pães eram cinco mil homens".

Essa 1ª multiplicação de pães e peixes foi realizada em Betsaida, no território de Israel. Três evangelistas (Mateus, Lucas e João) nos dão a referência quanto a isso:

• Mt 14: 13-21 (lugar deserto = Betsaida); v. 22-33 anda sobre o mar (para o outro lado = Cafarnaum); v. 34-36 chega a Genesaré (Distrito fértil do lado ocidental do Mar da Galiléia);

• Lc 9: 10 Jesus se retirou da Galiléia, de Cafarnaum, para Betsaida.

• Jo 6: 1-13 – Jesus atravessou o mar da Galiléia (v. 1); v. 17 rumo a Cafarnaum (Jesus anda sobre o mar), v. 24 (o povo encontra Jesus em Cafarnaum).

A 2ª multiplicação de pães e peixes foi em território gentílico (Mt 15: 21; 29; 32 cf. Mc 7: 31; Mc 8: 1-10 – de onde Jesus se retirou, indo para Dalmanuta ou Magdala, na margem oeste do Mar da Galiléia ao norte de Tiberíades). Mais tarde, você entenderá o porquê disso.

Betsaida vem do grego antigo, Βηθσαϊδά, Bēthsaïdá; do hebraico Bēṯ Ṣaydā ou 'bêth çaydâ' = 'casa de pesca' ou 'bêth çayyadhâ' = 'casa de pescadores', e estava localizada a nordeste do Mar da Galiléia no território de Filipe, o Tetrarca, que a batizou com o nome de Júlia (Grego antigo: Ἰουλία, romanizado: Ioulía), em homenagem à filha do imperador César Augusto (Júlia, a Velha) [Flávio Josefo, 'Antiguidades dos Judeus', XVIII, ii, §1].

Josefo também deixa claro que essa 'Júlia' de Filipe, ou seja, 'Betsaida', ficava em um distrito administrativo conhecido como Gaulonitis (ou Gaulanítide), nas atuais Colinas de Golã, ou seja, na região norte do Mar da Galiléia. Filipe, o tetrarca, também reedificou a cidade de Panéias, que passou a se chamar Cesaréia (ou Cesaréia de Filipe), em honra a César Augusto. Josefo escreve: "Herodes também construiu a cidade de Tibério (Ele se refere a Tiberíades, em homenagem a Tibério César), na Galiléia, e na Peréia [além do Jordão] outra que também foi chamada de Julias". Essa 'Júlia' de Herodes foi em homenagem à esposa do imperador César Augusto (Lívia Drusa ou

Lívia Drusila, chamada de Júlia Augusta depois de 14 DC), não à filha Júlia, a Velha [Flávio Josefo, 'A Guerra dos Judeus' II, ix, §1].

Betsaida não existe mais, mas os arqueólogos acham que pode ter se localizado em três lugares: a aldeia beduína de Messadiye; o pequeno e deserto assentamento de El-Araj e o sítio arqueológico de Et-Tell. As pesquisas ainda estão em andamento.

Por onde Jesus passava, sempre havia um grande número de pessoas que O seguiam e que a bíblia descreve como 'uma multidão' ou 'multidões'; isso, com certeza, porque todos queriam receber cura, instrução e bênçãos de toda sorte. Como é descrito no texto que lemos acima, todos pareciam ovelhas que não têm pastor. Jesus não as enxotava, pelo contrário, as recebia e as alimentava em todos os sentidos. Por isso, ao ouvir falar dele, se dirigiam para onde Ele estivesse. Sabendo para onde o barco estava indo, as pessoas correram e chegaram antes dele. Isso quer dizer que, quando sabemos que a unção de Deus está para ser derramada sobre a nossa vida ou quando recebemos uma palavra profética de que Ele vai fazer um milagre que nos beneficia, devemos estar alertas e 'correr', a fim de que ao derramar Ele a bênção, nós possamos recebê-la. Isso é estar sempre alertas e vigilantes aos sinais do Espírito Santo para podermos 'comer o melhor dessa terra', como diz Is 1: 19: "Se quiserdes, e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra".

Neste texto, em especial, o Senhor quis dar uma grande lição de amor incondicional e fé aos discípulos. Ele tinha alimentado aquele povo espiritualmente durante todo o dia, provavelmente, caminhando entre a multidão também para curá-la e não demonstrava contrariedade por isso. Assim, esperou até o fim do dia, pois como Filho de Deus que era, sabia que mais cedo ou mais tarde teriam fome. Os discípulos, embora caminhando todos os dias com Ele, ainda não tinham a mente aberta para compreender Suas atitudes; faltava-lhes mais fé, ainda pensavam mais nas coisas da carne do que nas coisas de Deus. Estavam cientes da necessidade de alimento daquele povo, mas não conseguiram se lembrar que estavam diante dAquele que tudo podia prover. Este foi um momento de teste para a fé dos discípulos. Como homens, estavam conscientes das suas limitações e da responsabilidade que tinham diante de si e quiseram se ver livres dela de uma forma mais prática: despedir o povo para suas casas. Provavelmente, se surpreenderam quando Jesus lhes disse: "Dai-lhes vós mesmos de comer". Como? Tanto é que fizeram cálculos rápidos avaliando aquela necessidade em duzentos denários de pão. Um denário romano equivalia a uma dracma grega, ou seja, era uma moeda de prata compatível com o salário de um dia de trabalho (o que em nossa moeda brasileira de hoje poderia equivaler a US$ 10.00). Duzentos denários seriam uma grande quantia de dinheiro. Mesmo assim seria insuficiente para alimentar cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças (normalmente excluídas das contagens em qualquer censo). Logo, Jesus perguntou: — "Quantos pães tendes?" Então a situação pareceu mais incapacitante ainda, pois tinham apenas cinco pães e dois peixes. Jesus os dividiu em grupos de cinqüenta e cem e os fez assentar sobre a relva.

Os números cinco e dez eram importantes no sistema decimal empregado na Palestina. O número zero, quando acrescentado a outro poderia indicar multiplicação de certa forma, por exemplo, o número *um* transmite o conceito de *unidade e o caráter sem paralelo de Deus, assim como a unidade entre Cristo e o Pai, a união entre os crentes e Deus e a unidade que existe entre os crentes.* Colocando o número *zero* ao seu lado, pode significar 'bastante vezes', da mesma forma que *cem* equivale a um número grande, e *mil ou dez mil,* a um número infinitamente grande. O número *dez* também pode significar *o primeiro número de um começo maior, algo completo ou fidelidade*, além de ser considerado por alguns como *o número da Igreja*. O número *cinco* tem o

significado espiritual do *cumprimento fiel das promessas de Deus referentes aos cinco livros do Pentateuco (Torá), ou seja, os fatos ocorridos como predestinação divina.* Podemos pensar que o número *dois* significa o número da *aliança feita com o povo escolhido, colocada nas duas tábuas da lei dadas a Moisés,* entretanto, pode significar também os *dois povos com os quais o Senhor fez aliança: os judeus e os gentios.* Falando de uma maneira simbólica: ao trazerem ao Senhor os cinco pães, os discípulos estavam mostrando que as promessas dadas a eles eram ainda insuficientes para fartá-los nas suas necessidades. Ao multiplicar os cinco pães, o Senhor quis mostrar que Suas promessas são infinitas e serão todas cumpridas a ponto de satisfazer multidões. Ao trazer os dois *peixes (= almas, vidas),* os discípulos estariam mostrando a Jesus que Seu povo, embora seco e morto espiritualmente, precisando de Sua vida, ainda mantinha a aliança com Deus. Ao pegar em Suas mãos os dois peixes, Jesus estava profeticamente multiplicando a bênção divina e renovando a aliança com judeus e gentios, Seu outro aprisco, como Ele mesmo disse em Jo 10: 16. Os grupos divididos de cem em cem nos lembram a unidade que Ele quer ver no meio da Sua Igreja, multiplicada pelo amor com que Ele mesmo nos supre e nos lembrando do Seu vitorioso sacrifício que nos resgatou do pecado e nos deu vida eterna. A multiplicação do alimento mostrou aos Seus discípulos que é possível fazê-lo sobejar quando se dá com amor, ou seja, *quando damos o nosso insuficiente para Deus com amor, Ele multiplica nossa oferta e faz sobejar nosso suprimento. Ele também os ensinou a repartir com outros o que se tem.*

Outro ensinamento interessante é que Jesus fez a multidão se *assentar sobre a relva.* Isso para nós significa que, quando nos aquietamos e entregamos nossa causa diante dEle, reconhecendo a nossa carência, Ele começa a agir a nosso favor, multiplicando o nosso suprimento. A agitação não nos deixa ver os milagres de Deus, pois estamos tumultuados e preocupados, procurando uma maneira de fazer as coisas por nós mesmos. Indo mais além, quando nos assentamos em unidade com aqueles que também crêem nEle como a fonte do milagre, aí, sim, estamos prontos para ver o impossível acontecer em nossas vidas. A nossa fé em ação faz aumentar a fé dos nossos irmãos.

Por que será que só havia pães e peixes para alimentá-los? Praticamente falando, o pão era e ainda é o alimento mais fácil de carregar e de servir, pois uma vez que foi amassado e cozido, pode ser levado para onde uma pessoa for e não é necessário se fazer mais nada com ele, teoricamente, para alimentar de maneira rápida alguém que esteja com fome. Na época, era feito com vários cereais como a cevada, a espelta (espécie de trigo de qualidade inferior), o trigo (altamente apreciado) e, raramente, a aveia. Os pães asmos, sem fermento, eram de uso exclusivo para a época da Páscoa. O pão era o artigo forte da alimentação dos Israelitas. Os peixes que foram levados a Jesus, provavelmente já estavam um pouco secos por estarem debaixo do sol, mas também era o alimento mais provável de se encontrar junto com os pães, uma vez que Jesus e os discípulos não estavam muito distantes do Mar da Galiléia (é só ver o seguimento do capítulo, quando Jesus despede a multidão e sobe ao monte para orar ao Pai, voltando a encontrar com eles no famoso episódio em que caminha sobre o mar). Betsaida significa 'casa de pesca' ou 'casa de pescadores', e estava localizada a nordeste do Mar da Galiléia, não estava? Simbolicamente falando, eles estavam de posse do alimento certo, pois *pão* fala de *aliança, comunhão e intimidade com Deus,* além de ser também *um símbolo do corpo de Jesus morto na cruz pelos nossos pecados. Peixes* simbolizam *almas, vidas para o reino de Deus.* Isso quer dizer que o Senhor os alimentou com Sua própria vida (alma), avivando neles a comunhão com Ele e os ensinando que Ele é suficiente para alimentar a todos os que O buscam, não permitindo que ninguém passe fome. Ao multiplicar os peixes, Ele ensinou a todos que, se eles se

dispusessem a se entregar a Ele e à Sua obra, mesmo se sentindo meio 'secos' e aparentemente 'mortos', Ele os transformaria em alimento para outras vidas igualmente secas e carentes da Sua palavra e da comunhão com o Pai.

Foi Jesus que multiplicou os pães e depois os deu aos Seus discípulos para que os distribuíssem entre o povo. Isso quer dizer que não somos nós a fonte do milagre, e sim o Senhor; nós somos apenas veículos para que ele chegue a outras pessoas. Foi assim com os discípulos; Jesus forneceu o sustento, eles apenas o distribuíram. Não fomos nós que escrevemos a bíblia nem criamos o mundo pela Palavra; nossa parte é apenas pregá-la e proclamá-la. A força e o milagre já estão embutidos nela.

A bíblia fala que comeram e se fartaram e ainda sobejaram doze cestos cheios. *Doze* é o número da *eleição divina*. Esse ensinamento nos diz que, mesmo alimentando multidões com a Palavra, *Seus eleitos terão sempre a sua porção, a sua recompensa.* O que lhes pertence jamais será tirado, e o que deram a outros receberão multiplicado. Os discípulos deram o pouco e o Senhor lhes devolveu o muito. Eles distribuíram pedaços de pão entre o povo e sobrou para cada um deles um cesto cheio de alimento. Por isso, Paulo repete as palavras de Jesus: "Mais bem-aventurado é dar do que receber". Dar nos faz parecidos com Deus.

Por que sobraram mais cestos nesse episódio do que no segundo?

No v. 43-44 está escrito: "e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. Os que comeram dos pães eram cinco mil homens" (Mc 6: 43-44). Aqui, a palavra "cestos", em grego é "kophinos" (Strong #g2894), ou seja, um cesto grande (cf. Mt 14: 20; Mc 6: 43; Lc 9: 17; Jo 6: 13), ao contrário da segunda multiplicação de peixes (Mc 8: 8; Mt 15: 36-37), onde está escrita a palavra "spuris" (Strong #g4711), ou seja, um cesto pequeno, um cesto menor trançado, uma cesta trançada, quando os que comeram dos pães foram quatro mil homens. "Spuris" deriva de "speiro" (como tecido, entrelaçado); um cesto ou lancheira. Na primeira multiplicação dos pães sobraram doze cestos grandes; na segunda, sete cestos.

Você pode notar que a primeira multiplicação ocorreu no território de Israel, enquanto a segunda foi em território gentio, Decápolis. Marcos deixa isso mais claro (Mc 7: 31 e Mc 8: 10). Os judeus foram alimentados e sobraram doze cestos grandes cheios; doze, o número dos escolhidos, dos eleitos. Os gentios foram igualmente alimentados e sobraram sete cestos pequenos (Mc 8: 8-9; Mt 15: 37-38).

Podemos interpretar isso da seguinte forma: o povo escolhido já estava sendo trabalhado, "semeado" por Deus há muito mais tempo que os gentios, desde Abraão; portanto, tinham mais a dar em troca, mais para dar do conhecimento e da palavra de Deus às outras nações. Os gentios estavam conhecendo o Deus verdadeiro há menos tempo que os judeus e, portanto, ainda tinham menos frutos para dar; mas com certeza, já estavam nos planos de salvação de Deus. Mais tarde, em Mt 21: 43, pela obstinação e dureza dos seus corações, e por rejeitarem os ensinamentos de Jesus é que Ele fala: "Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos".

5

A transfiguração
Lc 9: 28-36

A Transfiguração
Texto de referência: Lc 9: 28-36

"Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras *[a revelação que Pedro teve sobre ser Jesus o Filho de Deus e o Messias],* tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte *[provavelmente o Hermom, ao norte de Israel]* com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura. Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e falavam de sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém. Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono; mas, conservando-se acordados, viram sua glória e os dois varões que com ele estavam. Ao se retirarem estes de Jesus, disse-lhe Pedro: Mestre, bom é estarmos aqui; então, façamos três tendas: uma será tua, outra de Moisés, e outra, de Elias, não sabendo, porém, o que dizia. Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu; e encheram-se de medo ao entrarem na nuvem. E dela veio uma voz, dizendo: Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi. Depois daquela voz, achou-se Jesus sozinho. Eles calaram-se e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto" [em Mc 9: 9 e Mt 17: 9 a bíblia diz que Jesus lhes ordenou a não contarem a ninguém o que tinham visto até que Ele ressuscitasse: "E descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos"].

A palavra *transfiguração*, no dicionário de língua portuguesa, tem o significado de: *mudança radical na aparência (imagem), no caráter, na forma; transformação, metamorfose.* No dicionário da língua inglesa tem o significado de: *uma transformação completa em um estado mais belo ou espiritual.* Isso quer dizer que os discípulos presenciaram ali no monte Hermom a revelação da verdadeira imagem do Senhor, pois viram Seu corpo glorificado como Ele tem no trono ao lado de Deus Pai. A principal revelação foi a de *Jesus como o Cristo e Filho de Deus.* Dessa forma, quando estamos buscando uma revelação do Senhor para a nós, precisamos subir a um patamar espiritual onde ela é possível, ou seja, nos separar das distrações que nos cercam na vida natural e rotineira para estarmos em comunhão maior com o Espírito Santo. Isso pode ser feito através de um jejum, que coloca a nossa carne num grau de força menor que o nosso espírito e, conseqüentemente, nos traz uma sensibilidade maior às coisas espirituais, mais precisamente à voz de Deus. Ao longo da nossa caminhada cristã esse hábito de estar em comunhão maior com Ele vai se aperfeiçoando e nos 'afiando' na Palavra e no conhecimento do mundo espiritual em si, nos dando estratégias para vencermos as dificuldades do nosso dia a dia.

Aqui podemos tirar dois ensinamentos. *Primeiro:* orar reverentemente como Jesus fez muda a nossa imagem, ou seja, nós nos aproximamos dEle em oração e passamos a enxergar quem verdadeiramente somos. Nós compreendemos que, mais do que um corpo carnal, temos um espírito criado pelo próprio Deus; ele foi despertado do seu sono quando recebemos Jesus como Senhor e Salvador e agora se encontra sob Seu domínio, portanto, nós vamos sendo aperfeiçoados para termos o verdadeiro conhecimento de quem é o nosso Criador. Jesus disse: "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3: 6). Em *segundo* lugar, podemos perceber que Ele chamou Seus discípulos mais chegados: Pedro, Tiago e João. Quando estudamos sobre o chamado dos doze, dissemos que 'ser Pedro' é ser uma rocha, estar firmado na Palavra, não desistir de seguir a Jesus. Ser um 'Tiago' é permanecer

inquebrantável diante das situações adversas que procuram nos envergar tentando 'quebrar nossa fé'. E ser como 'João' significa ter sempre a certeza de que Deus é abençoador, gracioso para conosco, como filhos. Portanto, quem quer 'subir ao monte' com Jesus e ter a revelação de quem Ele é e qual a Sua vontade tem que ser como Pedro, Tiago e João, guerreiros, pois uma das coisas que o inimigo mais luta para tirar de nós é a comunhão com o Senhor, pois sabe que no trono ele não pode estar; aquele lugar é exclusivo para os que são filhos de Deus. Quem sobe ao monte recebe o direito de ver a glória de Deus. A palavra bíblica para *glória do Senhor* é *kãbhôdh* (hebr.) ou *doxa* (Septuaginta, a versão grega do AT) = *peso ou dignidade,* e que pode ser entendida como a *manifestação do poder de Deus onde é preciso*, *vitória, proteção, abundância, riqueza, dignidade, reputação* (Êx 40: 35; 1 Sm 4: 22; 1 Sm 6: 5; 1 Rs 3: 13; 1 Rs 8: 11; 1 Cr 16: 28; 1 Cr 29: 12; Is 11: 10; Is 24: 23; Is 42: 12 etc.). É o equivalente judaico do Espírito Santo. A presença de Deus entre nós traz, portanto, vitória, abundância, proteção, dignidade, riqueza, reputação, manifestação do poder de Deus onde precisamos. Dessa forma, mesmo que não o vejamos como Moisés o viu, nosso espírito, em oração, pode perceber todas essas manifestações divinas e direcionar esse poder para qualquer área da nossa vida que esteja precisando de um avivamento e de uma mudança. A nossa oração trará uma 'transfiguração' naquele problema.

A bíblia fala que ao lado de Jesus apareceram Moisés e Elias. Eles representam a Lei e os Profetas a testificarem sobre o Messias, como coisas cumpridas e superadas por Ele. Em outras palavras, Deus permitiu que os discípulos vissem o espírito de Moisés e Elias para que entendessem que a Lei e as profecias anteriores estavam sendo cumpridas, agora, na pessoa de Jesus. A bíblia também diz que eles conversavam sobre a partida de Jesus, que estava para se cumprir em Jerusalém. Deus estava revelando que, da mesma maneira que fez milagres no passado através dos Seus servos, estava fazendo milagres nesses dias através do Seu Filho, em especial a salvação da humanidade, e o mundo espiritual já estava ciente. A voz que disse: "Este é o meu Filho amado, a ele ouvi" confirmou Jesus, não apenas como o Messias, mas igualmente como o Profeta mencionado por Moisés em Dt 18: 15: "O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de seus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás". O apóstolo João escreveu:

• Jo 5: 46: "Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele também escreveu a meu respeito".

• Jo 1: 45: "Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José".

• Jo 1: 21: "Então lhe perguntaram *[a João Batista]:* Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não".

• Jo 6: 14: "Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera *[a multiplicação de pães e peixes],* disseram: este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo".

Portanto, os discípulos tiveram mais uma vez a *revelação de Jesus como Filho de Deus, o Messias esperado, e como o profeta anunciado séculos antes*. Como profeta, Jesus profetizou sobre a humanidade e o que aconteceria nos últimos tempos com os escolhidos e com aqueles que O rejeitassem. Suas revelações apocalípticas estão se cumprindo, como se cumpriu Sua profecia acerca da destruição de Jerusalém e do templo pelos romanos. Como um aprendizado para nós, este texto bíblico não só nos revela *Jesus como Messias, Filho de Deus e profeta,* mas nos mostra que *muitas revelações de Deus para nós devem ser guardadas por um tempo até o momento certo de proclamá-las,* pois nem todos estão prontos para recebê-las; por isso Jesus pediu aos discípulos para que nada contassem a respeito disso por causa do povo, que ainda não estava apto a compreender os mistérios ali revelados pessoalmente a eles (Pedro, Tiago e João). Esse intervalo também beneficiaria os discípulos, dando tempo à suas almas de

assimilarem a revelação que já tinha sido ministrada nos seus espíritos. Conosco ocorre a mesma coisa. O Senhor nos dá uma revelação, seja ela como for: em sonhos, em visões, em percepções interiores, mas nossa alma precisa ser trabalhada mais um pouco ainda para que estejamos prontos a ver o cumprimento da experiência que nos foi dada. Por isso, precisamos guardar com muito cuidado aquilo que Ele nos dá em particular, porque pode vir a se manifestar muito tempo depois e, se não dermos crédito a isso, perderemos nossa bênção, pois já teremos esquecido a revelação anterior que nos manteria firme na fé. Crendo, não seríamos roubados das nossas vitórias e teríamos a oportunidade de descobrir os dons espirituais que Deus deseja derramar sobre nós. Com certeza, desceram do monte refletindo bastante sobre o que viram.

6

Jesus lava os pés aos discípulos / Uma lição de humildade
Jo 13: 1-20

Jesus lava os pés aos discípulos / Uma lição de humildade
Texto de referência: Jo 13: 1-20

"Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim? Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos. Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem aventurados sois se a praticardes. Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU [NVI: Eu Sou]. Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou".

Jesus falou sobre Seu próprio sacrifício poucas horas antes de morrer, no cenáculo, como uma forma de preparar os discípulos para o que haveria de vir e ensiná-los sobre o propósito de tudo aquilo. Falou do sangue da aliança que seria derramado para remissão dos pecados. Uma particularidade interessante que podemos notar na Última Ceia, além de prepará-los para a Sua crucificação e fazê-los entender o verdadeiro sentido da Páscoa, se refere aos ensinamentos que ali foram dados. Em Jo 13: 1-20 o Senhor lhes ensina o significado real de humildade e serviço, assim como de santificação para depois receberem o Espírito Santo. Aqui Jesus lavou os pés deles, algo que apenas os criados faziam para os visitantes. Da mesma forma que o beijo e o óleo, lavar os pés era um ritual costumeiro entre os judeus quando recebiam um visitante em suas casas (Jo 12: 3: "Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo"). Esta Maria não era Maria Madalena, como muitos pregam, mas Maria, irmã de Marta e Lázaro. Veja em Jo 11: 2: "Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com seus cabelos" e Jo 12: 1-3: "Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com

os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume de bálsamo". Podemos ver o mesmo episódio ser descrito em Lc 7: 37-38; 44-46: "E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com ungüento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungia com ungüento... E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés".

Levando-se em consideração as passagens bíblicas de Lc 7: 36; 39-40; 43; Mt 26: 6-7; Mc 14: 3 e Jo 12: 3, e supondo que era a mesma Maria que ungiu os pés e a cabeça de Jesus (Jo 11: 2), nós podemos dizer que se trata de dois momentos diferentes: num momento ela ungiu os pés de Jesus e foi limpa do seu pecado. Agora (Mt 26: 6-7 e Jo 12: 3), já perdoada e mais alinhada com as coisas espirituais, ela realizou um ato profético em relação à morte de Jesus. Ela podia não saber exatamente porque O ungiu (talvez tenha se sentido tocada por Deus para fazê-lo), mas com certeza o seu espírito estava em sintonia espiritual com Jesus. Os evangelistas sugerem que o anfitrião da casa era Simão (Mt 26: 6; Mc 14: 3; Jo 12: 1-2). Os nomes "Lázaro" , "Simão, o leproso" (Mt 26: 6; Mc 14: 3) e "Betânia" aparecem juntos em todos esses textos, você percebeu?

O beijo, o óleo e a lavagem dos pés

No Oriente Médio, o costume de uma pessoa de receber um hóspede em sua tenda era algo feito com muito prazer e cortesia. O beijo e a lavagem dos pés não era apenas um ritual costumeiro, mas um sinal de asseio e civilidade (Mt 6: 17). O anfitrião derramava azeite perfumado sobre a cabeça do visitante para trazer conforto e alívio do calor e da poeira (Ec 9: 8). O óleo traz alívio à pele ressecada. A cabeça ungida com óleo é uma figura bíblica comum para abundância de alegria (Is 61: 3; Sl 45: 7).

O convidado também recebia um beijo no rosto e tinha seus pés lavados (Gn 18: 4-8; Lc 7: 44-46). Lavar os pés do convidado era para tirar a poeira das estradas, sinal de asseio, conforto e hospitalidade, geralmente feito pelos escravos mais desprezíveis, uma coisa que foi feita espontaneamente pela mulher pecadora e pelo próprio Jesus (Lc 7: 38; Jo 13: 5).

O beijo (no NT escrito como 'ósculo santo' – 1 Ts 5: 26, Rm 16: 16 ; 2 Co 13: 12: "Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo") era uma forma de saudação, uma expressão de afeto fraterno e de unidade entre os cristãos. Na Antiguidade e na bíblia, o beijo era uma forma comum de saudação e expressão de carinho. O beijo também é mencionado em Lc 7: 45, quando a mulher pecadora beijou os pés de Jesus. Simão não fizera nada disso, mas Jesus nada lhe disse até o momento propício, quando falou com ele para honrar a mulher que ali estava.

Vamos começar pelo *primeiro ensinamento* deste texto:

• *Pé* se refere a *"base, pedestal",* principalmente no lavatório do tabernáculo (Êx 30: 18-19: "Farás também uma bacia de bronze com seu suporte de bronze, para lavar. Pô-la-ás entre a tenda da congregação e o altar e deitarás água nela. Arão e seus filhos lavarão as mãos e os pés").

• A palavra *pé*, em hebraico, *rêgel* (רגל; às vezes escrita como *'reguel'* ou *'raghl';* da raiz: *rgl*), significa *'estar firme'* e indica, tanto no grego *('podas' ou 'pous')* como no hebraico, posição, destino, inclinação do indivíduo:

Pv 6: 18: "... pés que se apressam a correr para o mal..." (em relação às seis coisas que o Senhor aborrece).

Pv 3: 23: "Então, andarás seguro no teu caminho e não tropeçará o teu pé".

• Simboliza também *derrota dos inimigos*, quando o vencedor põe o próprio pé sobre o pescoço do inimigo vencido:

Js 10: 24: "Trazidos os reis a Josué, chamou este todos os homens de Israel e disse aos capitães do exército que tinham ido com ele; chegai, ponde o pé sobre o pescoço destes reis. E chegaram e puseram os pés sobre os pescoços deles".

1 Co 15: 25: "Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés".

Sl 110: 1: "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés".

• Na bíblia, *cair aos pés de alguém* significa *homenagem ou súplica* (Lc 8: 41, quando Jairo suplica a Jesus que vá curar sua filha).

• *Sentar-se aos pés de alguém* significa *discipulado, aprendizado* (Lc 10: 39, em referência a Maria, irmã de Marta, que se assentava aos pés de Jesus para aprender com Ele).

• *Lançar algo aos pés de alguém* significa *oferta a esse alguém,* por exemplo, o cego de Jericó, Bartimeu, que se assentava à beira do caminho, esperando que lhe dessem uma esmola ou oferta (Mc 10: 46).

• *Lavar os pés do visitante* era para tirar a poeira das estradas, *sinal de asseio, conforto e hospitalidade* geralmente feito pelos escravos mais desprezíveis.

• Em Rt 4: 7-8 podemos ver também o significado de *tirar o calçado,* que era para as *negociações* entre os resgatadores de alguém a ser resgatado. E em Êx 3: 5 e Js 5: 15, quando o Senhor diz a Moisés e a Josué, em ocasiões diferentes, para *tirar as sandálias dos pés*, está implícita a ligação entre *tirar os sapatos e se entregar, se render, sinal de submissão e respeito:* "Tira as sandálias dos pés, pois o lugar que estás é terra santa". *Sandálias* dizem respeito a: *autoridade, ocupação, posse material.*

Dessa forma, além de ensinar a humildade aos discípulos nesse ato de lavar seus pés, Jesus estava lhes mostrando que Deus deseja nos conduzir por caminhos direitos, limpos da contaminação do mundo, em outras palavras, nos ensinando a caminhar em santidade e reverência a Ele, tendo, assim, a autoridade de pisar na cabeça do inimigo e tomar posse das nossas bênçãos.

O segundo ensinamento está nos versículos de 6 a 11. Quando Jesus foi lavar os pés de Pedro, ele recusou. A princípio, pareceu uma atitude de reconhecimento da superioridade de Jesus, que não deveria fazer uma coisa geralmente feita apenas por escravos. Isso demonstrou, em primeiro lugar, o desconhecimento de Pedro das coisas espirituais, tanto é que Jesus lhe disse: "O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois". Ele queria dizer que o que estava fazendo era profético, não só para um futuro imediato quando explicou a eles o significado de ter lhes lavado os pés com água, mas também se referindo a um futuro distante onde todos os crentes teriam que repetir este mesmo ato de uns para com os outros, ou seja, servir com amor uns aos outros. Em segundo lugar, a atitude de Pedro veio nos mostrar o que acontece com todo ser humano. A arrogância e o orgulho (que se manifestam no desejo de ser independente de Deus, de fazer tudo sem a Sua ajuda) fazem parte da nossa natureza carnal desde a queda de Adão e Eva, a começar pelo desejo de ter o mesmo conhecimento e a mesma sabedoria que Ele. Mesmo quando passamos pelas dificuldades e angústias, a nossa carne resiste ao consolo do Espírito Santo. Jesus chamou a atenção de Pedro para este detalhe quando lhe respondeu: "Se eu não te lavar, não tens parte comigo". Ele quer que, mesmo sendo imperfeitos, busquemos a santificação para podermos continuar na

posição de filhos que dão o real valor à salvação que receberam. Em outras palavras, o ato de lavar os pés dos discípulos era símbolo de purificação espiritual. Sem purificação não há comunhão com Jesus e, por isso, Ele disse essa frase a Pedro. Portanto, *o segundo ensinamento* pode ser resumido em poucas palavras: *quando temos um desconhecimento das coisas espirituais, há também um desconhecimento das nossas deformações carnais e vice-versa*. Jesus continua a conversa com Pedro, dizendo: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo". Isso para confirmar a revelação que nos foi dada no primeiro ensinamento: *para que eles dependessem única e exclusivamente do Pai e pudessem permanecer firmes no que tinham aprendido nos três anos de peregrinação com Jesus; que pudessem andar por caminhos direitos, limpos da contaminação do mundo, guardar tudo o que tinham recebido e conquistado e ter a autoridade de pisar na cabeça do inimigo, a fim de tomarem posse das suas bênçãos.* Ele disse: "Eu conheço aqueles que escolhi", isto é, Ele conhece o mais profundo do nosso coração.

O terceiro ensinamento é: somos instrumentos divinos e, quem nos recebe, O recebe também; e quem O recebe, recebe o Pai. Quem rejeita a Sua Palavra através de nós, está rejeitando o Filho e o Pai, portanto, a vida eterna. Jesus já tinha dito em alguns versículos anteriores (Jo 12: 48-50): "Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia. Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo".

O quarto ensinamento é que no reino de Deus as coisas são diferentes das do mundo. Aqui, o menor é quem serve e quem é poderoso manda. No reino de Deus, quem serve é o maior de todos, pois se assemelha a Jesus. A bíblia fala que, se sofremos com Ele, também com Ele seremos glorificados (Rm 8: 17 b). Também está escrito: "Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiorais exercem autoridade. Mas, entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10: 42-45). Portanto, este item nos ensina a *ser servos para podermos ser grandes diante de Deus.*

O quinto ensinamento é ter fé e confiança em Deus e no Seu julgamento. O que não compreendemos agora, nós compreenderemos depois, pois tudo tem um propósito. Às vezes, não entendemos o Seu trabalhar na nossa vida e porque passamos por certas experiências, entretanto, se nos entregarmos totalmente a Ele, poderemos ter a certeza de que todas as coisas vão se tornar claras mais tarde. O que Ele está fazendo é nos preparar para algo grande e que vai ser bom para nós, trazendo igualmente a Sua bênção sobre outros.

O sexto ensinamento é saber que ser humilde é estar cônscio da carência e da dependência de Deus, é ser como criança e estar ciente da necessidade de crescer e aprender sempre com Ele. É saber que só Ele é capaz de nos suprir. Não deve ser confundida com servidão, escravidão, ignorância, miséria ou qualquer outra situação maligna que possa atingir a vida financeira; insegurança, indecisão ou falta de autoridade. Não depende de classe social, mas do crescimento espiritual verdadeiro que decorre do conhecimento do caráter divino, adquirido no contato constante com o Espírito Santo. Usando todo o poder divino que tinha, Jesus era humilde porque sabia que, como homem, o que fazia e ensinava vinha do Pai e dependia dEle para tudo. Ele mesmo dizia: "O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou" (Jo 7: 16).

Os discípulos precisavam receber estes ensinamentos e muitos outros que lhes foram dados por Jesus até Ele chegar ao Getsêmani, a fim de poderem passar pela dor de cabeça erguida e para enfrentar, como nós, suas próprias cruzes. A cruz era o chamado, a vocação de Cristo. Para exercermos o nosso chamado, também precisamos saber o que é entrega, humildade e santidade.

7

A mulher Cananéia
Mt 15: 21-28; Mc 7: 24-30

A mulher Cananéia
Textos de referência: Mt 15: 21-28; Mc 7: 24-30

"Partindo Jesus dali *[de Genesaré, uma aldeia às margens do Mar da Galiléia],* retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós. Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me! Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã".

Os cananeus (assim como os heteus, os amorreus, os fereseus, os heveus, os jebuseus e os girgaseus) foram os primeiros moradores da Terra Prometida antes de Israel chegar. Eles habitavam na região próxima ao Grande Mar (Mar Mediterrâneo) até o Norte, por isso também eram chamados de Siro-Fenícios. Nos tempos do AT, a Fenícia era chamada de Canaã, e seus habitantes, Cananeus, que significa 'comerciantes', 'mascates'. Em grego, a Fenícia é chamada Phoiníkē, Φοινίκη, 'terra das palmeiras'. A mulher era de origem grega, portanto, não israelita. Um deus muito adorado em naquela terra, além de Baal, era Eshmun ou Esmum, que em grego era chamado de Asklepios e, em latim, Esculápio, o deus da cura. Os judeus chamavam os fenícios de cachorrinhos. As nações sabiam que eles eram o povo escolhido; o problema era que a maioria dos da sua raça assumia uma postura orgulhosa e arrogante, desprezando todos os seres humanos que não eram selados por seu Deus e isso concorria bastante para a rivalidade entre os dois povos.

Portanto, *nosso primeiro ensinamento é que falsos deuses não trazem solução para nenhum dos nossos problemas, só os agravam.* A presença desses deuses cananeus provavelmente concorria para perpetuar a rivalidade entre judeus e povos de origem grega, não permitindo que a luz do entendimento chegasse até eles. Entretanto, aquela mulher teve os olhos do seu coração abertos, assim como o cego de Jericó, para ver em Jesus o Filho de Davi, o Messias prometido. Ela não era judia, mas cria nEle e, naquele momento, não só estava se repetindo o que acontecera no passado com Elias e a viúva da cidade de Sarepta (distrito de Sidom, na Fenícia, a mesma terra onde essa mulher vivia) que, ao crer no Deus de Israel na pessoa do profeta, conseguiu livramento para sua escassez de alimento e para a vida de seu filho, posteriormente ressuscitado pelo homem de Deus (1 Rs 17: 8-24); aqui, também era um ato profético do chamamento dos gentios por Jesus Cristo. A mulher Cananéia deve ter refletido por muito tempo sobre a revelação que tivera a respeito da pessoa de Jesus para poder tomar uma decisão tão ousada como a de ir até Ele pedindo socorro. Ela começou a perceber que os deuses que o seu povo servia eram falsos deuses que nada podiam fazer para resgatar sua filhinha daquele tormento. *Era mais provável que eles fossem a causa* da possessão demoníaca da menina. O pecado de idolatria tinha gerado uma maldição sobre a sua vida e sobre a sua família. Com certeza, seu entendimento foi aberto pelo próprio Deus, permitindo que a cura da criança viesse a exaltar o nome do Seu Filho, destronando a idolatria naquela região e contribuindo para que a fé da mulher aumentasse. A cura fez dela um testemunho vivo não apenas entre seu povo como também entre os próprios judeus,

dando-lhes igualmente uma lição de fé e humildade. Da mesma forma, a viúva de Sarepta lhes havia dado no passado.

O segundo ensinamento vem praticamente junto com o primeiro, no sentido de que uma rivalidade entre nações estava certamente sendo agravada pela presença das entidades que ali reinavam. Isso, para nós, quer dizer que no seio de uma família, *quando não há adoração ao Deus verdadeiro, mas uma idolatria a muitos deuses, o que ocorre é separação, divisão, ódio e contenda, impedindo que o amor penetre nos corações trazendo a união*. É sinal de que Jesus precisa passar por ali. Além disso, alguém dentro dessa família precisa ter coragem para seguir Jesus e destronar os 'altares de Baal'.

Em terceiro lugar, quando existe um problema que nos incomoda há muito tempo, não podemos fazer caso do ridículo, pelo contrário, apesar de todos os comentários e obstáculos ao nosso redor, devemos gritar pela ajuda de Deus, buscando-O insistentemente até conseguirmos a vitória. A mulher, com certeza, passou por louca, atrevida, no mínimo incômoda, pois seguia gritando atrás de Jesus, a ponto de perturbar os próprios discípulos. Ela não se importou com o que pensavam dela, porém se concentrou na sua necessidade e clamou ao Senhor. Nossa fé pode ser erroneamente interpretada pelos incrédulos, mas quando ela é honrada por Jesus nos abençoando com a cura e com a libertação, ela passa a ser veículo de transformação nos que estão à nossa volta e quebra as rivalidades e os preconceitos.

Em quarto lugar: a fé em ação nos faz superar todos os obstáculos internos e externos. A fé daquela mulher a fez superar, em primeiro lugar, o *obstáculo interno* do orgulho, dos costumes sociais colocados dentro de si, dos preconceitos pessoais, das mágoas e de outros sentimentos ruins que pudessem estar em seu coração devido à rixa entre nações. A Cananéia tinha fé no poder existente em Jesus, mas poderia ter a incerteza de como Ele a trataria; apesar disso, preferiu arriscar a ser maltratada, contanto que sua filha fosse liberta. Em segundo lugar, sua fé a levou a superar os *obstáculos externos* como a multidão, o pensamento coletivo existente na sua nação em relação aos judeus e seu orgulho, se achando melhores do que os outros povos (chamando-os de cachorrinhos).

Quinto: o Senhor muitas vezes nos desafia a querer mais dEle e prova a nossa perseverança e a nossa fé. Também nos faz ter certeza de que estamos curados de verdade. Jesus pode ter parecido cruel a princípio, pois Sua resposta pareceu estar provocando a mulher que já se sentia humilhada por estar ali falando com Ele. Entretanto, sua cura já havia sido conquistada antes, quando seu orgulho foi quebrado pela vontade de buscar o Mestre em Sua passagem por Sidom. A resposta de Jesus provou a perseverança e a fé existente no espírito da mulher, ao mesmo tempo em que deixou bem claro a ela que sua cura interior já era uma realidade. Ela creu, aceitou o desafio e saiu honrada.

Sexto: O Senhor nos usa como instrumentos de disciplina e ensino para outros também. Quando Jesus veio para exercer Seu ministério na terra, Deus não se achava feliz com o Seu povo. Estavam muito distantes dEle, tanto pela idolatria como pela religiosidade. Neste texto, Ele usou a pessoa mais improvável para ensinar e disciplinar os judeus. A fé ativa daquela mulher os confrontou com sua incredulidade e lhes revelou o que Ele gostaria de ver em Israel. Além disso, Ele lhes revelou o que faria no futuro com os outros povos que cressem em Seu Filho. Na verdade, Ele lhes mostrava que tinha vindo tanto para judeus quanto para gentios, enfim, para todos quantos O recebessem. Nós podemos dizer também que, como homem, Jesus foi reconfortado pela fé daquela mulher e sentiu Sua alma aliviada da perseguição e da hostilidade por parte do Seu próprio povo que O rejeitava e afrontava com a incredulidade deles (ler o texto

bíblico anterior, onde Jesus enfrentou uma discussão com os anciãos judeus sobre suas tradições; eles vieram de Jerusalém para a Galiléia simplesmente para importuná-lO na Sua missão). Louvado seja Jesus que sofreu por nós e sentiu em Si mesmo a nossa humanidade e é o único que nos livra das perseguições e nos justifica das afrontas de pessoas carnais que, mesmo sem saber, se tornam um instrumento nas mãos do diabo contra nós. É um conforto saber que alguém acredita em nós, e Jesus também sentiu isso.

Sétimo: um discípulo precisa ter discernimento espiritual e compaixão. Os discípulos estavam, provavelmente, tão preocupados com a própria segurança por estarem em território inimigo, que se esqueceram que Jesus estava no controle da situação; por onde Ele os conduzia, havia sempre um aprendizado. A princípio, eles se sentiram muito incomodados ao serem seguidos por aquela mulher gritando atrás deles. Além disso, era uma mulher e não tinha tanta liberdade assim de falar com um homem judeu, ainda mais por se tratar de um Rabi. Eles não tiveram o discernimento espiritual para perceberem que Jesus faria algo e estava permitindo tudo aquilo, senão, Ele mesmo já a teria repreendido. Também não tiveram compaixão por uma criança endemoninhada. Pensaram mais em si mesmos do que nas necessidades do seu semelhante. Qual não deve ter sido sua surpresa ao ver Jesus atender às súplicas da mulher! Muito provavelmente, a resposta brusca do Mestre deve ter causado um choque neles, fazendo-os calar sua própria alma para ouvir e ver as coisas com os olhos do espírito. Muitas vezes, como servos de Deus, ficamos, a princípio, um tanto incomodados com a reação daqueles que nos procuram, pois não compreendemos o porquê de estarmos passando por uma situação dessas. Entretanto, ao calarmos a voz da carne para darmos lugar ao trabalhar do Espírito, podemos perceber que, ao obedecer ao Senhor e aceitar Seus desafios, nós somos os primeiros a ser beneficiados. Portanto, *um discípulo precisa estar atento aos sinais de Deus e ver a bênção divina escondida entre aquilo que parece ser uma maldição.*

8

As instruções para os doze
Mc 6: 7-13; Mt 10: 5-15; Lc 9: 1-6

As instruções para os doze
Textos de referência: Mc 6: 7-13 (Mt 10: 5-15; Lc 9: 1-6)

"Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos [Lucas completa: 'e para efetuarem curas']. Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas [em Mateus está escrito: 'Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre para os vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento']. E recomendou-lhes: Quando entrardes nalguma casa, permanecei aí até vos retirardes do lugar [Mateus completa: 'Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz']. Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao saírem dali, sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles. Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo".

• Quando Jesus enviou Seus discípulos a pregar em Seu nome, estava dando a eles, e também a nós, diretrizes importantes para a nossa vida como cristãos e discípulos. Quando Ele designou que fossem aos pares, quis reforçar em nós a idéia da união de propósito como um fator importante em todas as atividades que desempenhamos, isto é, nós trabalhamos de uma maneira mais efetiva quando conseguimos compartilhar a mesma visão. Quando dois concordarem na terra sobre alguma coisa que porventura pedirem, será concedida pelo Pai que está no céu, pois onde houver dois ou três reunidos em Seu nome, Ele estará no meio deles. Foi Jesus mesmo que disse esta palavra aos Seus discípulos em Mt 18: 19-20. Assim, para nós significa que sem concordância de propósito, não se pode ter sucesso. Isso serve para cada área da nossa vida, não só para um ministério na obra de Deus.

• Em *segundo lugar*, Jesus lhes disse para não levarem nada, exceto o bordão. Não deveriam levar dinheiro, nem duas túnicas, nem bolsas (alforje), nem pão, nem sandálias extras, pois, provavelmente por isso é que vemos a diferença entre os dois evangelhos (o de Marcos e o de Mateus). É lógico que para andarem nas terras pedregosas da Galiléia e da Judéia, os discípulos precisariam de sandálias para proteger seus pés. Jesus mesmo usava sandálias (lembre-se da citação de João Batista: "Disse João ao todos: Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo" – Lc 3: 16). Portanto, assim como a orientação sobre não levar duas túnicas, isso se aplicaria igualmente às sandálias, isto é, não levarem sandálias extras, cujo significado veremos mais adiante. O aprendizado que fica para nós é que: *quando nos dispomos a fazer a obra de Deus, precisamos depender inteiramente dEle, não dos recursos humanos para nos suprir.* O simples fato de alguém se dedicar única e exclusivamente a este tipo de trabalho, que exige dedicação, abdicação e entrega já lhe dá o direito a um salário, como diz Jesus, pois Sua obra é necessária, para não dizer *essencial* à humanidade, implicando uma luta constante pelo resgate espiritual de almas. Podemos completar este raciocínio dizendo que as instruções acima resumem a atitude de um verdadeiro cristão para realizar a obra que Ele lhe confiou na terra, seja ela qual for: desprendimento e confiança em Deus. O cristão precisa ir aonde o Senhor mandar, ser uma pessoa desprendida e confiar totalmente nEle. Fazendo a obra, ele é digno do seu salário, como diz Jesus, e não

precisa se preocupar com o que semeou; receberá multiplicado. O que semeamos na seara do Senhor será revertido em nosso próprio benefício e é Ele mesmo que se responsabiliza pelo suprimento das nossas necessidades. Passo a passo:

a) Ele os orientou a levar junto com eles um *bordão,* pois o bordão, também usado pelos profetas e pelos pastores, era utilizado para defesa das ovelhas e simbolizava *autoridade*. Portanto, quando nos colocamos a serviço do Senhor para realizar Seu trabalho, *precisamos ter conosco Sua autoridade.* A diferença entre Mt 10: 10 e Mc 6: 8 pode ser explicada como 'não procurar um cajado' caso não tivessem, mas poderiam levá-lo se já o tivessem.

b) Jesus também deu aos Seus discípulos outras diretrizes como, por exemplo, não levarem bolsas nem dinheiro nem pão. Isso significa que *não devemos nos firmar nos recursos humanos para a nossa sobrevivência nem dependermos das regras e valores do mundo (sua fama, sua ostentação, seus parâmetros exigentes, seu espírito mercantilista [dinheiro], a cultura das pessoas, seus títulos, sua idade, especialmente sua juventude etc.), mas dos valores de Deus.* O dinheiro é necessário para todos nós, não resta dúvida, entretanto, o significado desta ordenança do Senhor seria *não usarmos da força do mundo para conquistar nossas vitórias.* O dinheiro é a força que age no mundo para nos fazer comprar e adquirir o que precisamos e, quando ele nos falta, nossa vida fica limitada, pois até as nossas necessidades básicas não podemos mais suprir; quanto mais realizar qualquer tipo de chamado ministerial! Entretanto, o ensinamento mais profundo é que o dinheiro *nos ajuda a evangelizar,* porém, *não compra vidas para o reino de Deus.*

c) A *bolsa* é símbolo dos nossos *recursos interiores*, ou seja, do que temos e sabemos para fazer qualquer trabalho. Jesus não queria que eles levassem seus conhecimentos nem sua sabedoria humana, muito menos sua experiência mundana para cumprir a missão que Ele lhes havia dado, entretanto, eles deveriam *depender da Sua sabedoria e da revelação particular do Seu Espírito* para cada caso, confiando única e exclusivamente nEle. Assim, poderiam descobrir a força que havia dentro deles.

d) Também lhes disse para não levarem pão, ou seja, o alimento da carne, apenas o alimento espiritual, pois nada lhes faltaria, materialmente falando, caso seguissem essas diretrizes à risca. O Senhor mesmo levantaria pessoas para supri-los nas suas necessidades físicas. Se estivessem preocupados com isso, não teriam tempo nem capacidade de se concentrarem na parte espiritual, que era o objetivo da missão. Assim, nós não negamos a nossa necessidade humana de suprimento, mas não devemos ficar totalmente preocupados com ela, senão, não poderemos nos concentrar nas coisas de Deus. Por isso, o jejum coloca nossa carne num patamar de silêncio e calma para que o espírito possa estar sintonizado com as coisas espirituais. O ensinamento básico aqui é que *todo aquele que deseja ser servo de Deus deve depender mais do Espírito do que da sua carne para fazer as coisas.*

e) Jesus lhes ordenou também que fossem calçados de sandálias, porém, não levassem sandálias extras e não usassem duas túnicas. Aqui, Ele fala de *estar na dependência de Deus* e não fazer estoque como uma medida de segurança, pois isso minaria a fé no maná divino. Em segundo lugar, *as sandálias* falam de *ocupação, de bênçãos materiais e autoridade,* assim como tirá-las significa *se render, sinal de submissão e respeito;* e as *túnicas* falam de *proteção espiritual e de posicionamento moral diante da vida.* Como está escrito em Ef 6: 15 sobre as *sandálias do evangelho da paz,* nós devemos caminhar sobre uma única direção que é o evangelho da paz que nos foi dado por Jesus. A nossa direção não é mais a palavra nem o conhecimento do mundo, e sim a palavra viva do Espírito que nos faz levar a paz e a verdade aonde formos. Dessa forma, não podemos ter duas palavras: a de Deus e a do mundo vivendo

concomitantemente dentro de nós para nos direcionar. Só uma delas vai ter que prevalecer; e um servo de Deus só pode ter uma única direção para seguir: o evangelho. A *túnica* também só pode ser uma, ou seja, nossa vestimenta só pode ser espiritual, nossa aparência deve ser a do próprio Jesus, nossa maneira de viver só pode ser uma, ao invés de vivermos uma hora de um jeito, outra hora de outro. Não podemos ter 'duas caras', não podemos pregar o que não vivemos; precisamos ser coerentes com a nossa fé. Não podemos nos cobrir com sentimentos contrários ao amor de Deus, pois senão viveríamos com as roupas sujas do pecado. *Nossas vestes devem ser de santidade, ou seja, devemos estar sempre cobertos com o sangue de Jesus, que é derramado sobre aqueles que Lhe são fiéis, e Ele, por sua vez, os justifica de todo pecado e os livra de toda acusação do inimigo.*

• Em *terceiro lugar*, a bíblia fala que eles foram orientados a permanecer numa casa até o momento de se retirar dela e deveriam saudá-la ao entrarem. Entretanto, se não os recebessem ali, deveriam sair e sacudir os pés para tirar o pó das suas sandálias. Isso quer dizer que, ao entrarmos em algum lugar ou em contato com outro semelhante devemos lhes desejar a paz do Senhor como uma forma de preparar o nosso caminho para o que vamos realizar em nome de Jesus. Ele também disse que, se ali houvesse um filho da paz, ela repousaria sobre ele; entretanto, se a casa não fosse digna, Sua paz voltaria para os discípulos. Para nós isso significa que, ao sermos por Ele enviados a uma pessoa ou a um lugar, devemos deixar que a Sua paz vá à nossa frente para as coisas começarem a se desenvolver; entretanto, se notarmos que ali há uma recusa em receber a palavra de Deus, não devemos insistir nem nos irar com a situação, pois a nossa paz ninguém poderá tirar de nós. A paz do Senhor só repousa sobre os que a querem e sobre os que desejam exercitá-la também. Num ambiente de contenda, divisão, ódio e rejeição não há lugar para o relacionamento amoroso que vem de Deus. Corações contenciosos, que vivem para a separação e a divisão, não permitem que haja uma ação do Espírito levando à reconciliação. Os discípulos deveriam ficar em um lugar até que a obra de Deus fosse cumprida ali, isto é, *devemos semear e investir em certas vidas e em certos lugares até o Senhor cumprir Seu plano*. A bíblia diz também que, se não os recebessem nalgum lugar, deveriam sair e sacudir o pó dos pés em sinal de protesto. Naquela época, quando uma pessoa não se sentia bem recebida em alguma terra, como um sinal de que não queria levar consigo a contaminação daquele lugar, ao sair ela sacudia o pó das suas sandálias. Portanto, se somos levados a algum lugar onde nos rejeitam (portanto, rejeitam a palavra de Deus), nossa parte é sair e deixar o mal ali. Um pouco mais adiante, em Lc 10: 1-16, quando Jesus envia os setenta e lhes dá orientações semelhantes, o evangelista escreve: "Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim; e quem vos rejeitar, a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou" (Lc 10: 16).

Embora com as dificuldades que pudessem ter enfrentado, a bíblia diz, principalmente quando fala sobre a volta dos setenta (Lc 10: 17-20), que os discípulos tiveram sucesso e muitas curas foram realizadas por toda a parte. Por isso, *conosco também vai haver sucesso e vitória quando nos dispomos a servi-lO, pois é o próprio Deus que nos incumbe dessa missão.*

9

Jesus acalma uma tempestade
Mc 4: 35-41; Mt 8: 23-27; Lc 8: 22-25

Jesus acalma uma tempestade
Textos de referência: Mc 4: 35-41; Mt 8: 23-27; Lc 8: 22-25

"Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem *[Para a terra dos Gadarenos, em Decápolis]*. E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco; e outros barcos o seguiam. Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água. E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro; eles o despertaram e lhe disseram: Mestre; não te importa que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança. Então, lhes disse: Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé? E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?"

Este é um dos textos em que podemos ver um milagre de Jesus desafiando as forças da natureza e mostrando a todos o Seu poder soberano sobre tudo o que foi criado debaixo do céu. Ele e os discípulos haviam pregado para as multidões nas cidades da Galiléia, por isso podemos pensar que já era final de tarde ou começo da noite quando Jesus lhes disse para subirem aos barcos, a fim de passarem para a outra margem. Talvez pelo cansaço e pelo avançado da hora é que podemos ler na passagem bíblica: "... o levaram assim como estava, no barco *[no caso, o de Pedro]*". A impressão que temos aqui é que O levaram de qualquer jeito, como quem se despede apressadamente de algum lugar porque já é tarde. Não Lhe perguntaram se precisava de algo, se ainda pretendia fazer alguma coisa, se gostaria de descansar antes de partir, ou até se gostaria de subir ao monte para orar sozinho.

Isso nos traz o *primeiro aprendizado*: quando estamos ouvindo a voz do Senhor, seja orando, seja depois de uma ministração, seja após um louvor, não podemos sair correndo como quem sai fugido de algum lugar. É preciso uma pausa para refletir e assimilar o que foi ministrado no nosso espírito. Um exemplo prático é quando estamos em espírito num momento de oração, onde abrimos nosso coração para Ele, sentimos Sua unção nos envolvendo como um sinal de que estamos sendo ouvidos, recebemos Sua direção, mas, rapidamente, interrompemos este contato por causa de alguém que toca a campainha ou o telefone, e quando vamos atender não é ninguém; ou o contato é interrompido porque os filhos pequenos começam a chorar ou a fazer birra ou porque o marido ou a mulher acabou de chegar e quer comer etc. Então, largamos Jesus ou O trazemos conosco de 'qualquer jeito' ('o levaram assim como estava') porque as necessidades mundanas falam mais alto. O espírito sai da 'conexão' e entramos rapidamente 'na carne', esquecendo a revelação que Deus havia dado; não houve tempo de guardá-la com cuidado no espírito nem na alma para refletirmos depois. Com os discípulos aconteceu a mesma coisa. Eles tinham acabado de receber ensinamentos valiosos durante todo um dia e, de repente, se voltaram para as coisas naturais, se esquecendo do que se passara. É como se o despertador tocasse e tivessem que acordar. Portanto, *quando entramos em contato com o Senhor não podemos levá-lO de qualquer jeito; aliás, quando passamos a segui-lO como discípulos, jamais poderemos levá-lO de qualquer jeito pelo resto das nossas vidas. Ele passa a ter prioridade.*

Segundo: A bíblia diz que O colocaram no barco e partiram. Vencido pelo cansaço, Ele dormiu. Parece que eles O ignoraram, pois estavam preocupados com o temporal que se aproximava. A tempestade veio e eles não conseguiam fazer nada para dominá-la. Só então se lembraram de chamar o Senhor; e ainda O despertaram como se Ele

estivesse errado em estar dormindo ou como se fosse um absurdo dormir em face de tamanho perigo. Entretanto, o Senhor sabia de todas as coisas. Eles haviam recebido a unção suficiente durante todo um dia para poderem fazer a tempestade parar, se quisessem, mas não estavam no Espírito para perceber que já tinham o poder dentro de si. Eles ainda precisavam que Jesus mostrasse sinais visíveis, por isso o Senhor lhes disse: "Como é que não tendes fé?" Eles foram confrontados com suas próprias atitudes erradas, pois se não tivessem levado Jesus de qualquer jeito e refletissem sobre tudo o que tinham ouvido, talvez estivessem num patamar espiritual diferente para entenderem que já haviam recebido a capacitação divina para realizar o milagre. Muitos crentes recebem uma força e uma unção de Deus que já os estão preparando para uma prova que virá, porém não lhes dão valor suficiente e as largam. Depois, quando a prova vem, se acham desprovidos de capacitação para suportá-la. Irmão! Aprenda uma coisa: *quando Deus derramar muita unção sobre você, guarde-a e medite, pois ela pode ser uma capacitação para poder superar um possível temporal mais tarde. É só exercitar a fé na palavra que já está no seu espírito.*

Terceiro (ainda ligado ao aprendizado anterior): *é preciso exercitar a fé e ter coragem para vencer os temporais que vêm sobre nossa vida para nos intimidar, na certeza de que Jesus está conosco "neste barco".* Mesmo que Ele pareça estar dormindo, sem falar conosco aparentemente, Sua palavra está acordada e bem viva na nossa boca para que a usemos em nosso favor. Seu sono aparente é uma forma de testar se nós estamos vigilantes e dispostos a usar a autoridade que Ele nos deu. O que vem de fora não pode nos intimidar ou nos amedrontar quando sabemos que o que está dentro de nós é maior.

Quarto: quando levamos Jesus 'de qualquer jeito', ou seja, quando o nosso relacionamento com Ele não é total e as necessidades físicas e materiais parecem assumir a prioridade, nós O deixamos dormir, ou seja, apagamos a chama do Espírito em nós; aí, sim, quando a violência do inimigo vem para nos derrubar, nós nos sentimos sem rumo, sem apoio, por isso o desespero. Em outras palavras, o contato foi quebrado e a fé e a esperança foram embora. Portanto, este quarto ensinamento é: *não deixar Jesus dormir na nossa vida, não nos esquecer de manter nossa intimidade com Ele.* Aí acontece o que aconteceu com os apóstolos: sua visão ficou distorcida e acharam que Jesus não se importava com eles ("Mestre, não te importa que pereçamos?").

Quinto: a palavra de Deus tem todo o poder de acalmar a fúria do inimigo. Foi só Jesus se levantar e dizer: "Acalma-te, emudece!" para acalmar toda a turbulência do mar e os ventos e trovões do céu. Espiritualmente falando, Ele rugiu mais alto que os outros leões, e a paz voltou a reinar. Por isso, quando a mentira do diabo tenta nos fazer enxergar uma catástrofe, devemos 'gritar mais alto' do que ele, liberando a Palavra a nosso favor, pois está escrito que a voz do Senhor é como a voz de muitas águas, como voz de trovão que despedaça os cedros do Líbano: "Ouve-se a voz do Senhor sobre as águas; troveja o Deus da glória; o Senhor está sobre as muitas águas. A voz do Senhor é poderosa; a voz do Senhor é cheia de majestade. A voz do Senhor quebra os cedros; sim, o Senhor despedaça os cedros do Líbano... a voz do Senhor despede chamas de fogo. A voz do Senhor faz tremer o deserto; o Senhor faz tremer o deserto de Cades. A voz do Senhor faz dar cria às corças e desnuda os bosques; e no seu templo tudo diz: Glória! [NVI: A voz do SENHOR retorce os carvalhos [ou, faz a corça dar cria] e despe as florestas. E no seu templo todos clamam: "Glória!"] O Senhor preside os dilúvios; como rei, o Senhor presidirá para sempre. O Senhor dá força ao seu povo, o Senhor abençoa com paz ao seu povo" (Sl 29: 3-11).

Sexto: quando Jesus faz um milagre, Sua autoridade e Sua honra são reconhecidas. Ao experimentar o milagre, os apóstolos temeram e respeitaram Jesus ainda mais, pois

Seu poder e Sua autoridade foram confirmados novamente. Assim, quando estamos diante de uma situação totalmente impossível de ser resolvida, humanamente falando, e Jesus faz um milagre, temos que reconhecer que a glória e a honra deste feito pertencem a Ele e a mais ninguém.

10

Jesus anda por sobre o mar
Mt 14: 22-33; Mc 6: 45-52; Jo 6: 16-21

Jesus anda por sobre o mar
Textos de referência: Mt 14: 22-33; Mc 6: 45-52; Jo 6: 16-21

"Logo a seguir *[se referindo à primeira multiplicação de pães e peixes]*, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões. E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava ele, só. Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário. Na quarta vigília da noite *[entre 3 e 6 horas da madrugada]*, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar. E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou eu, não temais! Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor! E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste? Subindo ambos para o barco, cessou o vento. E os que estavam no barco adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus".

Este texto se segue ao episódio da primeira multiplicação dos pães, quando Jesus mandou Seus discípulos para o barco, enquanto despedia as multidões, e dizendo-lhes que subiria ao monte para orar. A bíblia fala que, caindo a tarde, Ele estava só e o barco já estava longe, a muitos estádios da terra (em Jo 6: 19 está escrito que a mais ou menos vinte e cinco a trinta estádios da terra. Um estádio romano equivalia a cento e oitenta e cinco metros, portanto, o barco já estava mais ou menos quatro ou cinco quilômetros mar adentro). Isso nos faz pensar que não era simplesmente o cair da tarde, pois o episódio da multiplicação dos pães se deu no final da tarde (Mt 14: 15), provavelmente por volta das dezessete às dezoito horas, quando terminava o dia para os judeus. Até comerem, serem recolhidos os doze cestos com os pães que sobraram, serem despedidas as multidões, Jesus subir ao monte para orar, os discípulos embarcarem e estarem a mais ou menos quatro ou cinco quilômetros mar adentro, podemos concluir que já era noite estabelecida quando Jesus se viu só na praia. A bíblia fala que só na quarta vigília da noite Ele conseguiu se encontrar com Seus discípulos, ou seja, entre três e seis horas da madrugada, portanto, para chegar até eles neste momento, levou algum tempo para caminhar sobre o mar. Jesus não correu, mas andou, o que mais uma vez nos faz pensar que era noite e não final da tarde quando desceu do monte e viu o barco ao longe. Isso tem um significado metafórico bastante interessante para nós. Jesus ficou só, pois Seus seguidores estavam longe, no mar, e a multidão já não estava mais com Ele, pois tinha voltado para casa. Estava escuro e não havia ninguém ao Seu lado. Entretanto, o Pai estava com Ele. Ele tinha acabado de descer do monte, portanto, estava cheio de unção. A noite significa, biblicamente falando, um período de escuridão não apenas física, mas espiritual, onde pode haver tribulação em nossas vidas e não termos ninguém por perto para nos ajudar a não ser Deus, por isso precisamos estar cheios do Seu poder. Assim como com Jesus, nossos amigos ou conhecidos nos deixam sozinhos nos períodos de *"escuridão"* das nossas vidas, quando só encontramos dificuldades. Entretanto, se estivermos cheios da unção do Espírito conosco poderemos enfrentar os desafios que vemos à nossa frente sem vacilar, pois Ele nos guia. Pelo visto, não era uma noite calma e iluminada pela luz da lua, porque os três evangelistas descrevem que o vento era contrário, e em Jo 6: 18 está escrito que o mar começava a empolar-se, agitado com o

vento rijo que soprava. Portanto, era muito pouco provável que Jesus, como homem, pudesse ter segurança completa para saber para onde ia; talvez, nem pudesse ver mais o barco. Isso quer dizer que Ele estava só, apenas debaixo da unção do Espírito Santo, cercado por trevas, e ainda tinha que realizar algo humanamente impossível, que era andar por sobre o mar para se reencontrar com Seus discípulos. Por isso, nós, muitas vezes, *nos nossos momentos de dificuldades, quando não temos clareza do que está acontecendo e não há mais ninguém ao nosso lado a não ser Jesus, precisamos estar cheios do Seu Espírito para enfrentarmos o obstáculo à nossa frente, que são as barreiras espirituais levantadas no momento em que tentamos prosseguir com os nossos objetivos.*

Em *segundo* lugar, Jesus estava no Mar da Galiléia, também chamado de Mar de Tiberíades (Jo 6: 1) ou Lago de Genesaré (Lc 5: 1: Gennésaret ou Gennēsaret (Strong #g1082), em grego, Γεννησαρέτ; um distrito fértil perto do lago de Tiberíades, por isso, ele também era conhecido como Lago de Genesaré) ou Mar de Quinerete (Nm 34: 11; Dt 3: 17; Js 11: 2; Js 12: 3; Js 13: 27: Js 19: 35; 1 Rs 15: 20, Kinaroth, Kinneroth, Kinnereth, Chinnereth – Strong #3672, em hebraico, כנרת), que, por sua vez, provém da palavra kin·nō·wr, כנור, Strong #3658, que significa: harpa, lira. É interessante notar, realmente, o formato do lago visto por satélite (figura abaixo); ele tem o formato de uma harpa.

O Mar da Galiléia separava a região norte de Israel dos territórios sob domínio romano ao Leste, região ocupada por dez cidades gregas chamadas, em conjunto, Decápolis, portanto, cidades ímpias, gentílicas, cujo deus maior era Baal e que os supersticiosos diziam que comandava as forças da natureza naquela região. Seus nomes eram:

- Citópolis (atual Bete-Sean, no distrito norte de Israel)
- Damasco (atual capital da Síria)

• Canata (Κάναθα em Grego antigo), é hoje Qanawat, na Síria; hoje habitada por um grupo esotérico árabe

• Rafana (Ραφάνα em Grego antigo) não foi identificada; parece que após 106 DC não existiu mais

• Hippos (em grego; ou Sussita, em aramaico; as duas palavras significam "cavalo". Perdurou até 749 DC. Hoje é um sítio arqueológico entre o Mar da Galiléia e as Colinas de Golã)

• Diom (antiga Capitólia, Καπιτωλιάς, romanizado: Kapitolias, ou atual Beit Ras, no norte na Jordânia)

• Filadélfia (atual Amã, capital da Jordânia)

• Pela (Seu nome antigo era Fihl ou Pihil, e foi totalmente devastada pelo grande terremoto de 749 na Galiléia. Hoje, é apenas um sítio arqueológico próximo à cidade jordaniana de Ṭabaqat Faḥl, ao norte de Amã)

• Gerasa (Parte dela foi destruída pelo grande terremoto de 749 na Galiléia e por outros terremotos subseqüentes, mas depois reconstruída no século XVI pelos otomanos. O sítio arqueológico de hoje se encontra ao lado da moderna Gerasa)

• Gadara (hoje são ruínas dentro da cidade atual de Umm Qais).

De acordo com certas fontes, pode ter havido em redor de 18 ou 19 cidades Greco-Romanas contadas como parte de Decápolis. Por exemplo, Abília é freqüentemente citada como pertencente ao grupo, assim como Kursi, Al Husn e Arabella (Irbid). Espiritualmente falando, Jesus estava entrando em território inimigo (território de Baal), vencendo as barreiras espirituais (simbolizada pelas águas do mar) para se reencontrar com Seus amigos que estavam no barco. Da mesma forma, nós temos que entrar em território inimigo (mundo espiritual) para podermos alcançar uma bênção que nos está reservada pelo Senhor, 'do outro lado'. A bíblia também fala que o vento era contrário, ou seja, além de ter que vencer as forças gravitacionais para caminhar sobre o mar, Jesus ainda tinha que vencer as forças contrárias do vento em alto mar, que normalmente é forte, principalmente quando vem tempestade. A palavra 'vento' neste texto em grego é anemos, Strong #g417, que significa: vento; (plural) por implicação, (os quatro) quadrantes (da terra); ventos; ou seja, os quatro ventos da terra (dos quatro pontos cardeais). Ela equivale à palavra hebraica 'ruach' (Strong #7307), que não se refere apenas ao Espírito Santo *(Ruach haKodesh) ou* Espírito de Deus *(Ruach Elohim)*, como também a 'espíritos'. Isso quer dizer que o mundo espiritual ali era contrário a Jesus e dele provinham espíritos que faziam oposição à Sua caminhada, entretanto, Ele começou a caminhar na força do Espírito Santo. Talvez tenha levado mais tempo do que o necessário; chegaria mais rápido se não estivesse escuro, se não fosse noite e o vento não fosse contrário, entretanto, não desistiu e conseguiu chegar perto do barco. Para nós, o paralelo é que, *quando temos que atravessar esses momentos de dificuldades apenas na força de Deus, com o mundo espiritual e demônios nos fazendo oposição, não devemos nos deixar intimidar nem desistir, mas prosseguir com fé, sabendo que Deus está "enxergando longe" por nós e nos guiando com a Sua mão.* Jesus também venceu as forças naturais, como a força da gravidade, para poder andar sobre as águas. Nós, igualmente, temos que vencer as forças naturais, como as oposições humanas, o tempo, as fraquezas do nosso próprio corpo e da nossa alma e outras para podermos alcançar nossas metas.

O *terceiro* ensinamento neste texto é que os discípulos estavam no barco, símbolo da arca de Deus, ou seja, da Sua presença entre os homens, assim como foi a arca da Aliança e a arca de Noé. A arca guarda o projeto de Deus e os discípulos eram, naquele momento, um projeto divino para a humanidade, entretanto, eles estavam sentindo a falta do principal que era Jesus. O barco pode simbolizar, igualmente, a nossa alma,

portanto, os discípulos estavam com medo e vazios emocionalmente porque estavam enfrentando o mar agitado à sua volta, o vento contrário e sentiam necessidade da presença de Jesus com eles. Para eles, também era um tempo de tribulação como o era para o Mestre. A única diferença era que Ele, mesmo em carne, tinha fé para superá-la e mostrar aos Seus discípulos que poderiam fazer a mesma coisa se tivessem a mesma fé no Pai. Por estarem no escuro, a visão deles era distorcida e o medo dava brecha para a fantasia, como o que aconteceu quando acharam que Jesus era um fantasma. Da mesma forma é conosco, quando nesses períodos de luta onde não podemos ver com clareza as coisas à nossa volta, as nossas emoções e os nossos pensamentos se tornam vulneráveis e passamos a distorcer as coisas, dando-lhes uma dimensão maior do que realmente têm, até transformando-as naquilo que não são. Nesses momentos, a firmeza da Palavra dentro de nós, assim como a fé na promessa de Deus, são os fatores mais importantes para podermos prosseguir sem medo e deixar o Espírito agir livremente para nos sarar a alma, o corpo, o espírito e nos mostrar a Sua verdade. Por isso, falsas doutrinas guardadas há muito tempo no nosso interior adquirem a forma de demônios e vêm a afligir as nossas emoções e os nossos pensamentos, se dermos espaço para elas. Ter o costume de ler diariamente a palavra de Deus nos fortalece para que possamos discernir entre o certo e o errado, em relação às informações que nos atingem de todos os lados. Hoje em dia, são como a escuridão e as águas revoltas enfrentadas por Jesus e pelos discípulos: trevas, um monte de lixo e mentira. Resumindo, os discípulos estavam como numa arca, jogados de um lado para o outro, sentindo a falta de Jesus. Nós, da mesma forma, *nos momentos de tribulação e escuridão, só conseguimos nos sentir seguros quando trazemos a presença de Deus para o nosso interior através da oração e do louvor, pois avivam o Espírito Santo no nosso espírito. Em outras palavras, é preciso trazer Jesus para o "nosso barco".*

Quarto: Jesus conseguiu se encontrar com eles de madrugada, entre três e seis horas da manhã, ou seja, no final do período de luta, quando Ele tinha conseguido superar as dificuldades e quando eles estavam a ponto de desistir. Isso significa que *Jesus chega sempre na hora certa, quando o nosso limite já foi atingido e quando já fomos aprovados por Deus por resistirmos ao mal.* Aí Ele vem e nos reforça a fé dizendo: "Tem bom ânimo", isto é, "tem coragem". Isso vem fortalecer não só a nossa vitalidade para terminarmos a prova, mas também nos mostra que Ele jamais vai nos desamparar. Embora debaixo de escuridão, pois ainda não tinha nascido o sol, agora tinham a verdadeira luz ali com eles que era Jesus. Por isso, não precisavam mais temer. Em outras palavras, apesar das trevas ao redor, a *luz* estava com eles e aquelas não podiam tocar neles. Em Jo 1: 5 está escrito: "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela". Da mesma forma, *quando o Espírito de Deus está forte em nós, as trevas se afastam e não podem nos tocar.*

Quinto: Pedro foi o único que se arriscou a provar mais de Jesus naquele momento, pois pediu para sair do barco e ir ter com Ele. Sua lealdade a Jesus e sua vontade de agradar o Mestre, talvez o tenham estimulado a fazer um pedido tão arriscado, entretanto, Ele lho concedeu e disse: "Vem!", ou seja, Jesus estimulou o discípulo a provar sua própria fé para não se sentir tão derrotado pelo que vivera até ali. Enquanto olhou para Jesus, Pedro caminhou sobre as águas, mas ao se deixar amedrontar pela força do vento sua carne prevaleceu e sua fé enfraqueceu, fazendo-o submergir. Para nós fica o ensinamento de *permanecer olhando para Jesus,* a fim de que possamos caminhar em vitória apesar das afrontas ao nosso lado. *Enquanto estivermos preocupados com o poder do inimigo seremos derrotados, mas se permanecermos na fé da promessa e da visão que já nos foi dada na própria Palavra de Deus que é Jesus,*

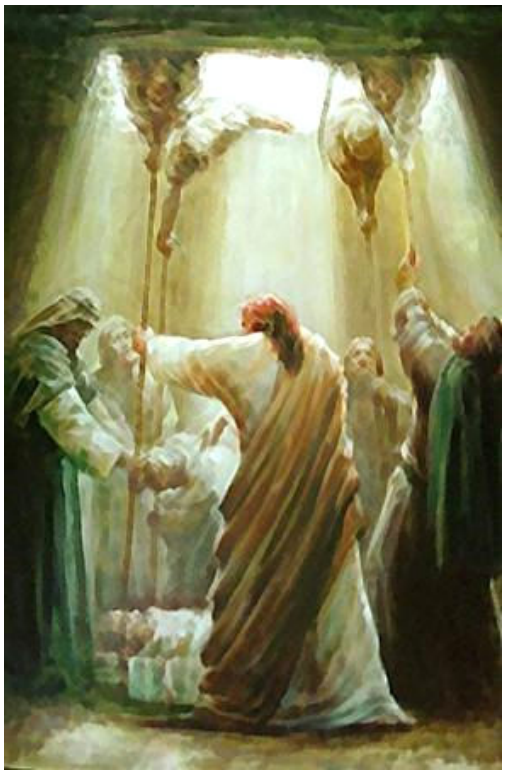
nós estaremos prontos para superar todos os obstáculos e ser respeitados por nós mesmos, pelos nossos semelhantes, pelo mundo espiritual e pelo inimigo.

Sexto: a bíblia fala que Pedro, ao submergir, teve a mão de Jesus *prontamente* estendida para resgatá-lo. Mesmo quando falhamos temporariamente na nossa caminhada por causa da deficiência da nossa fé, *Jesus está sempre pronto a estender a mão para nos socorrer.*

Sétimo: o texto termina dizendo que, quando Jesus subiu a bordo, o vento cessou e o barco logo chegou ao seu destino (Jo 6: 21). Isso quer dizer que, *quando Jesus entra poderosamente na nossa vida,* em particular no problema que nos atormentava, *o vento desaparece, ou seja, Satanás (a ameaça) deixa de nos afrontar* e podemos completar nossa jornada (nosso barco chega ao destino). Por isso, se você tem lutado contra muitas forças contrárias que insistem em não deixar sua bênção chegar, persevere, porque ela está quase em suas mãos. Clame a Jesus e, quando o Seu poder descer, o inimigo será expulso desse território. Você vai chegar ao seu destino, em nome de Jesus.

11

A cura de um paralítico em Cafarnaum
Mc 2: 1-12; Mt 9: 1-8; Lc 5: 17-26



A cura de um paralítico em Cafarnaum
Textos de referência: Mc 2: 1-12; Mt 9: 1-8; Lc 5: 17-26

"Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa. Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra [em Lc 5: 17 está escrito: 'Ora, aconteceu que, num daqueles dias, estava ele ensinando, e achavam-se ali assentados fariseus e mestres da lei, vindos de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém. E o poder do Senhor estava com ele para curar']. Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico, levado por quatro homens. E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o eirado no ponto correspondente ao em que ele estava e, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o doente. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados. Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e arrazoavam em seu coração: Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um que é Deus? E Jesus, percebendo logo por seu espírito que eles assim arrazoavam, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim!"

No capítulo em que meditamos sobre *a cura do paralítico no tanque de Betesda,* descrevemos alguns aprendizados importantes. Vamos rememorá-los:

1) Quando estamos enfermos, seja do corpo, da alma ou do espírito, devemos buscar um lugar onde a misericórdia de Deus possa fluir e nos tocar com cura (Betesda = Casa de Misericórdia).

2) O pecado nos paralisa.

3) A fé anda junto com a ação.

4) Não devemos esperar que outros façam um trabalho que cabe a nós fazer, não precisamos ficar esperando que alguém nos conduza à verdade. O que precisamos fazer é deixar Jesus nos tocar e nos curar pela nossa fé, é buscá-lO pela nossa própria vontade e iniciativa.

5) Jesus é senhor do sábado.

6) Deus continua trabalhando, moldando Sua criação até hoje através das nossas vidas.

7) A palavra de Deus nos sara de qualquer tipo de doença.

Neste texto, podemos encontrar outros ensinamentos que vêm a complementar os descritos acima; além do mais, ele nos mostra que, mesmo se tratando de casos físicos parecidos (paralisia), as causas e as motivações aqui eram diferentes, portanto, seres humanos com doenças semelhantes têm dentro de si uma causa diferente para ela e, por isso, são tratados individualmente por Jesus.

1) Quando Jesus soube da prisão de seu primo João, deixou Nazaré e foi morar em Cafarnaum. A cidade se situava a Noroeste do Mar da Galiléia. Seu nome é proveniente do hebraico *Kephar Nahüm ("Vila de Naum"); Naum (conforto, consolo).* Era sede de coletores de impostos, e a presença de um centurião ali (Mt 8: 5; Lc 7: 2), pode ter significado que havia nela um posto militar romano. Jesus a condenou várias vezes pela

falta de fé. A bíblia diz que na casa onde Jesus estava se achegaram fariseus, saduceus e escribas (Lc 5: 7). Os *escribas,* do hebraico *Sõpherïm,* também chamados *doutores ou mestres da lei*, eram técnicos no estudo da lei de Moisés (Torá). Surgiram depois do exílio babilônico e exerciam influência principalmente na Judéia, mas também podiam ser encontrados na Galiléia e entre a dispersão judaica. Foram os originadores do culto na sinagoga, juntamente com os Fariseus. Alguns deles eram membros do Sinédrio, que era um tribunal formado por sacerdotes, anciãos e escribas, o qual julgava as questões cerimoniais ou administrativas referentes a uma tribo ou a uma cidade, os crimes políticos importantes etc. Correspondia à Suprema Corte Judaica ou Tribunal de Justiça. Os escribas tiveram sua importância aumentada depois do ano 70 DC. Transmitiam fielmente as Escrituras hebraicas e esperavam de seus alunos uma reverência maior que a que prestavam a seus pais. Tinham tríplice função: a) Preservavam a lei. Eram estudiosos profissionais dela, seus guardiões e copiavam, muitas vezes, os manuscritos. b) Tinham discípulos e faziam conferências no templo. c) Eram chamados doutores da lei e mestres da lei, por serem juízes do Sinédrio. Não eram pagos pelo serviço que prestavam para ele; tinham que ganhar a vida por outros meios. Pertenciam ao partido dos fariseus, mas como um corpo, eram distintos deles. Os *fariseus* controlavam a religião do Estado. Eram peritos em religião. Queriam atingir os fins espirituais *por meios políticos* e nunca deixavam de pensar no interesse público. Acreditavam que a lei oral existia e era tão autorizada e inspirada por Deus quanto a Torá ou lei escrita. Era um partido religioso judeu que se caracterizava pela oposição aos outros, fugindo-lhes do contato e pela observância exageradamente rigorosa das prescrições legais e das tradições que eles haviam estabelecido. Eram hipócritas aparentando uma santidade que não tinham. A maioria dos fariseus não era da classe sacerdotal e, portanto, não dependia exclusivamente do Templo para viver. Em geral, eles eram pessoas de classe média que trabalhavam em várias profissões, como comerciantes, artesãos e agricultores. Alguns fariseus eram ricos, mas a maioria era de classe média e vivia de seu trabalho. Os *saduceus* opunham-se aos ensinos de Jesus e dos fariseus. Detinham o poder político no Sinédrio e negavam a ressurreição, anjos e espíritos. A maioria dos saduceus era rica e não precisava depender de um trabalho secular comum para sobreviver. Cumpriam várias funções políticas, sociais e religiosas, dentre as quais, os sacrifícios e a administração dos fundos do Templo.

Portanto, Jesus estava diante de uma tríplice oposição política e religiosa. A Palavra disse que Ele estava em Cafarnaum, numa 'vila de consolo', se nós traduzirmos o nome hebraico da cidade. Portanto, era um lugar propício para ser curado e se encontrar com Deus, pois ali se poderia achar o Seu consolo. Além disso, Lucas diz que naquele momento a unção de cura estava sobre Jesus. Ele estava fazendo, a princípio, algo arriscado: ensinava a palavra de Deus, não só ao povo como também a quem já se achava bastante entendido nela; eles estavam todos à Sua volta: fariseus, saduceus e escribas, não para aprender, mas para contender e discutir. Isso fazia como que uma muralha na frente daqueles que precisavam verdadeiramente da cura, pois não se sentiam livres para fazer perguntas ou para tocarem em Jesus e para receberem o Seu consolo; os poderosos tinham prioridade e, espiritualmente falando, eles estavam erguendo uma barreira ao entendimento daqueles que necessitavam de luz. Provavelmente, a multidão se comprimia como podia atrás deles e ao redor da casa, procurando ouvir Jesus, por isso o paralítico não tinha nenhuma chance de se aproximar. *Assim, o primeiro ensinamento é: a religiosidade, a incredulidade e o orgulho daqueles que se acham superiores e entendidos na Palavra impedem os menores de receberem as bênçãos de Deus, pois criam uma dificuldade ao fluir do amor, do consolo, da misericórdia e da compaixão.* Jesus expressou esse pensamento

em outras palavras em Mt 23: 13: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!"

2) Direcionando o nosso raciocínio para o paralítico, podemos imaginar que ele já estava naquela situação há algum tempo e desejava ardentemente a cura. Provavelmente ouvira falar de Jesus e procurava ser tocado por Ele de qualquer jeito, não medindo esforços para isso. A bíblia fala que ele tentou se aproximar, mas não conseguiu por causa dos curiosos (aqui representados pela multidão) e por causa dos religiosos, que procuravam ter a atenção integral de Jesus para discutir o que não tinha interesse algum. O paralítico deve ter chamado seus amigos e conhecidos para ajudá-lo a chegar ao Mestre da maneira que fosse. Podemos imaginar o desespero deste homem ao se aproximar da casa não ver sequer a mínima possibilidade de se encontrar com o Senhor. Deve ter gritado e implorado para que o ajudassem a ser curado. O evangelho diz que, então, os quatro homens que o tinham levado até ali, possivelmente os amigos mais íntimos, subiram no telhado da casa e fizeram uma abertura bem sobre o lugar onde Jesus estava pregando para poder colocar o paralítico frente a frente com o *Senhor da cura*. As casas não tinham muita dificuldade de serem abertas pelo teto, pois este era comumente feito de uma camada grossa de barro, espalhado por cima de uma coberta de juncos apoiada sobre traves. Isso nos faz pensar que não era tão endurecido como os de hoje, que contém concreto, portanto, não tiveram realmente que quebrar o eirado, apenas remover as vigas e a palha. Este ato, por si só já deve ter interrompido a discussão entre Jesus e os mestres da lei, pois algum barulho foi feito. Jesus esperou para que o descessem e os fariseus, saduceus e escribas devem ter achado um desrespeito serem interrompidos em algo 'tão importante'. Mas Jesus estava ali para ensinar a verdade e curar os doentes, por isso deve ter se alegrado com o que via: ousadia para interromper o que na verdade não tinha importância alguma, a fim de liberar o poder de Deus para realizar o que tinha vindo fazer ali. O *número quatro* é o número do *evangelho*, da *Palavra*, da *relação entre o homem e Deus*; para os judeus é símbolo de um *número perfeito*, do homem unido à Trindade: quatro lados da nova Jerusalém, quatro ordens de tribos, quatro letras no nome hebraico de Deus – YHWH. Em outras palavras, aqueles homens estavam munidos de *fé na Palavra* buscando uma união mais íntima entre Jesus e seu amigo; na verdade agiram como intercessores, isto é, através da sua fé em ação, abriram caminho para a cura divina vir sobre um necessitado. *Portanto, o segundo ensinamento aqui é: quando precisamos demais de uma bênção e não estamos conseguindo vencer as barreiras espirituais sozinhos, precisamos de intercessores que nos abram caminho até o trono de Deus, onde estão a nossa salvação e a nossa cura. A nossa fé, aliada à fé dos que intercedem por nós, gera o milagre derrubando as barreiras da religiosidade que nos impõe regras para falar com Ele e as barreiras dos falsos ensinos que distorcem a simplicidade da Sua Palavra.*

3) "Vendo-lhes a fé, Jesus lhe disse: Filho, os teus pecados estão perdoados". Jesus viu a fé nele e se alegrou, pois esse movimento não só interrompeu a barreira da discussão religiosa, como permitiu a liberação da unção de cura que estava sobre Ele, pronta para ser derramada. É lógico que Jesus sabia que o paralítico viria, mas esperou pelo momento certo para revelar a todos o Seu poder e arruinar a soberba dos mestres da lei. Ele poderia primeiro curar fisicamente o homem, entretanto, perdoou-lhe os pecados antes para mexer com o que estava no coração dos religiosos. Muito provavelmente, Seu ensinamento teórico até aqui não conseguira mudar a maneira dura de pensar deles, por isso, esta era a hora de colocar a teoria em prática. A fé do homem fez com que Jesus tocasse diretamente na ferida, na causa daquela paralisia, que era o pecado, e que justificava a ansiedade do doente em ser tocado por Ele. A culpa e a sensação de

acusação deveriam estar torturando-o mais do que a doença física propriamente dita. Para nós, fica o ensinamento: não adianta buscar apenas uma cura superficial (no corpo) através de médicos e remédios, mas uma cura profunda na alma, recebendo o perdão de Jesus, se for o caso, ou recebendo a Sua justiça e libertação de qualquer coisa que possa estar tentando nos paralisar. Em outras palavras: os fariseus falam bonito, suas orações têm aparência de poder curador, porém, curam superficialmente apenas; não atingem o profundo porque não mantêm intimidade com o Espírito Santo e não conhecem o coração de Deus, que tudo enxerga. *O Senhor não deseja curas aparentes nos Seus filhos e sim, curas profundas e definitivas. "Deus não põe band-aid em fratura exposta. Coloca logo o bisturi".*

4) O Senhor conhece o profundo do nosso coração. Com a atitude acima de perdoar o homem, Jesus passou a tocar profundamente na ferida dos fariseus, saduceus e escribas, que era a hipocrisia (Mt 16: 12; Lc 12: 1), e a expôs diante dos seus próprios olhos. Ele quis lhes mostrar que o que eles faziam (curar superficialmente as pessoas através do engano e da futilidade dos seus ensinamentos e da sua doutrina) era fácil, como é mais fácil para muita gente hoje correr para o médico e tomar um remédio para qualquer sintoma ou marcar rapidamente uma cirurgia para se ver livre logo do problema, ao invés de buscar a cura verdadeira em Deus. Não é errado pedir socorro aos médicos, pois o Senhor os abençoou e os colocou na terra para nosso benefício; o que é errado é transformá-los em deuses e achar que é da responsabilidade deles resolver nosso caso. Com pastores é a mesma coisa; são transformados em 'tábuas de salvação' para os que não querem lutar por si mesmos para sair do pecado. Pelo contrário, *Deus não quer que tenhamos muletas,* sejam elas médicos, pastores ou qualquer outra. *Quer que nos responsabilizemos pelas nossas atitudes diante dEle e dos homens, sabendo que, se forem erradas, acarretarão problemas e doenças e não é num piscar de olhos que as curamos; se forem profundas, muito tempo vai ser usado para nos restaurar novamente e cabe a nós ter a vontade de sermos curados.*

5) Quando a barreira espiritual é vencida, o físico está livre para ser restaurado. Foi, por isso, que Jesus o curou espiritualmente primeiro. Com as barreiras espirituais derrubadas, o físico estava aberto à bênção. Você entende o porquê dessa afirmação? Jesus não repreendeu Cafarnaum (onde se deu essa cura) e essas duas cidades pela falta de fé e falta de arrependimento? Em Mt 11: 21-24 está escrito: "Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo".

Foi o mesmo que aconteceu em Nazaré (Mt 13: 28: "E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles"). Esses tipos de pecado da carne são agravados pela ação de demônios, que prendem os pensamentos e as emoções das pessoas, impedindo a recepção e o entendimento da Palavra de Deus, a suavidade de coração e, conseqüentemente, a fé. Pois era pela fé que os milagres de Jesus aconteciam e Ele dizia: "Vai em paz, tua fé te salvou". Então, quando pela ação do Espírito Santo e pela vontade das pessoas, seus pensamentos eram mudados e seus olhos eram abertos à verdade, a cura acontecia. O fator de bloqueio espiritual era removido e o corpo físico recebia a unção de cura do Espírito Santo através de Jesus. Mesmo que muitas vezes

hoje em dia não se vejam curas instantâneas por milagre de Deus, Ele usa os métodos disponíveis pela ciência para curar vidas, ela fé delas, de maneira gradual. Seu nome é engrandecido de qualquer maneira.

Jesus disse: "Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa".

Quando meditamos sobre essa frase, nós podemos ver que há dois pontos de vista. Do ponto de vista de Deus, que conhece os segredos do mundo espiritual e sabe o quanto o pecado pode prender uma vida para sempre, inclusive roubando-lhe a salvação, era mais fácil curá-lo fisicamente, pois ninguém a não ser Ele e Seu Filho tem autoridade para perdoar pecados e livrar uma pessoa do cativeiro do diabo. Mas do ponto de vista humano, especialmente dos escribas que o questionavam, era mais fácil dizer que os pecados daquele homem estavam perdoados porque qualquer um poderia dizer aquilo e ninguém poderia provar se era verdade ou não, uma vez que não era algo visível. Mas a cura física era algo visível e seria um sinal de que quem curava fisicamente o paralítico também tinha autoridade para perdoar pecados.

12

A ressurreição da filha de Jairo
Mc 5: 21-24; 35-43; Mt 9: 23-26; Lc 8: 49-56

A ressurreição da filha de Jairo
Textos de referência: Mc 5: 21-24; 35-43; Mt 9: 23-26; Lc 8: 49-56

"Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluiu para ele grande multidão; e ele estava junto do mar. Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo e, vendo-o prostrou-se a seus pés e insistentemente lhe suplicou: Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá. Jesus foi com ele... Falava ele ainda, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre? Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente. Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito. Ao entrar, lhes disse: Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme. E riam-se dele. Tendo ele, porém, mandado sair a todos, tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava. Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados. Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e mandou que dessem de comer à menina".

A história de Jairo (chefe da sinagoga que veio buscar auxílio em Jesus) pode ser dividida em duas partes, por assim dizer, pois a primeira parte veio a tratar com ele, em especial, e a segunda, com a sua filhinha.

Na primeira parte, o tratamento abrangeu a cura emocional e espiritual de Jairo. Como um chefe da sinagoga ele *se expôs publicamente mostrando sua fé em Jesus,* acima da tradição e dos rituais que conhecia e praticava; além disso, desafiou seus companheiros fariseus, saduceus e escribas, pois diante deles assumiu sua crença no Filho de Deus de que Ele seria o único que poderia fazer alguma coisa pela menina que estava à morte. Ele veio e se prostrou aos pés de Jesus como um sinal de humildade, reconhecendo o senhorio do Mestre. *O primeiro aprendizado* importante nesta primeira etapa é que *quando queremos ver um milagre e sabemos exatamente quem é capaz de realizá-lo (Jesus), devemos nos despir de tudo o que é velho,* de todo tradicionalismo e preconceito, inclusive da opinião de religiosos que podem achar que o que estamos fazendo é uma loucura. Jairo se expôs diante de todos os judeus, assumindo sua fé em Jesus e passou por cima de todos os obstáculos que pudessem se erguer no seu caminho.

O segundo aprendizado é que, mesmo tendo fé no Senhor, *devemos vigiar para que os "enviados de Satanás" não tentem roubar a nossa bênção.* Provavelmente, muitos ali estavam 'apostando contra' e pensaram que poderiam alcançar seu intento tirando a esperança de Jairo com uma notícia palpável e evidente que era o fato de a criança já estar morta. Devemos nos lembrar que quem se interpôs entre o pedido do chefe e a cura da sua filha foi a mulher com fluxo de sangue, que tocou a borda do manto de Jesus e O fez parar por tempo suficiente para curá-la, mas, aparentemente, para retardar a bênção de Jairo. Jesus, com certeza, sabia de tudo o que estava acontecendo e permitiu que houvesse aquela interrupção, não apenas para honrar e beneficiar aquela mulher, como também para mostrar a Jairo mais duas coisas: *1) que Ele nunca chega atrasado à ocasião alguma* e *2) que para Deus não há acepção de pessoas.* Por ser um homem importante, ele, provavelmente, achou que Jesus o socorreria em primeiro lugar, ao invés de interromper sua história para curar uma desconhecida. Entretanto, o Senhor mostrou a ele que, quando Deus tem um projeto, não há nada que possa impedi-lo de

realizá-lo; além do quê, somos todos iguais perante Ele e é Ele que escolhe a prioridade. Naquele momento, a mulher com hemorragia era uma prioridade, por isso Jesus parou para ouvi-la, para honrá-la diante de todos e para dar um tempo a Jairo para repensar sobre muitas coisas. Enquanto pensava, Jesus tirava dele a ansiedade, as falsas esperanças e os medos, aumentando sua fé em Deus da maneira verdadeira e mostrando-lhe que, mesmo com as forças contrárias tentando envergonhá-lo, Ele, Jesus, ainda estava no comando de todas as coisas e que tudo terminaria bem. Podemos imaginar o conflito interior daquele homem ao ver a aparente impossibilidade que tinha diante de si, de saber que só um era capaz de resolver seu problema, todavia, ver-se aparentemente esquecido e desprezado, ainda mais ao receber uma notícia tão ruim como a que os judeus trouxeram a ele. Sua fé e sua esperança, possivelmente, desabaram naquele momento. Foi quando ele deve ter sentido a mão do Senhor puxando-o pelo punho até sua casa, restaurando-as ao dizer: "Não temas, crê somente". A bíblia diz que Jesus chamou apenas Seus três discípulos mais chegados, que sempre o seguiam quando o Senhor estava prestes a dar uma grande revelação. Foram com Ele: Pedro, Tiago e João, simbolizando os guerreiros que não se conformam com o mal e com a derrota e que mantêm firme sua fé apesar das aparentes contrariedades. O *número três*, além de simbolizar a perfeição divina através da *"Trindade"*, significa também *santidade*. Por isso, *para os Seus santos, Deus revela Seus milagres.*

Na segunda parte da história de Jairo, o Senhor começa a tratar com a incredulidade daquele povo, além de *mostrar Seu poder soberano sobre a única força que não podemos vencer, apenas o Filho de Deus, a saber, a morte, com está escrito na bíblia* (1 Co 15: 24-26; Ap 1: 18). Neste ponto, Jairo, já trabalhado internamente, é honrado pelo Senhor ao ver a filha morta sendo ressuscitada diante dos seus olhos. Há uma frase importante aqui: "Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme". O que Jesus nos ensina é que os olhos da carne sempre enxergam a destruição e a derrota, mas *os olhos do espírito enxergam a realidade do que Deus pensa a respeito dos projetos e sonhos que Ele mesmo colocou no nosso coração.* Quando a bíblia fala de filho, de criança, pode estar se referindo a um sonho, a um desejo e a um projeto nosso. Podemos levar anos para conquistar um sonho, entretanto, quando ele já foi determinado e abençoado por Deus, não há nada que venha matá-lo. Ele pode estar dormindo, esperando o momento certo para se manifestar, mas não morreu. Vamos lembrar mais uma vez que a criança tinha doze anos, ou seja, era símbolo de algo que fora escolhido e eleito pelo próprio Deus para um propósito, por isso ela não pereceu. O *número doze* significa o número da *eleição divina, do chamado,* portanto, *quando nossos sonhos são os sonhos de Deus colocados dentro de nós para um propósito especial, jamais morrerão porque através deles o Senhor vai mostrar Sua soberania e Seu poder entre os homens*. Um achado interessante é que 'Jairo' é a forma grega do nome hebraico 'Jair', que significa 'difusor de luz'. Podemos extrapolar este raciocínio, ligando-o ao anterior e dizendo que a ressurreição da filha de Jairo simboliza a ressurreição dos sonhos de Deus para nós, pois são difusores de luz, isto é, *através deles o Senhor mostrará Sua luz aos homens.* Outra revelação interessante é que Jesus mandou que dessem de comer à menina. Ninguém sabe qual era a doença que a havia levado à morte, entretanto, era óbvio que precisava, agora, recuperar suas forças. Isso quer dizer que *quando o nosso sonho ganha vida pelas mãos de Jesus, Ele nos ordena a lhe darmos comida, ou seja, sustentá-lo com o melhor que temos para que se fortaleça e cresça.*

Mais uma coisa sobre a frase de Jesus: "A criança não está morta, mas dorme". Ele estava dizendo que o que eles chamavam 'morte', para Ele significava apenas 'dormir', pois o corpo dela estava morto, mas sua alma e seu espírito estavam predestinados à

salvação, portanto, à vida eterna. “Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem” (Lc 20: 38), pois quem crê em Jesus não morre (morte = ‘inferno, separação definitiva de Deus’), mas tem a vida eterna.

13

A ressurreição do filho da viúva de Naim
Lc 7: 11-17

A ressurreição do filho da viúva de Naim
Texto de referência: Lc 7: 11-17

"Em dia subseqüente, dirigia-se Jesus a uma cidade chamada Naim, e iam com ele os seus discípulos e numerosa multidão. Como se aproximasse, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade ia com ela. Vendo-a, o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: Não chores! Chegando-se, tocou o esquife e, parando os que o conduziam, disse: Jovem, eu te mando: levanta-te! Sentou-se o que estivera morto e passou a falar; e Jesus o restituiu a sua mãe. Todos ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus, dizendo: Grande profeta se levantou entre nós e: Deus visitou o seu povo. Esta notícia a respeito dele divulgou-se por toda a Judéia e por toda a circunvizinhança".

Subindo um pouco as montanhas da Galiléia até o sul de Nazaré, há uma cidade chamada Naim. *Na'ïm,* no hebraico, significa *agradável;* talvez pelo clima temperado daquela região. Era para lá que Jesus se dirigia. A bíblia não fala que Ele fez outros milagres ali ou que se demorou na cidade por mais tempo, o que pode nos fazer pensar que Ele ouviu o choro de angústia daquela mulher e se dirigiu para lá para tornar seu choro em riso. *A ressurreição do filho da viúva de Naim pode simbolizar a ressurreição do riso e da alegria no coração de todos os que acham angustiados por causa de uma perda.* A mulher morava num lugar agradável, porém, para ela, aquele dia não pareceu ser nada agradável, uma vez que, ao enterrar seu filho único, ela estava enterrando também toda a sua alegria e toda a sua possibilidade de sustento. A palavra *viúva,* no Novo Testamento em grego, significa, *destituída,* portanto, aquela viúva estava naquele momento mais destituída do que já era; tinha perdido o marido e, agora, o filho único. É bom pensarmos sobre a condição das viúvas no Antigo e no Novo Testamento, pois se tornavam um problema para a sociedade; caso não tivessem família, alguém teria que sustentá-las. Se não houvesse ninguém, passariam a esmolar para poder sobreviver; por isso, na lei de Moisés já havia uma determinação de Deus a respeito do sustento do órfão, da viúva e do estrangeiro que morava entre o povo de Israel (Dt 26: 12-13; Dt 14: 28-29 – o segundo dízimo; Dt 25: 5-10 – a lei do levirato). A bíblia não fala qual era a condição desta mulher, entretanto, sua angústia parecia extrema. Jesus se compadeceu dela e a consolou, restaurando-lhe a esperança na vida, pois Ele era a ressurreição e a vida. O Senhor parou o enterro, ressuscitou o rapaz e o restituiu à sua mãe. Por isso, essa passagem *pode significar para nós a restituição de Deus de algo que perdemos e jamais veríamos possibilidade de termos de volta.* Neste episódio de ressurreição, diferentemente do da filha de Jairo, o Senhor não falou sobre o rapaz estar dormindo. Ele realmente estava morto, a mãe o tinha perdido de verdade, portanto, quando nosso sonho foi, certamente, morto ou quando algo que era precioso para nós foi completamente destruído Jesus nos consola restituindo o que era nosso. Muitas vezes, podemos pensar como foi possível ver ressurreição física no passado e não nos dias de hoje, a não ser em alguns relatos de milagres esporádicos. Porém, se olharmos os evangelhos, não foram todos os mortos que Jesus ressuscitou fisicamente, apenas alguns, para nos deixar aprendizados importantes sobre o que é prioritário para Deus, que é a nossa alma. Costumamos nos preocupar mais com o corpo físico e com as coisas materiais, entretanto, se pensarmos em alguém que nos era querido e morreu, podemos perceber que mesmo na nossa tristeza, Deus nos consola ressuscitando nossa fé, nossa esperança e trazendo, às vezes, grandes mudanças espirituais na família, redundando em salvação, o nosso bem mais importante. Portanto, mesmo quando não conseguimos ver

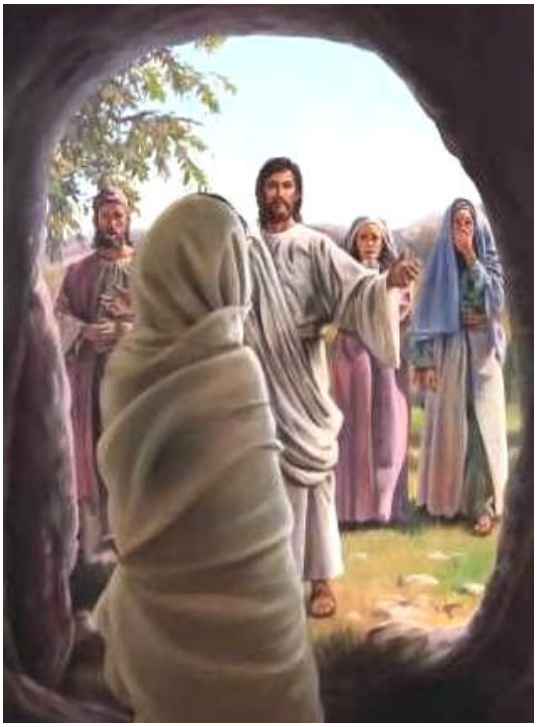
os milagres aparentes que gostaríamos de ver nas nossas vidas, podemos ter a certeza de que *Deus continua trabalhando na nossa alma e no nosso espírito nos restituindo de coisas profundamente mais valiosas como a salvação, a intimidade com Ele e as bênçãos espirituais, o que dinheiro nenhum no mundo pode comprar.* No caso, a viúva teve a restituição da sua alegria, pois aquele filho único parecia ser sua alegria maior na vida, além do que *teve restituída a sua possibilidade de sustento material,* pois não podia trabalhar como as mulheres de hoje. De qualquer forma, seja espiritual, emocional ou materialmente, Jesus é o único que pode nos restituir do que perdemos e devemos buscá-lO sempre, não especificamente pelo interesse da restituição, mas por saber que até o que nunca tivemos, Ele pode nos dar quando o nosso coração é sincero.

Outro ensinamento deste texto é que o povo ficou possuído de temor ao ver o milagre e creu em Jesus como um profeta. Isso quer dizer que *quando o Senhor realiza um milagre, muitas vezes, é para despertar o temor no coração do Seu povo e lembrá-lo que Ele é Deus e tudo pode.* Seu povo precisa reverenciá-lO, acima de todos os outros deuses. Jesus foi considerado por aquelas pessoas como um profeta, pois Sua atitude as lembrou dos feitos proféticos do passado, onde Elias e Eliseu ressuscitaram os filhos das viúvas. Portanto, isso significa que a *palavra que procede da boca de Deus permanece viva e eficaz e continua a exercer Seu propósito de ressuscitar os mortos, sejam eles espirituais ou físicos.* Assim, quando há algum tipo de morte em nossa vida, algo que está 'empacado', que 'não vai para frente', podemos ter a certeza de que a Palavra é poderosa para quebrar todas as cadeias e grilhões e trazer vida aos nossos sonhos e projetos.

Por último, a bíblia diz que o povo glorificou a Deus por ter visitado o Seu povo. Isso quer dizer que *quando Deus nos visita, é sempre para nos trazer a vida, nos dar alegria, nos restituir do que perdemos e para receber de nós o louvor e a adoração pelos Seus feitos.*

14

A ressurreição de Lázaro
Jo 11: 1-46



A ressurreição de Lázaro
Texto de referência: Jo 11: 1-46

"Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus *[que estava do outro lado do Jordão, no local onde João Batista inicialmente batizava, provavelmente em Betânia (outra Betânia que não a de Lázaro) na região de Peréia, governada por Herodes (Jo 1: 28; Jo 10: 40) ou em Enom (ainõn, do árabe 'ain = fontes), perto de Salim, do lado ocidental do Jordão a treze quilômetros ao sul de Citópolis, na região de Decápolis – Jo 3: 23]*: Senhor, está enfermo aquele a quem amas. Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para a morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado. Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava. Depois disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judéia. Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá? Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. Isto dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo. Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará a salvo. Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro, mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono. Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele. Então, Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele. Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias. Ora, Betânia estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém. Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar a respeito de seu irmão. Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedirdes a Deus, Deus to concederá. Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir. Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição no último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto? Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo. Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: O Mestre chegou e te chama. Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele, pois Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele. Os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar. Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo lançou-se-lhe aos pés, dizendo: Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido. Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se. E perguntou: Onde o sepultastes? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê! Jesus chorou. Então, disseram os judeus: Vede quanto o amava. Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse? Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta a cuja entrada tinham posto uma pedra. Então ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias. Respondeu-

lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora! Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Então, lhes ordenou Jesus: Desatai-o e deixai-o ir. Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele. Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara".

A bíblia diz que ao receber a notícia de que Lázaro estava doente, Jesus disse: "Esta enfermidade não é para a morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado". Mas a bíblia também diz que Ele ainda se demorou dois dias no lugar onde estava. O motivo desta demora teve um propósito, como para cumprir a profecia que Ele mesmo havia feito, ou seja, aquela enfermidade e todas as conseqüências que ela acarretaria seriam apenas para que glória de Deus fosse manifestada através do Filho, para que o nome de Deus fosse temido e honrado. Aquilo tudo era para aumentar a fé dos que criam nEle e para gerar fé no coração dos que não criam ainda. Logo em seguida à declaração acima, Ele diz aos Seus discípulos que se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. Também acabou fazendo um jogo de palavras que confundiu os discípulos. Primeiro Ele disse: 'Lázaro adormeceu'; depois Ele disse: 'Lázaro morreu'. Jesus teve que explicar claramente aos discípulos na linguagem que eles entendiam. Fisicamente falando, era evidente que estava morto, e sua ressurreição seria para a glória de Deus através de Jesus.

Mas como Jesus via algo que outras pessoas não podiam ver, vamos dar uma interpretação metafórica para essa passagem, a fim de podermos continuar nosso raciocínio. A explicação da visão de Deus sobre o que chamamos morte, é que isso para Ele se chama 'dormir' (1 Ts 4: 13-14).

Quando meditamos neste texto, podemos ver que Jesus era amigo de Marta, Maria e Lázaro, por isso deveria ter sentido, como homem, a dor pela morte do Seu amigo. Diferentemente dos dois casos anteriores (da filha de Jairo e do filho da viúva de Naim), Lázaro já estava morto há quatro dias e era praticamente impossível trazer de volta à vida alguém que tinha entrado em processo de decomposição física. Aqui há um ensinamento no que diz respeito ao pecado. Jesus quis nos revelar o que acontece com quem anda distante da luz, ou que ainda não O conhece de verdade. Mesmo sendo amigos de Jesus, eles ainda precisavam ser tocados mais profundamente pela Sua cura; por isso, cada um deles teve o seu momento particular com o Senhor. Marta foi tocada por Jesus em sua casa, quando tentou impedir que Maria ouvisse as palavras do Mestre. O que Ele disse foi algo forte que a fez enxergar as prioridades de Deus para aqueles que são chamados para o Seu reino. Maria teve uma cura particular com Jesus quando ungiu os pés do Senhor com bálsamo (Jo 11: 2; Jo 12: 3; provavelmente, a mesma mulher descrita em Lc 7: 37-38; 44-46; Mt 26: 6-13; Mc 14: 3-8); e Lázaro teve o seu momento especial com o episódio de sua ressurreição. Lázaro é a forma grega do nome hebraico Eleazar, que significa 'Deus ajudou'. Ele precisava da ajuda de Deus para se livrar dos laços que o inimigo armou contra sua vida. Sua história lembra um pouco a de Jonas que, por sua vez é um espelho da morte e ressurreição de Jesus. Para os dois homens, aquela experiência foi um período de isolamento; só que Jonas estava vivo e consciente e pôde reconhecer seu erro e clamar a Deus por libertação. Lázaro foi um passo além, pois pela fraqueza da sua carne e do seu espírito, o inimigo atuou de uma

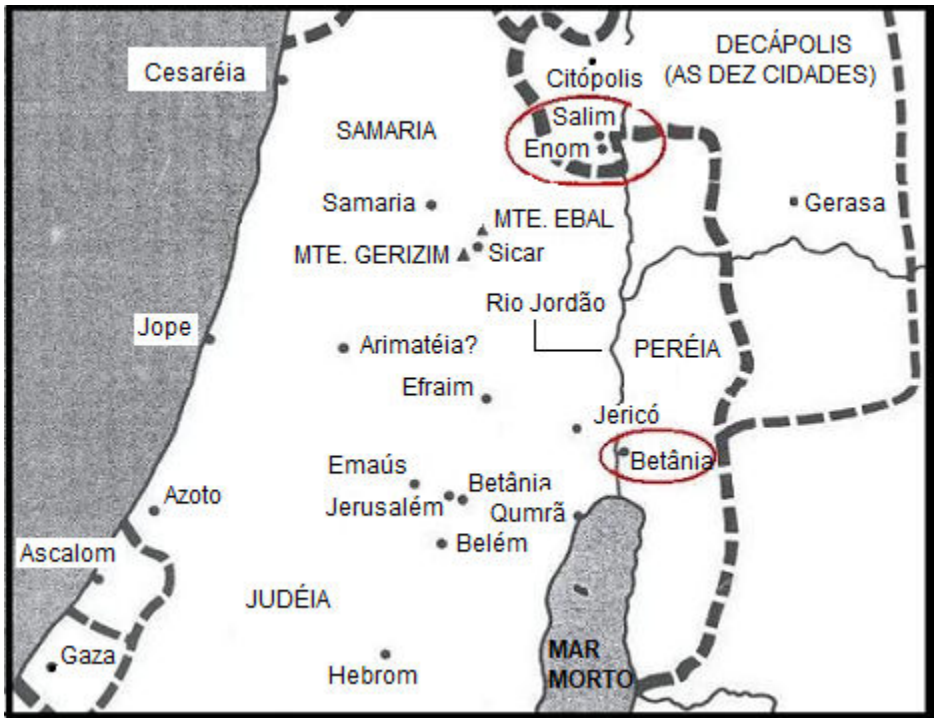
forma mais destrutiva. Jonas foi submetido àquela provação pelas mãos do próprio Deus. Lázaro teve a permissão de Deus para poder passar por aquela provação, a fim de que o inimigo fosse envergonhado e desmascarado, e o nome do Senhor fosse exaltado. Por isso, Jesus disse que aquela doença não era para a morte, ou seja, a morte espiritual, a perda da salvação. Ele é poderoso para salvar os que são Seus.

Não se sabe que tipo de doença levou Lázaro à morte, mas para nós ela tem um sentido metafórico.

A bíblia nada relata sobre a personalidade de Lázaro. Supondo que Lázaro fosse mais pacato, mais tímido, até mais vulnerável espiritualmente, dependia da presença física de Jesus ali para manter-se firme, sem cair no pecado. Talvez, por isso, o Senhor tenha dito que ele tinha adormecido, ou seja, não vigiou e, sem a presença da luz de Jesus ali com ele, as trevas o dominaram. Ele não tinha andado na luz, mas 'de noite', por isso tinha tropeçado. O que podemos tirar de tudo isso até agora é que Jesus está nos dando um ensinamento sobre o que acontece quando uma pessoa deixa Sua presença por algum motivo e enfraquece espiritualmente. Em primeiro lugar, ela fica doente, adormece e depois morre, ou seja, a chama do Espírito se esfria e apaga. Aí ela é colocada numa 'gruta', alheia às coisas espirituais, portanto, à luz, e atada com faixas que a impedem de andar e viver normalmente.

Teoricamente, o cerne do ensinamento é que Lázaro se comportou como alguém que peca e 'se enterra' para as coisas de Deus, se distancia e passa a viver nas trevas. A bíblia diz que Marta e Maria choravam muito, assim como seus amigos. Isso comoveu Jesus e Ele também chorou. Talvez, porque viu ali a incredulidade e a fragilidade humana impedindo os filhos de Deus de serem livres e vitoriosos, dando brecha para a destruição do inimigo. Entretanto, Ele disse a Marta que se ela cresse, veria a glória de Deus, isto é, se ela cresse que Ele era capaz de todas as coisas, o poder do Espírito Santo voltaria a entrar no espírito de Lázaro e ele renasceria espiritualmente (seguindo nossa metáfora para a morte de Lázaro). Jesus mostrou que o Pai era poderoso para reerguer todos os que O buscassem novamente, por isso disse: "Tirai a pedra". Ele disse para que os homens tirassem a pedra, ou seja, não era Sua parte fazer isso, mas dos amigos. Isso quer dizer que, através da intercessão, as barreiras que foram levantadas pelo inimigo podem cair para que, então, Seu poder possa agir. Primeiro, é a parte humana clamando o poder de Deus; depois, o Seu poder em ação realizando o impossível. Ele clamou em alta voz: "Lázaro, vem para fora", ou seja, "Lázaro, sai da caverna do pecado, do isolamento, e volta aos caminhos do Senhor; restaura a tua intimidade com Deus". Lázaro saiu da gruta, mas ainda estava atado, por isso Jesus disse: "Desatai-o e deixai-o ir". Quando o poder de Deus entrou em ação ressuscitando novamente aquele espírito morto pelo pecado, ficaram expostas as faixas colocadas pelo inimigo para atá-lo, vieram à luz as ciladas contra ele; aí, era só jogar tudo aquilo fora através de uma mudança de atitude para voltar à bem-aventurança da presença do Senhor.

Nós podemos resumir o ensinamento dizendo que a ressurreição de Lázaro significa a restituição da comunhão com Deus.



Locais de batismo de João Batista

15

Marta e Maria
Lc 10: 38-42

Marta e Maria
Texto de referência: Lc 10: 38-42

"Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me. Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada".

A história de Marta e Maria nos mostra as duas maneiras de servir o Senhor: a maneira humana e a espiritual; ou, então, duas maneiras de ver a vida, duas prioridades na vida: as coisas da terra e as coisas do céu. Marta parecia ser uma mulher mais prática e determinada, mais preocupada com as coisas da carne ao invés das do espírito. Maria, por sua vez, tinha mais sensibilidade para perceber que antes de servir o Mestre, precisamos aprender com Ele, por isso absorvia Seus ensinamentos. Ela sabia que precisava ser cheia do Seu poder para realizar alguma coisa pela Sua obra. Por isso, o Senhor disse a Marta: "Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada". Na verdade, o que Ele queria dizer é que Ele precisa de verdadeiros adoradores, de filhos que sintam o prazer de estar na Sua presença, pois assim Ele pode agir em seu favor. Quem mantém o bom hábito da oração sente a unção que é derramada sobre si ao estar na presença do Senhor. Sabe que está sendo ouvido e, conseqüentemente, atendido em seus pedidos e sabe também ouvir o que Deus está querendo lhe dizer ou ensinar. Assim, Marta não entendia o que tanto 'prendia' Maria a Jesus. Ela se preocupava tanto com as coisas palpáveis que não conseguia perceber o invisível, ou seja, o espiritual.

Portanto, o que Jesus nos ensina com esta passagem é que o mais importante não é fazermos coisas para Ele na força do nosso braço, mas deixar que Seu Espírito nos use, pois é Ele quem faz as coisas. Aprender com Ele, ao invés de aprender com os homens, nos coloca numa posição de mais intimidade consigo e nos faz conhecer as realidades espirituais, o que aperfeiçoa em nós o conhecimento da Sua palavra e nos dá sabedoria para agirmos de acordo com ela. O verdadeiro cristão percebe que andar com Deus passa a ser um caminho pessoal, onde o aprendizado é único e ajustado por Ele a cada um dos Seus filhos. Vai percebendo, dia a dia, que o ativismo não leva a parte alguma e começa a descobrir o privilégio de poder entrar diretamente no altar sempre que desejar, simplesmente por ser Seu filho. Quando tentamos fazer a obra de Deus sem a direção do Espírito Santo, simplesmente porque queremos Lhe agradar, não conseguimos conquistas efetivas, apenas um cansaço e uma frustração por estarmos colocando as nossas energias no foco errado. Por isso, chega o momento na vida de todo filho de Deus, que ele precisa parar e perguntar ao Senhor o que Ele quer realmente. A bíblia fala em Jo 4: 23-24 que o Pai procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade. É o que Maria fazia. Estar sentada aos pés de Jesus aprendendo com Ele era uma forma de lhe dar honra e ser curada das suas fraquezas e feridas. Quando conseguimos entrar na presença de Deus através do louvor, não só saímos fortalecidos, mas curados e libertos, pois enquanto nosso coração está aberto para nos dedicarmos totalmente a Ele, Ele vem, nos toca com cura e nos abençoa com tudo o que precisamos. Outra forma de estarmos na presença do Senhor, além do louvor, é lermos a Sua palavra

com o intuito de meditar e aprender com ela. Começamos a descobrir que a cada dia ela nos traz uma revelação nova e vai nos lavando interiormente, colocando a Sua verdade na nossa alma. É como se conseguíssemos enxergar coisas que outros não conseguem ver, simplesmente porque o contato constante com a palavra de Deus nos ensina a pensar e ver tudo do Seu jeito, não do jeito humano.

Voltando ao comentário sobre Marta, e que escrevi no texto sobre a ressurreição de Lázaro e sobre ser tocada por Jesus para poder enxergar a verdadeira prioridade, este texto também nos mostra duas maneiras de viver: se preocupando com as coisas da terra ou dando valor às coisas espirituais. Marta se preocupava mais com as coisas terrenas e práticas da vida, e assim, gastava muita energia com o que não tem tanto valor, e se privava do conforto, do refrigério e da direção de Deus através de Jesus, a Palavra Viva. Deus não se importa que nós trabalhemos e cuidemos das coisas naturais da vida, mas sempre nos alerta a ficar atentos para que as distrações do mundo não nos afastem do Seu verdadeiro projeto para a nossa vida, que é a nossa salvação e a nossa posição como Seu instrumento de bênção para Sua obra. A nossa prioridade deve estar na vontade do Senhor e não nas coisas terrenas; nos valores do Seu reino e não nos valores do mundo.

Por último, vemos uma promessa de proteção de Jesus para todos os que querem ser como Maria: nada os tirará deste contato com o Senhor. Marta tentou tirar Maria do seu lugar usando autoridade do próprio Jesus, pois Lhe pediu que ordenasse à irmã que viesse ajudá-la nos afazeres domésticos. Se Jesus atendesse ao pedido de Marta e dissesse a Maria para obedecer à sua irmã, é lógico que ela teria que atender às ordens do Mestre, mas Jesus não fez isso. Ele deixou bem claro que Ele é o único Deus que merece a nossa atenção e nenhum outro deus ou subterfúgio tem poder para nos separar dEle.

16

A mulher de Samaria
Jo 4: 1-30; 39-42

A mulher de Samaria
Texto de referência: Jo 4: 1-30; 39-42

"Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos), deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia. E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria. Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta *[meio-dia]*. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu, judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com samaritanos)? Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens água viva? És tu, porventura, maior do que Jacó, nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos e seu gado? Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la. Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e vem cá; ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta. Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas. Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo. Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que falas com ela? Quanto à mulher, deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens: Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?! Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele... Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito. Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias. Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra, e diziam à mulher; Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo".

Antes de falar sobre a mulher de Samaria, eu gostaria de explicar o versículo inicial de Jo 4: 1-2, sobre o fato de Jesus batizar. João escreveu: "Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos),

deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia". Enquanto Jesus esteve na terra com Seus discípulos, o batismo que eles faziam em Seu nome era o mesmo batismo de João, o batismo de arrependimento, preparando o coração das pessoas para a vinda do Messias, pois o trabalho de perdão dos pecados ainda não havia ocorrido com Seu sofrimento na cruz. Mas após Sua morte e ressurreição, o batismo começou a ser realizado em Seu nome, ou seja, o batismo nas águas, que traz o novo nascimento, e o batismo no Espírito Santo, não propriamente administrado pela imposição das mãos dos apóstolos, mas por determinação do próprio Deus (At 8: 14-17; 36-38; At 10: 44-48; At 11: 15-16; 18; At 16: 33; At 19: 1-6). Dois dos apóstolos de Jesus (André e João), que seguiram João Batista no início, certamente foram batizados no batismo de arrependimento (Jo 1: 35-37; 40).

Jesus tinha entrado no território de Samaria, diz a bíblia, para retornar para a Galiléia. Samaria era o reino do norte de Israel. Sua capital também se chamava Samaria. Tinha sido construída por Onri, o sétimo rei de Israel, após a divisão do país em dois reinos, que acontecera depois da morte de Salomão. Fora construída em uma colina a onze quilômetros a noroeste de Siquém e dominava as principais rotas comerciais que atravessavam a planície de Esdrelom. Onri adquiriu o local por dois talentos de prata (aproximadamente sessenta e oito quilos), e deu-lhe o nome de seu antigo proprietário, Semer (1 Rs 16: 24). A colina tinha cem metros de altitude. Era inexpugnável, exceto pelo cerco. Seu nome hebraico, *Shõmerôn,* pode ser ligado com o vocábulo que significa *'posto de vigia'.* Foi dominada pelos sírios e depois pelos assírios, caindo em seu poder em 722 AC. Seus habitantes foram deportados, enquanto outros exilados de outras partes do império assírio foram transferidos para lá (mais tarde, caiu nas mãos dos babilônios). Os judeus que continuaram na cidade permaneciam fiéis a YHWH, enquanto outros cultos eram estabelecidos. Depois do exílio, ela foi recolonizada pelos gregos em 331 AC, e depois os romanos a tomaram. Coube a Herodes embelezá-la e recebeu o nome de *Sebaste, em Grego (em Latim, Augusta)*, em honra ao imperador Augusto. Alguns judeus fiéis permaneciam adorando em Jerusalém; os demais adoravam no *Monte Gerizim* e no *Monte Ebal* perto de *Sicar,* a sudeste de Samaria. Portanto, era de gerações o antagonismo entre judeus e samaritanos. Os judeus consideravam os samaritanos como cismáticos (dissidentes, um grupo que se separou da comunidade judaica), e não como gentios (outros povos não judeus), e confiavam neles, por exemplo, no tocante aos dízimos e à impureza oriunda das sepulturas. O principal ponto de discórdia era o templo no Monte Gerizim.

Jesus parou em Sicar e ordenou aos discípulos que fossem comprar comida, enquanto Ele ficaria ali esperando, pois estava um pouco cansado da caminhada. Por volta do meio-dia, sentou-se junto de um poço perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Nisto veio uma mulher samaritana tirar água. Foi, então, que começou a conversa entre os dois, levando-a a se conhecer e a conhecer o Messias. *O primeiro ensinamento aqui é que Jesus entra em território inimigo, onde há antagonismo, nem que seja para resgatar uma única vida.* O Senhor sabia que ali o Pai faria através dEle uma obra não só naquela mulher, mas também nos demais cidadãos, pois ela seria Sua testemunha naquele lugar.

O que acontecia ali era um pouco estranho, pois Jesus, um judeu, parou para conversar com uma mulher samaritana. As mulheres costumavam vir juntas ao poço nas horas mais frescas do dia, ou seja, pela manhã bem cedinho ou no final da tarde. Vinham sempre juntas, mas aquela estava ali sozinha e numa hora completamente imprópria, o que nos faz pensar que era rejeitada pelas outras e até pelos moradores locais. A bíblia não conta detalhes da vida passada dela, a não ser que já tivera cinco maridos. Também não se sabe se era viúva dos cinco ou se tinha separado deles por

algum motivo. Alguns comentaristas dizem até que ela era uma prostituta. Ninguém sabe. Talvez, fosse uma mulher destituída de apoio, insegura, que buscara ajuda para sua solidão nos lugares errados e nas pessoas erradas. Ela não tinha dito como tudo começara a 'despencar' na sua vida, mas Jesus sabia; talvez tenha, de propósito, feito Seus discípulos irem todos juntos à cidade para comprar alimento, a fim de ficar a sós com ela e resgatá-la daquela vida. O que conseguimos perceber é que seus relacionamentos eram superficiais e insatisfatórios. Mas Jesus podia transformar isso. Ela sentiu o interesse de Jesus por ela e viu que nos Seus olhos não havia preconceito ou acusação. Então, Ele lhe falou sobre a verdadeira adoração. Ela reconheceu que Jesus era o Messias e recebeu um entendimento maior sobre sua própria vida para poder reconstruí-la da maneira correta. Ela voltou correndo à cidade para contar aos cidadãos daquele lugar o que ela havia experimentado através a conversa com Jesus. A bíblia diz que muitos se converteram com o seu testemunho e que outros, ao verem Jesus pessoalmente, também passaram a crer.

Com este trecho escrito acima podemos entender que *os principais ensinamentos* para nós são:

• Jesus entra em 'território inimigo', onde há antagonismo, nem que seja para resgatar uma única vida.

• Jesus conhece totalmente o nosso interior e os motivos reais do nosso coração para termos agido de determinada forma no passado e as nossas motivações atuais para estarmos agindo hoje.

• Sua compaixão pelo nosso sofrimento é real e nos faz abrir totalmente o nosso interior para Ele, pois podemos ter a certeza que Nele não há acusação, mas o perdão, a libertação e a cura verdadeira.

• Tudo em nossa vida é possível de ser reconstruído, quando nos entregamos verdadeiramente a Ele e cremos que só Ele é o Senhor.

• A presença de Jesus nos abre o entendimento, jogando por terra a religiosidade e a idolatria, nos levando a conhecer a real adoração a Deus.

• O Pai procura verdadeiros adoradores, pois a adoração nos coloca diante do trono e nos faz conhecer Seus segredos. Através da adoração, muitas vitórias são conquistadas, pois no altar do Senhor o inimigo não pode estar e não pode nos tocar.

• O nosso testemunho vivo é fator primordial na conversão sincera de muitas vidas, porque a transformação que ocorreu em nosso interior é visível e inegável. A bíblia diz que muitos se converteram com o seu testemunho e que outros, ao verem Jesus pessoalmente, também passaram a crer.

• Quando somos profundamente curados por Jesus estamos prontos para sermos vasos mais úteis em Suas mãos.

17

A oferta da viúva pobre
Mc 12: 41-44; Lc 21: 1-4

A oferta da viúva pobre
Textos de referência: Mc 12: 41-44; Lc 21: 1-4

"Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante *[quadrante = moeda romana de cobre correspondente a 1/64 do denário ou dracma, que eram moedas de prata, romana e grega, respectivamente, equivalentes ao salário de um dia de um trabalhador braçal. No caso, o quadrante equivalia a centavos no nosso dinheiro]*. E chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento".

A ARA é a única versão bíblica que menciona a palavra 'Gazofilácio'.

As outras versões da bíblia escrevem 'tesouro' ou 'tesouro do templo' ou 'arca do tesouro', pois em inglês a palavra 'gazofilácio' não existe, mesmo na versão de King James.

A palavra 'Gazofilácio' (em Português) vem do grego: 'Gazophulakion' ou 'Gazophilakeion' (γαζοφυλάκιον, Strong g#1049), que quer dizer: sala do tesouro (literalmente), tesouro, casa do tesouro, isto é, um átrio do templo para as caixas de coleta. Por isso, no AT, a bíblia, quando se refere ao templo, fala que vários reis de Judá deram ao inimigo o que havia nos tesouros do templo [1 Rs 15: 18 rei Asa; 2 Rs 12: 18 rei Joás; 2 Rs 14: 14 Jeoás, rei de Israel, tomou os tesouros das mãos de Amazias, rei de Judá; 2 Rs 16: 7-8 rei Acaz; 2 Rs 18: 15-16 rei Ezequias]. Na versão bíblica ARA você vai encontrar a palavra 'gazofilácio' ('Gazophulakion') três vezes: Mc 12: 41; 43; Lc 21: 1; Jo 8: 20.

A bíblia fala que Jesus se colocou no átrio das mulheres no pátio exterior do templo, onde havia o gazofilácio. Este consistia em treze caixas de oferta em forma de trombeta, sendo duas para o imposto do templo (½ siclo – atual e do ano anterior; 1 siclo equivale a 11,5 gramas ou 20 geras – Êx 30: 13) e onze para as ofertas voluntárias (9 para as ofertas obrigatórias dos adoradores e 2 para ofertas voluntárias), ou seja, as ofertas (seu equivalente em dinheiro) para o holocausto e para oferta pelo pecado, oferta de aves, oferta pela culpa, oferta do Nazireu, do leproso purificado, contribuições para a madeira usada no templo, contribuições para o incenso, contribuições para os utensílios de ouro do templo e as ofertas voluntárias (caritativas). A trombeta era de prata batida. Para os judeus, a trombeta era símbolo de convocação. A palavra usada para trombeta de prata batida era *haçõçerâ* ou *Chatsotsrah* (Strong #2689), a mesma palavra usada em Nm 10: 1-10, quando Deus ordenou a Moisés que usasse este instrumento para convocar o povo e levantar acampamento. Outras vezes, no Antigo Testamento, foi usada a trombeta de chifre de carneiro *(shôphãr)*, que conclamava o povo para que se arrependesse dos seus maus caminhos e se voltasse para o Senhor. A palavra *shôphãr* (שׁוֹפָר, Strong #7782, Js 6: 4; 5; 20) vem da raiz hebraica sh-f-r (שפר), e significa *'melhorar, reformar, recuperar'*. Mas o substantivo, o shofar (שופר), quer dizer um chifre corroído de um carneiro. Tradicionalmente, os sefarditas usam um chifre curto, os asquenazitas preferem um chifre mais longo e curvado. O shofar só pode fazer um único som, com tons mais agudos ou graves dependendo da força do sopro do homem encarregado de tocá-lo, o Baal Tokêa, comprimindo seus lábios. Ali, em frente ao gazofilácio, Jesus observava as pessoas darem suas ofertas e pagarem o imposto do

templo. Ele via os ricos lançarem suas ofertas nele. De repente, veio uma viúva pobre e, em uma das trombetas de ofertas voluntárias, depositou duas pequenas moedas (2 lepta; lepta é o plural de lepton) correspondentes a um quadrante (em grego: κοδράντης, kodrantés, Strong #2835): uma moeda romana de cobre correspondente a 1/64 do denário ou dracma, que eram moedas de prata, romana e grega, respectivamente, equivalentes ao salário de um dia de um trabalhador braçal. No caso, o quadrante equivalia a centavos no nosso dinheiro.

Ela não percebia estar sendo observada, mas Jesus disse aos discípulos: "Verdadeiramente vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta aquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo aquilo o que possuía, todo o seu sustento".

O ensinamento para nós, embora pareça simples e único, exemplifica o comportamento que o Senhor deseja ver na vida de todo o cristão: *a entrega total a Ele*. Essa viúva parecia dar valor às coisas de Deus antes de a si mesma, pois o que ela depositou ali foi o seu sustento, ou seja, o que tinha; mais ou menos parecido com a viúva do Antigo Testamento que acolheu o profeta Elias em sua casa, mas foi logo dizendo: "Tão certo como vive o Senhor, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês, aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos". Por obediência ao profeta, ela fez os bolos e, primeiro, deu um a ele. Dessa forma, experimentou o milagre de ver seu alimento ser suficiente para mantê-los (ela, seu filho e Elias) por muitos dias. A viúva que depositou as moedas no gazofilácio poderia estar preocupada com o que haveria de comer mais tarde ou no dia seguinte e, se não recebesse ajuda de algum lugar, pereceria. Entretanto, ela sabia que havia alguém maior que ela, Deus, e que aquele dinheiro Lhe pertencia, por isso, o entregou no templo. Pelo visto, vivia pela fé no suprimento divino. O mais interessante é que Jesus não a impediu de ofertar por causa da sua pobreza, pois queria dar mais uma lição aos discípulos e aos judeus que O ouviram falar sobre ela. Certamente, Ele oraria ao Pai e o Pai a proveria de qualquer forma, pois ela tinha sido fiel. Não se sabe exatamente se estava sendo cumprido o mandamento da Lei que ordenava ao povo sustentar com os dízimos o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva (Dt 26: 12-13 cf. Dt 14: 28-29).

Assim, a atitude de um verdadeiro cristão é a de *se entregar incondicionalmente nas mãos do Senhor* sem se preocupar com as coisas da terra como os ímpios se preocupam, pois para estes, as coisas visíveis são a sua segurança. Para o cristão, a segurança está em Deus e esta *atitude de fé e reverência*, muitas vezes, pode parecer loucura para os que não entendem os mistérios espirituais. Essa mulher era pobre e viúva (que, em grego, significa: *destituída*). Isso quer dizer que nada tinha como apoio material nem emocional, entretanto, parecia manter ainda a parte espiritual intacta pela sua fé no Senhor. E com certeza, Ele a honrou.

18

A cura de uma mulher com fluxo de sangue
Mc 5: 24b-34; Mt 9: 20-22; Lc 8: 43-48

A cura de uma mulher com fluxo de sangue
Textos de referência: Mc 5: 24b-34; Mt 9: 20-22; Lc 8: 43-48

"Grande multidão o seguia, comprimindo-o. Aconteceu que certa mulher, que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior, tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. Porque dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo. Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes? Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou? Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto. Então, a mulher, atemorizada e tremendo, cônscia do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal".

A história desta mulher que se interpôs entre Jesus e a filha de Jairo no caminho do Mestre para a casa do chefe da sinagoga vem nos mostrar o que a fé pode fazer por alguém que, aparentemente, não tem nenhuma chance de receber uma bênção. A fé é um combustível poderoso que dá forças a quem parece não tê-la mais para que possa lutar, ainda que pela última vez, por algo que é extremamente precioso. Essa mulher, segundo a bíblia, padecia desta hemorragia há doze anos e já tinha gastado todo o seu dinheiro com médicos, que nada puderam fazer para resolver seu caso. A bíblia não diz se era casada, solteira, viúva, separada, se tinha família, filhos ou se alguém a sustentava, mas podemos inferir pelo seu sintoma que ela estava quase a ponto de morrer, pois um sangramento durante doze anos a tinha depauperado fisicamente. Provavelmente estava extremamente pálida, com todos os sintomas físicos decorrentes de uma anemia como: falta de ar, aceleração dos batimentos cardíacos e da respiração, fraqueza extrema, desidratação, queda de cabelos, pele seca, má absorção de alimentos por falta de energia celular, falta de memória e alterações do raciocínio, etc. Por ter gasto todos os seus recursos financeiros com médicos, não tinha uma alimentação adequada para compensar a perda de sangue, tampouco para suprir suas outras necessidades básicas. Possivelmente, passava maior parte do seu tempo deitada devido à fraqueza. Entretanto, ao ter ouvido falar de Jesus, uma nova esperança e uma nova força surgiram no seu espírito, o que despertou sua fé para fazer uma última tentativa.

Ela vivia em Cafarnaum, onde ocorreu a cura da filha de Jairo e onde Jesus fez moradia por um bom tempo do Seu ministério, quando começou a pregar na região da Galiléia (Mt 4: 13) após a prisão de João Batista. Por morar, então, na mesma cidade que Jesus (mesmo que já tivesse se passado um tempo desde Sua saída dali para pregar em outros lugares de Israel), ela podia ouvir inúmeros testemunhos de cura que eram por Ele realizados, por isso sua fé foi aumentando a ponto de fazê-la tomar uma decisão. Ela sentiu no seu interior que, se apenas tocasse no Seu manto, seria curada. Tendo este tipo de fé em mente, já era um passo para a cura. Por isso, quando Jesus veio acompanhado da multidão para a casa de Jairo, a mulher deve ter se arrastado por entre as pernas das pessoas até conseguir tocar na orla do Seu manto. Foi, então, que o Senhor parou e fez a pergunta: — "Quem me tocou?" Ele sabia que aquilo era necessário não apenas para que a multidão participasse de mais um milagre, mas para que a cura da mulher fosse completa. Nós falamos da carência material que ela vinha sofrendo, entretanto, era óbvia a carência emocional que vinha junto com a doença, pois parecia

não ter ninguém para ajudá-la a chegar até Jesus. A família, se é que tinha alguma, sequer foi mencionada como um fator de suporte para ela. Isso poderia tê-la levado, inclusive, à perda completa da sua fé em Deus, porém, apesar de tudo o que tinha passado por tantos anos, ainda mantinha certo grau de força espiritual. Por não ter saúde, não poderia trabalhar nem participar de um convívio social normal. Devido ao sangramento, ela estava catalogada como uma pessoa cerimonialmente impura pela Lei de Moisés, portanto, sua auto-estima deveria estar completamente prejudicada. Por isso, Jesus quis curá-la no corpo, na alma e no espírito, demonstrando àquele povo que era preciso fazer um esforço para conseguir uma cura completa e permanente: ter fé ativa e perseverança.

Aquela mulher tinha se comportado como uma discípula, ou seja, quis se aproximar mais do Mestre, tocar nEle, não apenas receber Sua cura como a multidão ingrata e comodista recebia; ela deu um passo a mais, se arriscou, portanto, demonstrou que estava espiritualmente apta a ter uma bênção e uma revelação maior do caráter de Deus. Ela foi honrada e recompensada por Jesus quando teve a ousadia de se manifestar no meio da multidão e Lhe contar sua história. Ela foi recompensada quando, publicamente, o Senhor a elogiou pela sua fé e a tocou com compaixão (é bem provável que Jesus tenha se ajoelhado ao seu lado e tocado seu rosto ou a segurado pelos ombros para poder ouvir seu caso). Ela tinha buscado a cura física e saíra curada em todas as áreas do seu ser; fora tocada profundamente por Ele. Enquanto relatava seu caso, a cura emocional se processava, pois o Senhor a fazia ver que aquilo não era mais necessário no seu presente; estava, agora, lançado no passado. O seu presente e o seu futuro seriam de saúde, vida, força, restauração emocional, sentimental e espiritual e seu testemunho pessoal seria uma forma de evangelizar outras pessoas e acender nelas a fé que estava morta. Assim, os aprendizados mais importantes deste texto para nós são:

1) Nada é impossível ao que crê, pois é capaz de superar todas as dificuldades para tocar em Jesus em busca de solução para os seus problemas. *A fé é o combustível que nos faz receber nossas bênçãos,* pois quando a colocamos em prática e passamos à ação, tudo passa a cooperar para o nosso bem.

2) Não precisamos sentir vergonha de expor o nosso problema a Deus, mesmo que os outros ao nosso redor não nos dêem crédito ou nos ridicularizem. Atos religiosos não trazem solução para os nossos problemas. Por ser mulher e considerada impura pela hemorragia, provavelmente foi julgada muitos à sua volta por ela ter tocado no Mestre, mas ela não se importou com o que pensavam dela; contou-Lhe toda a sua história diante de todos, o que não somente foi honra para si mesma fazendo-a vencer a vergonha e o medo, como também foi uma forma de dar glória a Deus publicamente na pessoa do Seu Filho, *atribuindo a Ele o mérito pela sua cura.*

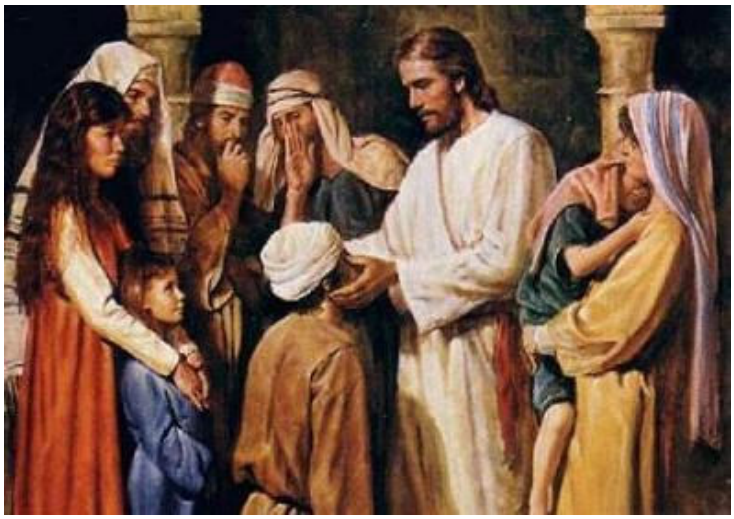
3) Quando o Senhor nos cura, Ele nos cura de maneira completa (corpo, alma e espírito) e nos mostra que certas curas precisam vir primeiro do espírito para poder chegar ao mundo material. A vitória da mulher começou quando ela teve o discernimento espiritual para abandonar as antigas estratégias de cura para procurar a verdadeira em Jesus. Ela entendeu que nEle estava todo o poder, por isso, mudou sua maneira de agir e pensar e se apegou à fé.

4) Deus nos trata individualmente e com interesse, não com negligência. Jesus, como em todas as outras passagens relevantes de cura descritas na bíblia, parou, olhou nos olhos do 'paciente', ouviu-o com atenção e realizou o milagre. Ele não fez nada de maneira apressada ou negligente, andando e conversando ao mesmo tempo com quem O procurava, simplesmente porque estava atrasado para uma reunião na casa de algum fariseu ou porque tinha pressa para fazer qualquer outra coisa e 'não estava muito a fim de ouvir abobrinha'. O mundo nos solicita com falsas necessidades, impondo uma

pressa e uma falsa eficiência (visando apenas ao lucro financeiro), nos fazendo desprezar os ‘momentos de eternidade’ que o Senhor coloca no nosso caminho quando quer nos usar para a Sua obra. Quando perdemos os ‘momentos de eternidade’ de Deus, possivelmente eles não voltarão mais e depois vamos nos arrepender de tê-los negligenciado. Devemos aproveitar todos os momentos bons que o Senhor nos proporciona para fazermos algo construtivo como: amar nosso semelhante e ajudá-lo nas suas necessidades, dialogar, se relacionar bem, pregar a Palavra para quem está precisando dela, nos dedicar à missão que Ele nos deu e sobretudo, desenvolver o crescimento interior e a nossa santificação, dando valor às nossas conversas particulares com Jesus.

19

A cura de um cego de nascença
Jo 9: 1-41



A cura de um cego de nascença
Texto de referência: Jo 9: 1-41

"Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus. É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Dito isso cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-lhe aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo. Então, os vizinhos e os que dantes o conheciam de vista, como mendigo, perguntavam: Não é este o que estava assentado pedindo esmolas? Uns diziam: É ele. Outros: Não, mas se parece com ele. Ele mesmo, porém, dizia: Sou eu. Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos? Respondeu ele: O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos e disse-me: vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, lavei-me e estou vendo. Disseram-lhe, pois: Onde está ele? Respondeu: Não sei. Levaram, pois, aos fariseus o que dantes fora cego. E era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. Então, os fariseus, por sua vez, lhe perguntaram como chegara a ver; ao que lhes respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo. Por isso, alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais? E houve dissensão entre eles. De novo, perguntaram ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? Que é profeta, respondeu ele. Não acreditaram os judeus que ele fora cego e que agora via, enquanto não lhe chamaram os pais e os interrogaram: É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como, pois, vê agora? Então, os pais responderam: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como vê agora; ou quem lhe abriu os olhos também não sabemos. Perguntai a ele, idade tem; falará de si mesmo. Isto disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga. Por isso, é que disseram os pais: Ele idade tem, interrogai-o. Então, chamaram, pela segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador. Ele retrucou: Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo. Perguntaram-lhe, pois: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? Ele lhes respondeu: Já vo-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos? Então, o injuriaram e lhe disseram: Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é. Respondeu-lhes o homem: Nisto é de estranhar que vós não saibais donde ele é, e contudo, me abriu os olhos. Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende. Desde que há mundo, jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito. Mas eles retrucaram: Tu és nascido todo em pecado e nos ensinas a nós? E o expulsaram. Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem? Ele respondeu e disse: Quem é, Senhor, para que eu nele creia? E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo. Então, afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorou. Prosseguiu Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos. Alguns dentre os fariseus que estavam perto dele perguntaram-lhe: Acaso também nós somos cegos? Respondeu-lhes Jesus: Se

fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado [cf. Rm 4: 15: onde não há lei não há transgressão]".

1) Jesus viu em Jerusalém um cego de nascença e os discípulos logo perguntaram quem tinha pecado para que ele tivesse nascido cego; isso porque, para os judeus, qualquer malformação de nascença significava pecado dos antepassados naquela família. Entretanto, Jesus lhes disse que não era esse o caso; seria para que a glória de Deus se manifestasse, ou seja, para que Ele pudesse curá-lo e as pessoas vissem mais uma vez que Ele era o Filho de Deus. *O primeiro aprendizado aqui é que doenças têm muitas causas diferentes e que cabe a Deus revelá-las a nós, não a nós julgar os nossos irmãos.*

2) Em *segundo* lugar, Jesus reafirmou ser a luz do mundo e disse que é preciso fazer a obra enquanto é dia, pois de noite não é possível. Isso tem dois significados: um em relação a Ele mesmo, outro em relação a nós. Enquanto estivesse na terra exercendo Seu ministério, Ele poderia fazer a obra do Pai; entretanto, quando chegasse o momento de Satanás prevalecer sobre Ele para levá-lO à cruz, ali a obra seria outra e Ele não poderia realizar o que estava fazendo agora. Ali na cruz Sua obra seria de redenção e Ele carregaria sobre si as trevas (os pecados) de todos nós. O segundo significado é para nós, ou seja, enquanto o Senhor está derramando o Seu Espírito sobre nossa vida, está também derramando a unção para realizarmos Sua obra; porém, quando Jesus voltar e deixar na terra apenas os que irão passar pelos flagelos, não será mais possível fazer a obra, pois será a vez do juízo de Deus sobre o pecado. Como ensinamento, fica a idéia de que *devemos fazer a obra de Deus enquanto tivermos oportunidade, pois Seu Espírito está derramando Sua unção.*

3) Em *terceiro* lugar, Jesus cuspiu na terra e fez lodo com a saliva e passou nos olhos do cego, mandando-o se lavar no tanque de Siloé. Era uma prática conhecida entre a medicina da época que havia algo na saliva que poderia servir de medicamento para os que tinham problemas visuais, mas creio que não foi por isso que o Senhor fez o que fez com este homem. Para começar, Ele curou três cegos de maneira diferente para mostrar que nada se repete com Ele; Ele faz como quer. Quando estudamos sobre a cura do cego de Jericó, vimos que Jesus, simplesmente, perguntou a ele (evangelhos de Marcos e Lucas) o que ele queria e ele Lhe pediu para ser curado. Em Mateus está escrito que o Senhor lhe tocou os olhos, mas não há nenhuma referência ao uso da saliva, somente na cura do cego de Betsaida (Mc 8: 22-26). Portanto, aqui podemos pensar que ao usar a saliva e misturar com o barro, metaforicamente falando, Jesus estava unindo a Sua palavra de poder (representada pela saliva) à fraqueza humana (terra, barro) e trazendo ao homem a cura e a restauração. Isso, mais uma vez, demonstraria a *necessidade que o ser humano tem de Deus para ter vida,* como Ele soprou Seu fôlego de vida em Adão (feito do barro) para que ele se tornasse alma vivente (Gn 2: 7).

• No caso do cego de Betsaida, não se sabe se ele já havia enxergado antes. Jesus curou com saliva (a palavra verdadeira e libertadora de Deus) e o tirou da aldeia, ou seja, da influência externa ruim, que trazia incredulidade.

• No caso do cego de Jericó, Jesus o curou apenas com Sua palavra, pois não havia pecado, mas a fé verdadeira nele. Restaurou a visão a quem já enxergou antes.

• No caso do cego de nascença, Jesus o curou com lodo e saliva; também não se tratava de pecado, mas para manifestar as obras de Deus. Ele abriu os olhos de quem nunca tinha enxergado antes. Houve cura física e um novo nascimento espiritual. Água simboliza vida.

4) O Senhor o mandou lavar-se no tanque de Siloé, que se tratava de um tanque construído pelo rei Ezequias para trazer água a Jerusalém. Sem água, a cidade morreria,

o que nos faz inferir que água é símbolo de vida. O fato de Jesus mandar o homem lavar-se no tanque simbolizava que era *necessário a ele se imbuir da visão de Deus, lavando-se da visão humana, para ter vida.* A palavra *Siloé* (Shilôah, em hebraico שלח) – traduzido como *"Enviado"* – é escrita em grego no NT (Grego Textus Receptus) como *Siloam* (silôam, σιλωαμ), e pode ser encontrada três vezes na bíblia: Ne 3: 15 ('Açude de Selá' – ARA; 'Tanque de Siloé'– NVI; em hebraico neste texto de Neemias – Selá – shelach – שלון); Is 8: 6 ('as águas de Siloé') e Jo 9: 7 ('tanque de Silóe'). Isso também nos faz pensar em *obediência,* isto é, o Senhor fez a Sua parte e mandou o homem fazer a dele. Ele Lhe obedeceu e voltou vendo. Se desobedecesse, provavelmente continuaria cego. *Jesus é aquele que nos envia para onde Ele quer, a fim de que sejamos curados; Ele traça o nosso caminho de cura.* O tanque de Siloé também era local de purificação ritual, portanto, lugar de vida e restauração.

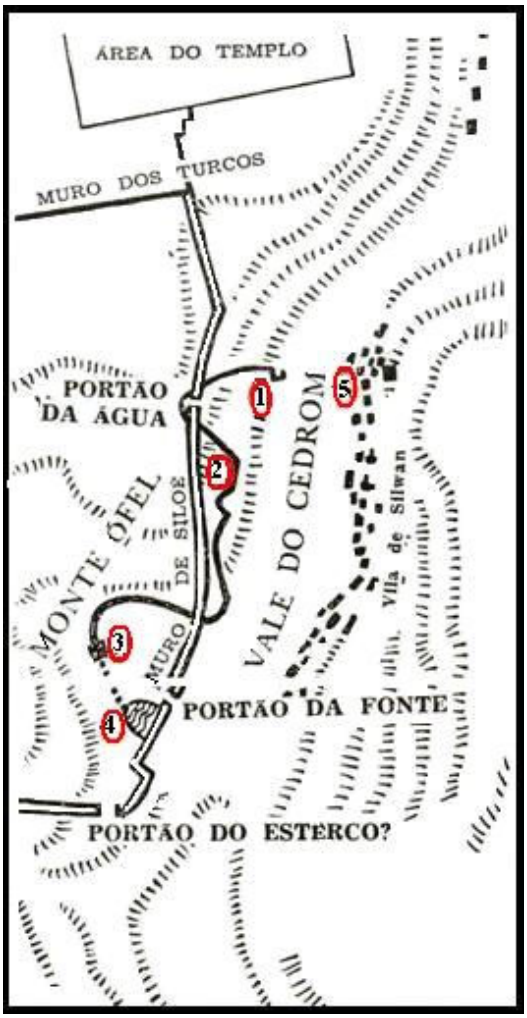
5) Aqui entra a dissensão entre os que crêem e os que não crêem em Jesus em face de uma cura inequívoca, mostrando mais uma vez, a *incredulidade e a religiosidade atrapalhando a crença de muitos,* mesmo porque a cura se deu no sábado. Isso significa que, quando recebemos uma bênção de Deus, podem aparecer aqueles que, por dureza de coração, questionarão a origem dela, entretanto, não poderão negá-la nem roubá-la, pois foi selada pelo próprio Deus. Portanto, o ensinamento é *não dar ouvidos às mentiras, mas permanecer firme, confirmando a cura* diante de todos, como fez o homem, mesmo que os seus próprios pais o tivessem desamparado por medo dos fariseus.

6) Jesus não abandona os que são Seus e se revela a eles para que sua fé seja firmada nEle. Quando expulsaram o homem da sinagoga porque confessara Jesus como o autor do milagre, o Senhor se encontrou com ele e se revelou particularmente a ele, fortalecendo sua fé.

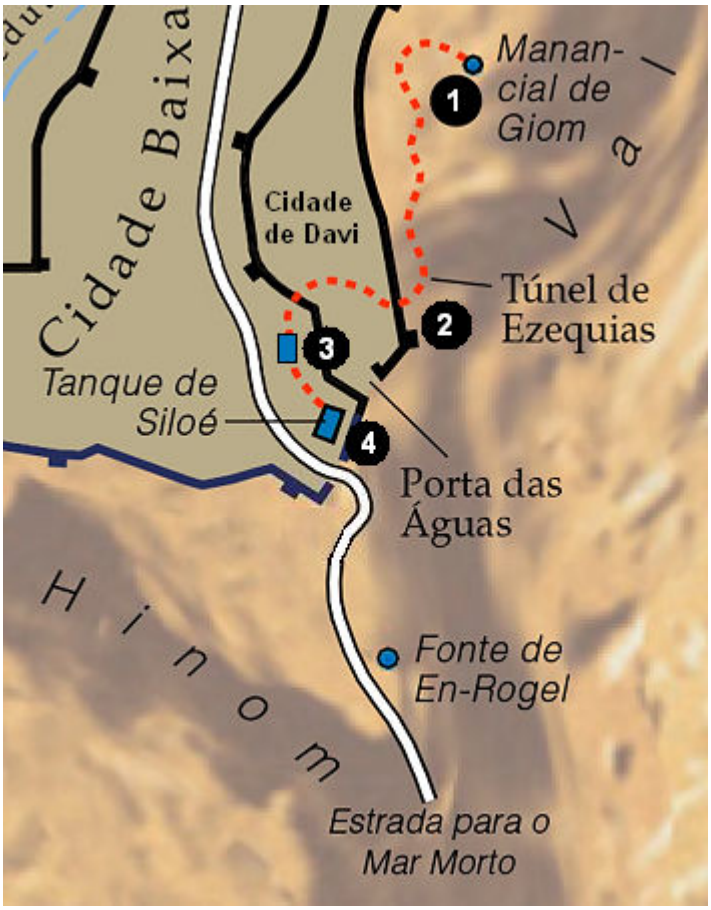
7) "Prosseguiu Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos. Alguns dentre os fariseus que estavam perto dele perguntaram-lhe: Acaso também nós somos cegos? Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado". Jesus quis dizer que *Ele veio para aqueles que têm consciência do seu pecado e se arrependem; aí, debaixo do Seu sangue, perdoados e justificados, já não sofrem mais acusação*. Entretanto, para os que se encontram cegos pelo orgulho, pela arrogância e pela rebeldia, o Senhor faz resplandecer a Sua luz e os pecados deles se tornam evidentes diante dos seus olhos. Também podemos dar outra interpretação: *aos que se acham cegos para a verdade, mas a buscam de coração puro, o Senhor abre seus olhos para que possam vê-la;* os que tudo sabem, tudo enxergam e tudo podem, tentando, arrogantemente, conhecer os Seus mistérios, o Senhor os cega, pois a bíblia mesmo fala que o Pai revela Seus segredos aos humildes de espírito e os encobre dos sábios e entendidos. Ela também diz: "A vós outros é dado conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles... porque o coração deste povo está endurecido" (Mc 4: 11-12; Mt 13: 15a). Em Rm 4: 15 está escrito: "onde não há lei não há transgressão", o que, em outras palavras, Paulo disse: "Deus não leva em conta os tempos da ignorância" (At 17: 30). Quando não sabemos a verdade e cometemos um pecado, este pecado tem menos peso do que quando sabemos o que é correto e praticamos o mal conscientemente. Por isso, Jesus disse: "A quem muito foi dado, muito será exigido" (Lc 12: 48). Isso nos ensina *a zelar pela salvação que nos foi dada pela fé nEle.*

8) A bíblia diz que o homem era cego de nascença, ou seja, nunca soube o que era ver. Ao ser curado, não só *"nasceu de novo"*, conhecendo a realidade, mas também teve

que se adaptar à sua nova vida. Antes mendigava, como Bartimeu (o cego de Jericó); agora, seria responsável pelo seu próprio sustento, pois podia trabalhar. Antes, dependia dos outros, agora estava livre para dirigir sua própria vida. Sua auto-estima foi restaurada, assim como sua noção do que era ser uma pessoa útil à sociedade. Da mesma forma, quando somos salvos pelo Senhor, passamos a conhecer uma nova realidade, descobrimos quem somos e para que nascemos, temos nossa auto-estima restaurada e percebemos que somos úteis. Resumindo: *descobrimos nossa verdadeira identidade e, agora, temos que nos adaptar a essa nova realidade; este é o novo nascimento.* A bíblia diz que somos nova criatura, que as coisas velhas passaram e tudo se fez novo.



Na imagem acima, nós vemos o tanque de Siloé
1. Giom; 2. Túnel de Ezequias; 3. Poço Superior (Birket Silwan)
4. Poço Inferior ou Antigo (Birk el-Hamra); 5. Túmulo do Mordomo (do mordomo do rei Ezequias, chamado Sebna)



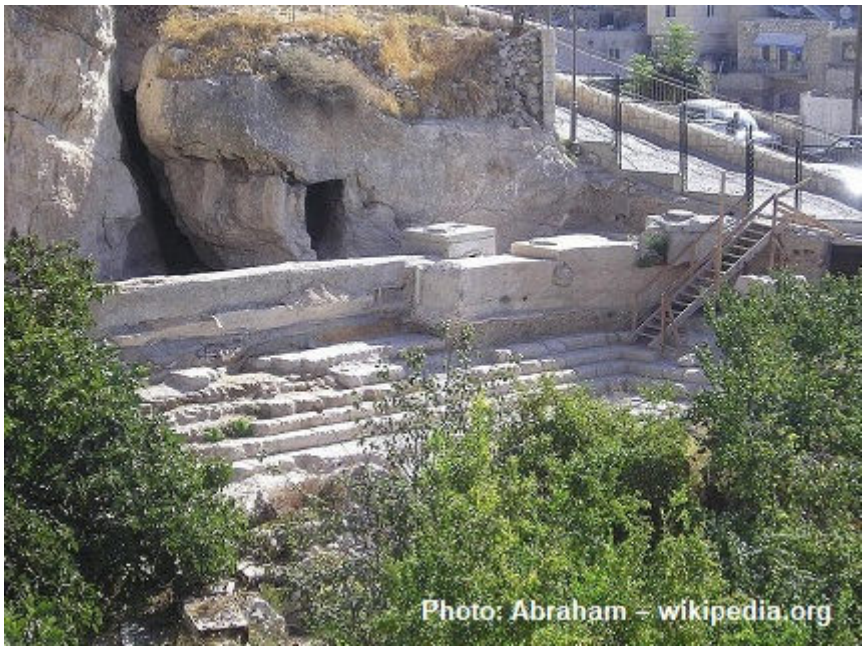
O que vemos acima é o mapa de Siloé, mais precisamente do túnel que o rei Ezequias construiu para desviar as águas de fora de Jerusalém para dentro dela, a fim de que o invasor assírio Senaqueribe não pudesse usá-las. Ezequias reinou (como único ocupante do trono) de 716 a 687 AC. No 14º ano do seu reinado – 701 AC – houve a invasão de Judá por Senaqueribe. O reinado de Senaqueribe, rei da Assíria vai de 705 a 681 AC. Ezequias se perturbava pelo jugo assírio. Ao preparar-se para a invasão, ele edificou as defesas de Jerusalém (2 Cr 32: 3-5) e salvaguardou o suprimento de água da cidade ao construir o túnel de Siloé (2 Rs 20: 20; Is 22: 9). *Siloé (Shilôah, em hebraico: enviado)* era uma das principais fontes de suprimento de água de Jerusalém, ligada à fonte de Giom, a sudeste da cidade e que, por sua vez, despejava água nela por meio de um canal aberto. A fonte de Siloé desaguava no *poço antigo ou de baixo (Birket el-Hamra).* Quando Ezequias se viu diante da ameaça de Senaqueribe, tapou todas as fontes, todos os riachos e canais subsidiários que conduziam ao ribeiro que corria pelo meio da terra (2 Cr 32: 3-4). O rei, em seguida, enviou as águas do Giom superior por meio de um conduto ou túnel de dois metros de altura até uma cisterna ou *poço superior (Birket Silwãn)* no lado oeste da cidade de Davi (2 Cr 32: 30). Defendeu a nova fonte de suprimento com uma rampa.

Tanque de Siloé da Era Bizantina (a saída do túnel no tanque)

No século V (por volta de 440 DC), uma piscina foi construída no final do Túnel de Siloé, a mando da Imperatriz Élia Eudócia (421-450 DC), esposa de Teodósio II (402-450 DC), imperador bizantino. Essa piscina sobrevive até os dias atuais, cercada por todos os lados por um alto muro de pedra com uma entrada em arco para o Túnel de Ezequias. Essa piscina fica a cerca de 64 metros a noroeste da Piscina de Siloé da época do Segundo Templo e é significativamente menor. Até a descoberta da Piscina de Siloé da época do Segundo Templo, essa piscina era erroneamente considerada a piscina descrita no Novo Testamento e nas fontes do Segundo Templo.

O Tanque de Siloé do Segundo Templo

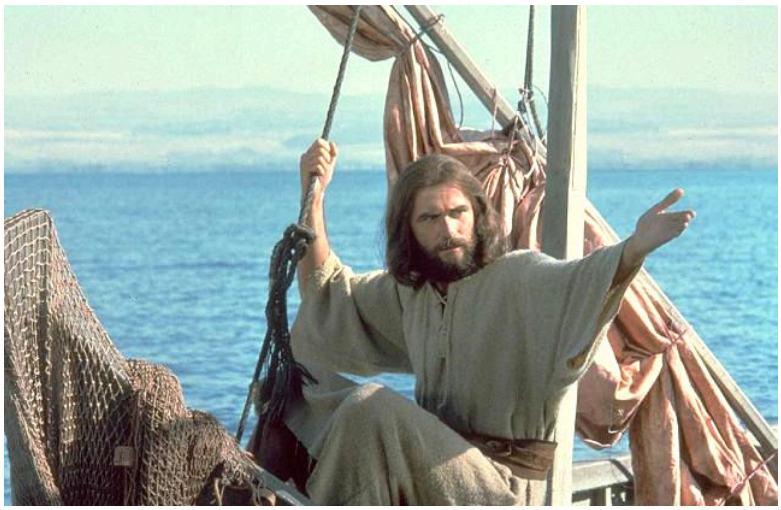
A Piscina de Siloé foi construída pela primeira vez durante o reinado de Ezequias (715-687 AC). Ela foi reconstruída no reinado de Alexandre Janeu (103-76 AC), mas não se sabe se esta piscina estava no mesmo local que a anterior construída pelo Rei Ezequias, pois todos os vestígios da construção anterior foram destruídos. São três conjuntos de cinco degraus antes de se atingir o fundo, ao nível da água. Uma parte desta piscina permanece inexplorada, pois o terreno acima dela pertence a uma igreja ortodoxa grega próxima e é ocupado por um pomar conhecido como Jardim do Rei (Ne 3: 15, onde ele fala sobre a Porta da Fonte, o muro do açude de Selá, que é o tanque de Siloé, ao lado do Jardim do rei até os degraus que descem da cidade de Davi). A piscina não é perfeitamente retangular, mas sim um trapézio suave. As escavações também revelaram que a piscina tinha 68,6 metros de largura (225 pés) e que havia degraus em pelo menos três lados. A piscina permaneceu em uso durante a época de Jesus, e onde ocorreu o milagre de cura do cego de nascença. A Concordância de Strong escreve a palavra grega para 'tanque' como 'kolumbéthra', κολυμβήθρα, Strong #2861, que significa não exatamente um tanque, mas uma piscina, onde pessoas podem mergulhar; lit: 'um local de mergulho ou natação'.



Ruínas do reservatório de Siloé (Setembro 2005)

20

A pesca maravilhosa
Lc 5: 1-11



A pesca maravilhosa
Texto de referência: Lc 5: 1-11

"Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré; e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lançavam as redes. Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar. Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes. Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes. Então, fizeram sinais aos companheiros do outro barco, para que fossem ajudá-los. E foram e encheram ambos os barcos, a ponto de quase irem a pique. Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador. Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros, bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus sócios. Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens. E arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo, o seguiram".

Este episódio pode ser considerado, por assim dizer, um marco na vida de João, Tiago, André e, sobretudo, na vida de Pedro, como um novo nascimento, em que passaram de simples pescadores a eleitos para o reino de Deus. Pouco tempo antes, o Senhor já havia passado pela praia e os chamado para segui-lO, entretanto, a partir deste episódio em especial eles começaram a ter experiências reais e palpáveis com o poder de Deus. A bíblia diz que Jesus, para não ser comprimido pela multidão, subiu no barco de Pedro e se afastou um pouco da praia para poder pregar. Depois da pregação é que teve início o tratamento particular com Seus discípulos. Eles tinham permanecido no mar por toda a noite tentando apanhar alguns peixes, mas nada conseguiram, por isso estranharam a ordem do Mestre para lançarem de novo as redes. Eram pescadores experimentados e, logicamente, sabiam das condições do mar onde tinham tentado pescar a noite inteira. Entretanto, Pedro obedeceu e lançou as redes, pela fé na palavra de Jesus: "... mas sob a tua palavra lançarei as redes", ele disse. Isso nos faz pensar em algumas coisas:

1) Há uma diferença entre trabalhar sozinho e trabalhar debaixo da aprovação de Deus. Eles tinham trabalhado como homens comuns para conseguir 'o pão de cada dia', mas depois de uma noite inteira tentando, nada conseguiram, o que deve ter trazido frustração e cansaço, pois era preciso muito preparo físico para remar durante muitas horas e lançar as redes tantas vezes seguidas. Portanto, nosso *primeiro ensinamento* é que muitas vezes nos estafamos tentando produzir algo na força do nosso braço, durante 'as noites' da nossa vida, onde Jesus não estava presente e, tudo o que conseguimos foi cansaço e frustração. Porém, quando Ele sobe no barco conosco as coisas mudam de aparência, pois agora já não é mais noite para nós, mas dia. Assim, o Senhor precisa estar trabalhando junto conosco para que nosso trabalho seja frutífero.

2) Pedro, mesmo cansado, obedeceu a Jesus e acreditou, apesar das evidências contrárias. Ele exercitou a fé, semelhantemente a Abraão, crendo apenas numa palavra, mesmo que o mar parecesse 'estéril'. Por que será que, de uma hora para outra, o mar se encheu de peixes? Podemos pensar que, durante a noite, quando eles trabalharam sem pescar nada, seu coração estava cheio com as preocupações naturais da vida, como conseguir alimento não só para eles, para seu próprio sustento, mas para venderem na

praia e conseguirem algum dinheiro para levar para suas casas. Já na manhã seguinte, a situação era outra. A bíblia não diz quanto tempo Jesus permaneceu pregando para aquele povo, porém, quando terminou e mandou que Pedro levasse o barco para águas mais profundas, aqueles homens não estavam mais preocupados com as necessidades materiais (provavelmente tinham se conformado com a derrota da noite anterior). Eles tinham ouvido a pregação pelo mesmo tempo que a multidão; portanto, agora estavam com o coração preenchido pela palavra de Deus, o que os encheu com fé e abriu seu entendimento para uma experiência de milagre. Assim, ao obedecer à palavra dada por Jesus, ou seja, ao exercitar a fé que já estava nele, Pedro pôde ter a restituição do que perdera na noite anterior. *Nosso segundo ensinamento é: ao deixar de lado as preocupações com as coisas naturais, damos espaço em nossos corações para que a fé entre e, dessa forma, conseguimos presenciar os milagres de Deus. Conseguimos a restituição da realização que buscamos através do nosso trabalho.*

3) O Senhor é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós. Esta palavra escrita em Ef 3: 20 é plenamente realizada neste episódio da pesca maravilhosa, pois a bíblia diz que tantos eram os peixes que as redes se rompiam e Pedro, completamente atordoado com o que via, se prostrou diante de Jesus e reconheceu Seu senhorio sobre todas as coisas. Dessa forma, quando Jesus está no nosso barco, podemos esperar muito mais do que conseguimos pensar em conquistar porque Ele nos surpreende.

4) Jesus nos dá uma experiência profética para que possamos caminhar com fé pelo caminho que Ele nos conduz. A pesca maravilhosa, mais do que um milagre físico, foi uma experiência profética do que eles viveriam seguindo o Mestre: seriam pescadores de homens, de almas, para o reino de Deus e, da mesma forma que a abundância material que viram os surpreendeu, o Senhor os surpreenderia ainda mais quando vissem a extensão do ministério que Ele lhes estava dando. Seria infinito o número de almas alcançadas pelo evangelho por causa do seu trabalho. Portanto, quando Jesus nos chama para a Sua obra, podemos ter certeza que 'a pescaria' vai ser grande, seja na posição que for que Ele nos colocar, pois as nossas redes alcançarão tantos quantos Ele separar para cair nelas. Há lugar para todo mundo, não há necessidade de competição no Seu reino.

5) Com a certeza do chamado, eles fizeram a escolha correta e consciente. Depois do que presenciaram, puderam ter a certeza do chamado do Senhor e, conscientemente, largaram suas vidas passadas para começar uma nova jornada com o Mestre. Quando estamos certos do chamado do Senhor para nós, podemos tomar as atitudes que forem necessárias, com toda a segurança, porque temos a consciência do que estamos fazendo.

21

Pedro é restaurado por Jesus
Jo 21: 15-19

Pedro é restaurado por Jesus
Texto de referência: Jo 21: 15-19

"Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes de todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: segue-me".

Todos nós sabemos o quanto Pedro foi amado por Jesus a ponto de Ele lhe confiar a chefia sobre seus irmãos. Também conhecemos o quanto esse homem era emocionalmente fraco, inseguro e instável, culminando por negar o Mestre diante dos que o interrogaram na Casa de Caifás, o sumo sacerdote, quando o Senhor foi acusado pelo Sinédrio e condenado à morte. Pedro o negou três vezes, como foi profetizado por Jesus. Sofreu a dor do remorso e foi confrontado com suas próprias fraquezas, fugindo da convivência com os demais discípulos, trancando-se dentro de si mesmo até receber a cura divina na Galiléia. Jesus o honrou e o curou, para que a marca da culpa não mais pesasse sobre sua alma e não fosse visto pelos outros como um segundo traidor do Mestre, mesmo porque as motivações do seu coração eram diferentes das de Judas Iscariotes; além disso, os demais discípulos, cada um da sua forma, também 'fugiram do seu posto' por medo da represália dos judeus após a crucificação do Senhor. Todos tinham negado Jesus de uma maneira ou de outra, mas Pedro precisava de um toque mais profundo para se recuperar, talvez porque o seu amor fosse mais abertamente demonstrado, o que o expunha a certos ataques e feridas. Na Galiléia, o Senhor estava na praia e eles todos no barco tentando pescar, o que o fizeram durante toda a noite sem, entretanto, ter sucesso. Então, eles viram um homem gritando para que eles lançassem a rede do outro lado do barco, algo muito parecido com o que aconteceu no início, quando foram chamados pelo Mestre e tiveram a experiência da pesca maravilhosa. Porém, não reconheceram que era Jesus. Obedecendo à ordem dada, lançaram a rede e novamente viram o poder de Deus enchendo-a de peixes. João disse a Pedro que aquele na praia era o Senhor; e Pedro, mergulhando, nadou até Ele. Fizeram uma fogueira e comeram. Aí que começou a cura do discípulo. A estratégia de Jesus foi surpreendente, pois da mesma forma que Pedro o negara diante de uma fogueira acesa, o Senhor também estava diante de uma e, de igual maneira porque o tinha negado três vezes, Pedro ouviu por três vezes a pergunta do Mestre: — "Pedro, tu me amas?" Aqui vamos ver três orientações diretas de Jesus ao Seu discípulo:

1) Na primeira pergunta a palavra usada por Jesus, em grego, para 'amas' ou 'amor' é *Ágape*, ou seja, *o amor de Deus*. Jesus perguntou a Pedro: — "Você me ama com o amor divino com que eu o amo?" Pedro respondeu que sim e Jesus lhe respondeu: — "Apascenta os meus cordeiros". Isso queria dizer: "Dá o melhor dos sustentos (apascenta) aos meus filhinhos (cordeiros), aos menores, aos mais novos na fé".

2) Pela segunda vez, o Senhor lhe perguntou: — "Pedro, tu me amas?"; a mesma palavra usada da primeira vez *(Ágape)* e a mesma resposta do discípulo: — "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Jesus lhe responde novamente: — "Pastoreia as minhas ovelhas", ou seja, cuida, disciplina, ensina, exorta, corrige (pastoreia) as ovelhas mais velhas e experimentadas que trago a ti, as que já conhecem a minha palavra.

3) Pela terceira vez o Senhor pergunta: — "Pedro, tu me amas?" Só que desta vez a palavra em grego não é *Ágape*, mas *Philleo (amor de amigo),* por isso Pedro chorou e reconheceu sua falha e sua necessidade profunda de cura, pois não foi capaz de amar Jesus como amigo. Jesus lhe respondeu: — "Apascenta as minhas ovelhas", ou seja, "dá o melhor dos meus sustentos às minhas ovelhas maiores, porque elas também precisam do meu amor". Seu amor humano falhara e aí ele descobriu que, se nem o amor humano conseguia ter, como conseguiria amar alguém com o amor de Deus e pastorear uma igreja? Era necessária uma quantidade muito maior de amor, provinda da capacitação divina através do Espírito Santo, pois só ela seria forte para levá-lo à mesma doação e entrega com que Jesus o tinha amado. Por isso, o Senhor, no início dos evangelhos, repete os dois mandamentos maiores da Lei: "Amai a Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e com todas as tuas forças" e "Amai o teu próximo como a ti mesmo". Porém, mais tarde, na Última Ceia, Ele diz: "Novo mandamento vos dou: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei", ou seja, *com o Ágape*, um desafio maior do que o primeiro, pois eles já estavam preparados para subir mais este degrau, depois de caminharem três anos ao Seu lado, sendo preparados para o ministério. Ao tocar na ferida profunda do coração de Pedro, na sua carência básica, Jesus o restaurou, mostrando a ele que todo o amor que precisava estava sendo derramado sobre o seu ser e, por isso, o Senhor confiava nele para lhe entregar a liderança da Sua Igreja. Ao semear este amor, sua força aumentaria e conseguiria enfrentar, anos mais tarde, a morte na cruz, como Jesus enfrentou. A única coisa com que ele deveria se preocupar no momento era seguir o Mestre, de verdade, não mais com indecisão, mas na certeza de que era agora uma nova criatura e depois do Pentecostes não haveria mais barreiras para o seu trabalho. Jamais sentiria medo de nada porque o amor de Deus, o Ágape, de que estaria revestido, lançaria fora todo o medo.

O ensinamento básico para nós é:

Para se fazer a obra de Deus é necessário muito mais do que o amor humano para nos sustentar na nossa caminhada, pois este é limitado e depende muito das emoções, por envolver o 'gostar', ou seja, a afinidade humana natural por uns e a pouca afinidade por outros. O gostar é humano, o amar é divino. Em outras palavras: "o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26: 41), como disse Jesus anteriormente no Getsêmani. O espírito é forte para receber as ordens divinas e obedecer, pois está revestido pelo Espírito Santo, porém a carne precisa se fortalecer da mesma maneira, imbuir-se do Espírito de Deus, se deixar ser tocada e limpa para que o Ágape possa fluir completo. O Ágape é incondicional, não depende da nossa vontade, mas da própria Palavra em ação sem acepção de pessoas, apenas para que a justiça de Deus já realizada na cruz seja feita também entre os homens, gostando ou não deles. Por isso é difícil o exercício do Ágape, pois o líder tem que tratar com pessoas que muitas vezes não gosta (com o amor humano, de amigo), mas precisam de libertação, de cura e de cuidados, sendo novinhas no evangelho (cordeiros) ou não (ovelhas). Só Deus pode colocar esse tipo de amor no nosso ser e isso leva toda uma vida para ser aperfeiçoado; o que não se pode fazer é desistir. Só somos líderes quando temos o *Ágape, pois é o tipo de amor que traz o poder de Deus para vencer as trevas,* uma vez que se trata do próprio Deus em ação. Pedro

pode não ter se achado capaz a princípio, mas começou a experimentar essa força após o Pentecostes quando foi batizado no Espírito Santo como os demais companheiros, recebendo unção para a Obra.

22

A mulher adúltera
Jo 8: 1-11

A mulher adúltera
Texto de referência: Jo 8: 1-11

"Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava. Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas *[Lv 20: 10 e Dt 22: 22-24];* tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais".

Este episódio da mulher adúltera é mais um dos que Jesus mostra a Sua misericórdia aos aflitos ao mesmo tempo em que cumpre a Lei. Quando Jesus disse que Ele veio para cumprir a Lei, não para revogá-la, e que nenhum til da Lei passaria até que tudo que fora escrito pelos profetas fosse cumprido, ninguém poderia imaginar a profundidade do que Ele estava dizendo. A Lei foi dada numa época bastante diferente da de Jesus para um povo recém-saído do cativeiro, da rebeldia e da idolatria e que precisava voltar a obedecer a Deus e a acreditar nEle e na Sua promessa dada ao patriarca Abraão de que geraria uma grande nação na terra e que dela nasceria o Messias para livrá-la de uma vez por todas da opressão do pecado. Humanamente falando, ninguém conseguiria cumprir à risca todos os mandamentos. Entretanto, este povo não entendia que isso poderia ser mais simples se obedecessem apenas a dois deles: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Como homem apenas, Jesus não poderia cumprir tantos preceitos, mas como Filho de Deus, sim, pois o Seu sangue substituiria o sacrifício de tantos animais. A bíblia diz que só Ele conseguiu viver aqui na terra num corpo de carne, mas sem pecado (Rm 8: 3; 2 Co 5: 21), sendo tentado na sua alma como todos os outros seres humanos (Hb 2: 18).

Jesus tinha a natureza divina dentro de Si, como Filho de Deus, mas tinha também a natureza da carne, pois nascera fisicamente de uma mulher, por isso sabia o que era a luta da carne contra o Espírito e do Espírito contra a carne. Por se consagrar e permanecer fiel à vontade do Pai, conseguiu sair vitorioso na Sua missão e podia

entender o que se passava no coração de cada ser humano. Conhecia cada fraqueza da carne, ao mesmo tempo em que estava ciente da misericórdia de Deus para com aqueles que eram fracos e não conseguiam se dominar. Jesus não compactuava com o pecado com a desculpa de exercer misericórdia, mas também não compactuava com a rigidez da Lei que levava o ser humano a cometer outro tipo de pecado: uma religiosidade fria que exercia os mandamentos com crueldade. Ele conhecia a punição para os pecados de adultério; também não compactuava com essa atitude. Entretanto, no caso desta mulher, Ele quis dar uma lição aos homens.

O que Jesus escreveu na terra e por que perdoou essa mulher?

Uma pergunta interessante é: o que Jesus tanto escrevia na areia? Enquanto os fariseus se importavam em fazê-lO se lembrar da lei contra o pecado de adultério, Ele poderia muito bem estar escrevendo o que a Lei dizia sobre as atrocidades cometidas pelos homens e que também eram passíveis de punição divina; ou poderia estar escrevendo o pecado de todos eles; ou, então, os pecados de idolatria cometidos por todo o povo de Israel durante as várias eras e que, por causa dela, Ele tinha vindo à terra para pôr um ponto final nesta separação e nesta inimizade contra Deus. Por isso, respondeu: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra".

A bíblia diz que, acusados pela própria consciência, cada um deles foi se retirando, dos seus acusadores mais antigos aos mais recentes, até que a mulher ficou sozinha com Jesus. Algo tinha falado dentro deles todos, a ponto de reconhecerem que, apesar de todos os seus esforços para seguirem rigidamente os preceitos religiosos, estavam falhando e muito, pois não era possível cumpri-los cabalmente. Ao ficar só com a mulher, Ele lhe perguntou se alguém a tinha acusado e ela Lhe respondeu que ninguém o fizera; então, Ele lhe disse: — "Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais". Como homem suscetível ao pecado, Ele também não tinha condições de acusá-la, todavia, como Deus, tinha o poder de perdoá-la da sua transgressão.

A melhor resposta para a pergunta "Por que Jesus a perdoou?" é mais simples do que se possa imaginar: Ele tinha a visão global das coisas, pois era Deus; conhecia todas as razões de uma pessoa e também sabia aplicar a Lei com sabedoria e misericórdia e, portanto, era capaz de julgar de uma maneira imparcial. "O Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (1 Sm 16: 7b).

Vamos agora nos voltar para a mulher que ali estava. Em primeiro lugar, precisamos entender a posição que ela ocupava no casamento naquela época, pois as mulheres não tinham a liberdade de escolha nem de expressão que têm hoje. Não sabemos se ela se sentia amada pelo marido, se o amava, sequer sabemos se ela estava naquele momento cometendo adultério com um homem que também era casado. Provavelmente se sentia oprimida ou rejeitada, e isso talvez tenha sido um motivo para agir desta forma. Uma coisa era certa: ela fora apanhada em flagrante e isso a colocava numa posição de extrema fragilidade. O medo que deveria estar sentindo provavelmente era grande, assim como a vergonha de ver seu pecado trazido a público. Por isso, deve ter se espantado com a reação de Jesus e com a Sua maneira de defendê-la. Ao ouvir a voz de Jesus perdoando-a, com toda a certeza foi um marco, chamando-a a mudar de hábitos e a nascer de novo. Assim acontece com todos os que se arrependem dos seus pecados e acabam tendo um encontro profundo e verdadeiro com Jesus; jamais voltam à velha vida, pois uma transformação ocorre no seu interior e o sangue que foi derramado na cruz passa a cobrir a transgressão, apagando-a aos olhos de Deus. Ao nos perdoar e nos dar o Seu Espírito nossa história é recriada, como certamente foi a daquela mulher.

23

A pecadora que ungiu os pés de Jesus
Lc 7: 36-50

A pecadora que ungiu os pés de Jesus
Texto de referência: Lc 7: 36-50

"Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com ungüento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhes os pés e os ungia com o ungüento. Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinqüenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz".

No Oriente Médio, o costume de uma pessoa de receber um hóspede em sua tenda era algo feito com muito prazer e cortesia. O beijo e a lavagem dos pés não era apenas um ritual costumeiro, mas um sinal de asseio e civilidade (Mt 6: 17). O anfitrião derramava azeite perfumado sobre a cabeça do visitante para trazer conforto e alívio do calor e da poeira (Ec 9: 8). O óleo traz alívio à pele ressecada. A cabeça ungida com óleo é uma figura bíblica comum para abundância de alegria (Is 61: 3; Sl 45: 7). O convidado também recebia um beijo no rosto e tinha seus pés lavados (Gn 18: 4-8; Lc 7: 44-46). Lavar os pés do convidado era para tirar a poeira das estradas, sinal de asseio, conforto e hospitalidade, geralmente feito pelos escravos mais desprezíveis, uma coisa que foi feita espontaneamente pela mulher pecadora e pelo próprio Jesus (Lc 7: 38; Jo 13: 5). O beijo (no NT escrito como 'ósculo santo' – 1 Ts 5: 26, Rm 16: 16 ; 2 Co 13: 12: "Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo") era uma forma de saudação, uma expressão de afeto fraterno e de unidade entre os cristãos. Na Antiguidade e na bíblia, o beijo era uma forma comum de saudação e expressão de carinho. O beijo também é mencionado em Lc 7: 45, quando a mulher pecadora beijou os pés de Jesus. Simão não fizera nada disso, mas Jesus nada lhe disse até o momento propício, quando falou com ele para honrar a mulher que ali estava. A bíblia também diz em Jo 11: 2: "Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos" e em Jo 12: 1-3: "Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa. Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume de bálsamo", o que nos faz pensar que é a mesma mulher descrita no evangelho de Lucas. Levando-se em consideração as passagens bíblicas de Lc 7: 36; 39-40; 43; Mt

26: 6-7; Mc 14: 3 e Jo 12: 3, e supondo que era a mesma Maria que ungiu os pés e a cabeça de Jesus (Jo 11: 2), nós podemos dizer que se trata de dois momentos diferentes: num momento ela ungiu os pés de Jesus e foi limpa do seu pecado. Agora (Mt 26: 6-7 e Jo 12: 3), já perdoada e mais alinhada com as coisas espirituais, ela realizou um ato profético em relação à morte de Jesus. Ela podia não saber exatamente porque O ungiu (talvez tenha se sentido tocada por Deus para fazê-lo), mas com certeza o seu espírito estava em sintonia espiritual com Jesus. Os evangelistas sugerem que o anfitrião da casa era Simão (Mt 26: 6; Mc 14: 3; Jo 12: 1-2). Os nomes "Lázaro", "Simão, o leproso" (Mt 26: 6; Mc 14: 3) e "Betânia" aparecem juntos em todos esses textos, você percebeu?

Neste texto bíblico (Lc 7: 36-50) podemos ver um caso bastante típico de uma cura interior que foi alcançada por uma mulher que não teve medo de se expor nem de se humilhar diante de pessoas, simplesmente porque sua necessidade de tocar em Jesus e de ser tocada por Ele era maior do que todo o resto.

Ela foi até lá com algo no coração que a fazia se sentir impura, mas Jesus a entendia. Ninguém sabe exatamente que tipo de pecado ela cometia, provavelmente, práticas sexuais ilícitas. O mais importante é que foi tocada pelo arrependimento e buscou sua cura; de maneira vergonhosa para uns e ridícula para outros, mas apropriada para ela e aceitável para Jesus. O fato é que ela teve a oportunidade de ser curada e não abriu mão disso. Além disso, ela teve a humildade de realizar uma atividade que normalmente era feita pelos escravos mais baixos como uma demonstração de que se rendia verdadeiramente ao Senhor. Ela teve também a coragem de demonstrar o seu amor por Ele em público, pois pelo visto, era uma mulher amorosa, mas carente, tanto é que todos os seus pecados tinham ocorrido pela deformação humana desse amor. Ele não estava direcionado para o ponto correto. Ela reconheceu seu erro e o choro demonstrava a angústia do seu coração em querer se livrar daquele conflito. Quando Simão começou a zombar internamente de Jesus, pensando que Ele não tinha noção de quem O estava tocando, foi aí que o Senhor lhe deu uma resposta que mostrou, não apenas o discernimento profético dentro dEle, como também a sabedoria de interpretar e de tratar com um caso como aquele. O Senhor honrou aquela mulher diante de todos, simplesmente porque ela possuía algo que, apesar de tê-la feito pecar, eles, como doutores da Lei não tinham e que era o amor, por isso ela conseguia atingir o coração de Jesus e Jesus, o dela, trazendo a cura verdadeira.

Para nós, este texto traz os seguintes ensinamentos:

1) Quando algo nos incomoda muito interiormente, devemos ir direto à fonte da cura que é Jesus, não nos importando com o que digam ou pensem de nós.

2) Demonstrar nossos sentimentos mais profundos diante de Deus pode ser vergonhoso para os religiosos, mas faz com que sejamos usados por Ele mesmo para pôr por terra a religiosidade que impede a cura verdadeira da alma.

3) Não devemos perder as oportunidades de sermos curados, ainda que o lugar e as condições possam parecer impróprios. Se Jesus estiver lá, tudo se torna propício a nós. A nossa fé em ação abre todas as portas.

4) O amor mal direcionado leva uma pessoa, muitas vezes, a pecar. A carência afetiva mal suprida pode levar várias pessoas a fazer até o que não querem, simplesmente porque não suportam mais a solidão e não sabem buscar seu suprimento em Deus. O Senhor disse: "Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz". Isso nos faz pensar que pessoas cuja natureza é amorosa são

mais freqüentemente enganadas e abusadas, o que as faz entrar em situações que as levam ao pecado, pois o inimigo usa os laços da chantagem emocional, da doença, dos prazeres sexuais, da carência de outros seres humanos etc. para enredá-las numa dependência sentimental que, muitas vezes, se torna doentia porque sua natureza amorosa e branda não lhes permite serem mais diretas e objetivas se desvencilhando logo de relacionamentos embaraçosos para não ferir os outros. Por isso, o nosso coração deve estar sempre na dependência de Deus e debaixo do domínio do Espírito Santo, pois só Ele pode nos ensinar a maneira correta de amar para não cairmos em laços do diabo. O amor não pode ser algo frouxo, displicente, complacente demais com o que não merece, mas firme e forte, muitas vezes, para não permitir que aqueles a quem amamos venham a se perder. É um engano pensar que quem ama é bonzinho sempre e não repreende, pois isso negaria a própria palavra de Deus que diz que Ele é amor, mas também diz que repreende o filho que ama. Se Deus nos deixasse fazer tudo o que a nossa carne quisesse, estaríamos todos no pecado e não salvos. Foi por amor a nós que Ele permitiu a tortura do Seu próprio Filho na cruz. E é por amor a nós que Ele nos disciplina para que não venhamos a perder a salvação. Isso não quer dizer que Ele nos pune com ódio ou violência, e sim que a Sua disciplina é temperada com a misericórdia.

Por isso a frase de Jesus é importante: "Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama" (Lc 7: 46-47). Isso quer dizer que, com a consciência de seus muitos pecados e do quanto ela foi perdoada, ela era capaz de amar a Deus muito mais, pois dava valor à sua cura e à sua libertação; mais do que uma pessoa que não tinha pecado tanto quanto ela. Mesmo tendo pecado por causa da sua forma errada de amar, ela era mais receptiva ao toque do Senhor do que aqueles que não conseguiam amar, pois o coração deles estava fechado. A partir daquele momento, Jesus estava corrigindo sua forma de amar, e esse amor faria dela uma pessoa forte e equilibrada.

5) O Senhor ainda se importa em ter a honra que Lhe é devida. Simão menosprezou a cortesia social, pois se achava muito importante, entretanto, o Mestre elogiou aquela mulher por tê-la praticado em Seu favor, pois Ele a merecia. Por isso, tudo o que fizermos para Jesus tem que ser com amor e por amor a Ele, para que a honra e a glória sejam apenas dEle e de mais ninguém.

6) Não é possível dar algo a Deus com avareza no coração. Nos três evangelhos (Jo 12: 1-8; Mt 26: 6-12; Mc 14: 6-8) está descrita a indignação dos discípulos com o aparente desperdício de óleo por parte da mulher, pois era de nardo puro e caríssimo. Entretanto, Maria não estava pensando em finanças, mas em adoração verdadeira. Era uma forma de mostrar para Jesus e para todos os presentes que ela estava Lhe dando o melhor que tinha, o mais precioso, para honrar Aquele a quem amava e que era o Filho de Deus. O nardo se refere à planta cujo nome científico é *Nardostachys jatamansi*, uma planta perene da família da *valeriana*, mas dotada de raízes ainda mais perfumadas. É nativa do norte da Índia, onde até hoje é usada para perfumar os cabelos. Nos tempos bíblicos, o nardo era caríssimo e importado em receptáculos selados de alabastro que só eram abertos em ocasiões especiais; talvez por isso a indignação pelo seu uso aparentemente indevido. Espiritualmente, para nós, significa: a presença de Jesus conosco todos os dias e adoração ao Senhor.

7) Este ato de Maria teve um significado espiritual de confirmar Jesus como o Messias, o Ungido de Deus. No evangelho de Marcos, Jesus disse a todos que ela o estava fazendo para o Seu sepultamento e que os pobres, eles os teriam sempre consigo, mas a Ele nem sempre o teriam (Mt 26: 11; Mc 14: 7-8; Jo 12: 8).

24

A parábola do bom samaritano
Lc 10: 25-37

A parábola do bom samaritano
Texto de referência: Lc 10: 25-37

"E eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então, Jesus lhe perguntou: Que está escrito na lei? Como a interpretas? A isto ele respondeu: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: amarás o teu próximo como a ti mesmo *[Dt 6: 5; Lv 19: 18]*. Então, Jesus lhe disse: Respondeste corretamente, faze isto e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo? Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete da lei: O que usou de misericórdia para com ele. Então, lhe disse: Vai e procede tu de igual modo".

Jesus foi colocado mais uma vez à prova por um intérprete da Lei que Lhe perguntou sobre o que deveria fazer para herdar a vida eterna e o Senhor lhe respondeu que se observasse os dois maiores mandamentos dela, ele o conseguiria. Ele, entretanto, se fez de desentendido e Lhe perguntou quem era o seu próximo. Então, Jesus lhe respondeu com a parábola do samaritano, mostrando ao escriba que cumprir religiosamente toda a Lei como os religiosos faziam com o intuito de entrar no céu não era o caminho correto, mas abrir o coração para socorrer o necessitado que estivesse em seu caminho. Os judeus desprezavam os samaritanos porque achavam que eles faziam a adoração no lugar errado, ao invés de ser em Jerusalém, entretanto, não colocavam em prática o que pregavam. Acusavam inocentes, julgavam todas as pessoas, eram rígidos no cumprimento da Lei deixando de lado a misericórdia, e ainda assim achavam que herdariam o reino de Deus. Jesus usou o exemplo do sacerdote e do levita, que também servia no templo, para mostrar que justamente aqueles que deveriam levar o amor de Deus às pessoas eram os mais distantes por se sentirem tão santos, portanto, intocáveis. Ao contrário, o samaritano que era considerado indigno diante dos religiosos foi o que colocou em prática o amor de Deus para com o ferido que encontrou na estrada. É o tipo de reação que o Senhor espera ver naqueles que carregam o Seu nome, que se dizem filhos de Deus, mas que precisam exercitar o amor verdadeiro para crescerem espiritualmente. O crescimento espiritual de alguém não é medido pelo grau de conhecimento intelectual que ele tem da Palavra, mas pelo quanto é capaz de colocá-la em prática para o benefício do seu semelhante. Quanto mais se ama, maior é o grau espiritual que se tem. Jesus disse: "Não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita", portanto, fazer o bem sem alarde, com pureza de coração, simplesmente porque é bom ser útil, isso, sim, traz a recompensa e a aprovação de Deus. Agir com hipocrisia ou indiferença em relação a um pedido de socorro é se comportar como o sacerdote e o

levita que passaram ao largo deixando o homem que caiu na mão de salteadores sozinho para chorar sua própria dor.

Há uma coisa interessante neste texto do samaritano: ele derramou óleo e vinho sobre o homem ferido. Jesus estava presente ali e está hoje como o Bom Samaritano ao nosso lado, quando muitos não querem nos estender a mão em socorro. Ele derrama sobre nós o óleo fresco da unção do seu Espírito que, como nosso Consolador, vem nos curar as feridas da alma, e derrama Seu vinho novo de perdão e alegria sobre nosso coração aflito. Seu sangue nos purifica dos nossos pecados e expulsa o inimigo das nossas vidas. Naquela época, vinho tinha certo valor medicinal como anti-séptico e desinfetante brando. O óleo era usado na preparação de ungüentos para tratar ferimentos.

Essa parábola nos mostra que a nossa maneira de servir a Deus pode ser simples, ajudando qualquer pessoa que Ele coloca no nosso caminho e fazendo o que está ao nosso alcance. O impossível Ele faz. Às vezes, a simples disposição do nosso coração em servi-lO já é o suficiente. Nós somos usados por Deus sem saber que Ele está fazendo isso. Ninguém precisa ver o que fazemos. Apenas Seu olhar e Sua aprovação são o bastante.

Quem ama sabe respeitar o outro, não invade o seu espaço, sabe demonstrar o seu carinho de maneira discreta e sensível.

25

A cura da mulher encurvada
Lc 13: 10-17

A cura da mulher encurvada
Texto de referência: Lc 13: 10-17

"Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. E veio ali uma mulher possessa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus. O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados e não no sábado. Disse-lhe, porém, o Senhor: Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar deste cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos? Tendo ele dito estas palavras, todos os seus adversários se envergonharam. Entretanto, o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava".

Mais uma vez, Jesus desafia as regras religiosas para libertar Seus escolhidos das prisões do inimigo. A mulher estava na sinagoga e, provavelmente, a freqüentava por anos a fio sem ter, entretanto, solução alguma para o seu caso. Foi quando Jesus decidiu entrar ali para pregar, pois onde parecia haver a luz era lá que mais se precisava dela, onde a religiosidade e as regras humanas impediam os que lá estavam de ter a liberdade de se expressar e de pedir verdadeiramente ao Senhor o que necessitavam. Havia muita palavra, pouca devoção e nenhuma unção, tanto é que a mulher permanecia debaixo de opressão. A bíblia não revela o que ela havia feito para ficar naquele estado, mas Jesus não se importou com o que ela havia praticado de errado, e sim com o mal que a fazia permanecer encurvada. Do ponto de vista emocional e espiritual, aquela situação deveria ser um tormento para ela; ela era forçada a olhar para baixo, moldando sua mente a ver as coisas sob um prisma pequeno e depressivo. Ela não podia sequer se erguer para clamar a Deus de uma maneira mais aberta. Provavelmente já tinha se conformado com as dores físicas, pois aquela posição incômoda deveria fazê-la sofrer no corpo também. Todavia, o fato de continuar indo à sinagoga nos faz pensar que o seu espírito ainda mantinha uma esperança em Deus de que um dia terminaria aquele cativeiro. Por ser mulher, ela deveria permanecer no lado em que as mulheres se sentavam [O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995 – sobre assentos separados para homens e mulheres], e ficavam caladas durante todo o serviço religioso, a não ser para repetir os preceitos que eram lidos. Mas era

pouco provável que pudesse se aproximar sequer de um dos mestres da lei para pedir socorro.

Quando lemos o evangelho prestando atenção aos detalhes, podemos perceber quantas vezes Jesus entrou em sinagogas justamente no sábado, parecendo ter prazer em provocar os religiosos e colocar para baixo o tradicionalismo vazio que impedia o povo do Senhor de conhecer a vida e a verdade. Nós sabemos que todo Judeu tinha que ir à sinagoga no Shabbat, por isso Jesus assim fazia, mas quando Ele ia a alguma delas, algo diferente acontecia. Este era mais um dos casos que transgrediam as regras do Shabbat para mostrar novamente a todos que Ele, Jesus, era o senhor do sábado. A bíblia não diz se Ele estava discutindo com os fariseus, se estava pregando, se tinha ou não começado a cerimônia religiosa, apenas que o Mestre a viu entre tantos e a chamou.

A expressão "filha de Abraão" não apenas confirmava que a mulher era uma judia, mas que tinha muita fé em Deus, que era uma crente, como foi Abraão. Se Deus havia permitido que Satanás a oprimisse, como fez com Jó, era para mostrar mais uma vez a Sua glória sobre todas as obras do maligno e Sua soberania sobre todas as coisas, Seu poder de trazer cura, vida e restauração.

Essa atitude de Jesus, por si só já era uma forma de honrá-la e de mostrar a ela que mesmo que muitos não se importassem com a sua vida ou com o seu sofrimento, Ele se importava e estava ali para curá-la e libertá-la daquele tormento. Ele reafirmava também a Sua autoridade sobre todas as coisas, inclusive sobre o mundo espiritual, coisa que ninguém tinha feito até aquele momento, que era expulsar espíritos imundos das pessoas. Bastou um toque de Jesus e ela se endireitou. Isso deve ter provocado um verdadeiro rebuliço na sinagoga, pois muitos outros doentes devem ter saído dos seus lugares para poder tocar no Mestre; por isso, o chefe da sinagoga os repreendeu por vir ali no sábado para serem curados, ao invés de vir durante a semana; só que Jesus não estaria lá. Que pena!

Isso nos mostra o ciúme espiritual e a disputa de poder que podem acometer os entendidos em religião. Não conseguem realizar nenhum tipo de milagre, suas palavras e suas orações são vazias e inúteis, mas começam a sentir ciúme e inveja de quem tem realmente a presença de Deus e amor para colocar em prática o poder que Ele lhe deu. Jesus não se deixou dominar pela falsa autoridade religiosa que ali estava tentando bloqueá-lo na Sua missão; pelo contrário, usou da Sua autoridade confrontando-os com a própria Lei. Eles nada puderam dizer diante da veracidade das Suas palavras e das evidências do milagre. Ao que parece, Jesus não se deteve apenas em curar aquela mulher; curou outros, a fim de que o nome do Pai fosse engrandecido. Com a cura, a mulher poderia não apenas endireitar sua postura física, mas endireitar-se emocional e espiritualmente, mostrando que os impossíveis aos homens são possíveis para Deus.

Como eu escrevi acima, do ponto de vista emocional e espiritual aquela situação deveria ser um tormento para ela; ela era forçada a olhar para baixo, moldando sua mente a ver as coisas sob um prisma pequeno e depressivo; mais do que isso, deveria fazê-la se sentir acusada, culpada, sem ter quem a defendesse, sem poder viver a retidão como uma virtude e um padrão moral que ela provavelmente almejava. Ela não podia sequer se erguer para clamar a Deus de uma maneira mais aberta.

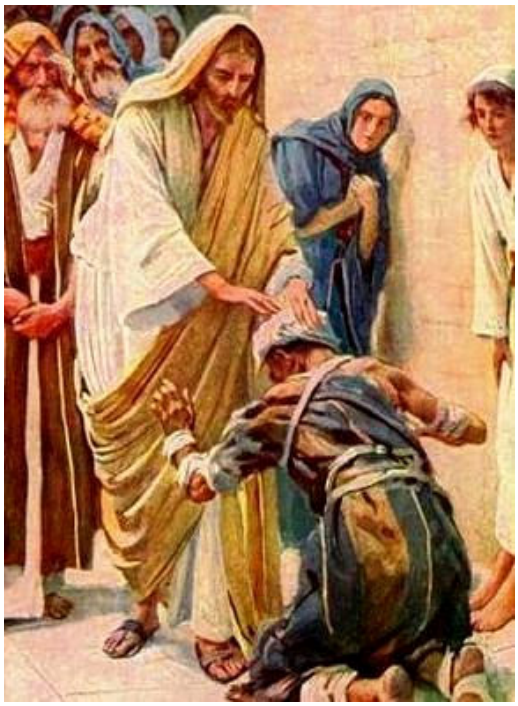
Mas a partir daquele momento, ela poderia viver a retidão de Deus. Ela ganhou muito mais do que cura física; conquistou a segurança e a autoridade sobre o mal. Ninguém mais a dominaria ou a influenciaria com sua maneira pobre e limitada de ver a vida. Jesus tinha lhe devolvido a dignidade diante de todos e ela agora poderia andar de cabeça erguida. Seu testemunho de vida traria avivamento àquele lugar, colocando por terra a incredulidade e a pequenez de pensamento. Mais do que tudo, seu testemunho estava quebrando todas as obras de idolatria que pudessem ter causado aquele problema,

deixando bem claro a todos quem era o verdadeiro Deus. Nada poderia destruir o que Ele determinasse para um filho ou filha. Seu Filho amado tinha vindo à terra para destruir as obras do diabo e ela era testemunha viva disso. Ela agora poderia andar retamente diante dEle, levando Sua luz aos que estavam nas trevas.

O maior aprendizado deste texto para nós é que Jesus não é detido por nada, por nenhum homem, por nenhum demônio, por nenhuma regra, e tudo o que Ele deseja fazer para engrandecer Seu próprio nome e libertar Seus filhos Ele o faz. A bíblia diz que tudo Ele sujeitou debaixo dos pés.

26

A cura de um leproso
Lc 5: 12-16; Mt 8: 1-4; Mc 1: 40-45



A cura de um leproso
Textos de referência: Lc 5: 12-16; Mt 8: 1-4; Mc 1: 40-45

"Aconteceu que, estando ele numa das cidades, veio à sua presença um homem coberto de lepra; ao ver a Jesus, prostrando-se com o rosto em terra, suplicou-lhe: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E ele, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E, no mesmo instante, lhe desapareceu a lepra. Ordenou-lhe Jesus que a ninguém o dissesse, mas vai, disse, mostra-te ao sacerdote e oferece, pela tua purificação, o sacrifício que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo. Porém o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades. Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava".

É bom lembrar que nos tempos bíblicos, várias afecções dermatológicas eram agrupadas sob o nome de lepra, entretanto, muitas eram evidentes, fazendo com que a pessoa começasse a perder a sensibilidade de algumas partes do corpo pela doença, propiciando a formação de feridas que, infectadas e mal tratadas, faziam-na perder progressivamente os membros. Por isso, ao ser diagnosticada a lepra numa pessoa, ela era rotulada como cerimonialmente impura, além de ser um perigo para a sociedade, sendo obrigada a viver fora das aldeias, sobrevivendo do que a natureza podia lhe dar ou do que viajantes lhe jogavam de longe. Portanto, o diagnóstico de lepra trazia à pessoa um completo isolamento espiritual e social, afetando grandemente sua vida física, emocional e familiar. Quando, porém, por algum milagre de Deus elas eram curadas, deveriam voltar ao templo e mostrar a ferida ao sacerdote e oferecer sacrifícios pela sua purificação. Assim, tanto no corpo, como na alma e no espírito, a lepra deixava marcas, por isso o leproso era expulso de casa e da sociedade e proibido de entrar em qualquer cidade. Devia vestir roupas rasgadas, deixar o cabelo emaranhado e clamar 'imundo, imundo!' se alguém se aproximasse (Lv 13: 45-46: "As vestes do leproso, em que está a praga, serão rasgadas, e os seus cabelos serão desgrenhados; cobrirá o bigode e clamará: Imundo! Imundo! Será imundo durante os dias em que a praga estiver nele; é imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial"). Dificilmente alguém conseguia ver seu rosto totalmente. Quando Jesus veio e começou a fazer milagres, as pessoas acometidas por este mal vieram a Ele em busca de cura, pois se fossem curadas, tudo o mais seria restaurado em suas vidas. Para nós, a lepra pode ter o significado de doença física mesmo (lepra ou mal de Hansen); feridas emocionais, que nos isolam do convívio normal com nossos semelhantes, ou o pecado (lepra espiritual), que deixa marcas espirituais terríveis, gerando separação entre a pessoa e Deus, por isso Jesus veio para nos curar das marcas deixadas pela lepra do pecado.

Aquele homem que procurou Jesus estava consciente da sua inutilidade como ser humano, pois era impossível viver mais daquele jeito; sentia-se rejeitado e impuro. Entretanto, teve a ousadia de se aproximar suplicando por cura. Humildemente, se submeteu à vontade de Jesus e Lhe disse: "Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E, no mesmo instante, lhe desapareceu a lepra".

O primeiro ensinamento aqui é: quando reconhecemos o nosso pecado e nos submetemos à vontade de Deus Lhe pedindo perdão, Ele nos toca com cura. A bíblia diz que Jesus o tocou, o que para muitos poderia ter sido uma imprudência, pois poderia contrair a doença, mas Seu toque foi para libertar o homem, não para ser contaminado por ele; mesmo porque a doença não é transmitida deste modo. Portanto, *o segundo*

ensinamento é: ainda que muitos sintam nojo de nós ou repulsa pelo mal que nos acometeu, Jesus jamais nos rejeita, pois não tem medo nem nojo de feridas; Ele veio para nos livrar delas. A lepra acomete finas raízes nervosas, o que faz com que a pessoa passe a não ter mais sensibilidade naquela região do corpo que está afetada. É o que o pecado faz com aqueles que dele estão cativos: se tornam insensíveis à verdade, parecem cauterizados, não sentem mais a presença de Deus. Assim, *o terceiro ensinamento é: quando o Senhor nos toca com libertação, as "cascas da ferida" caem e voltamos a ser sensíveis à Sua voz e à Sua presença.* Dessa forma, estamos aptos para reatar nossa convivência não apenas com Ele, mas com nossos irmãos, pois voltamos a amar e a sentir compaixão pelos outros. *Começamos a nos sentir úteis porque a experiência que tivemos nos capacita, agora, com unção* para tratarmos os que estão com o mesmo problema. Muitos acham errado que o homem não obedeceu à ordem de Jesus para não contar nada a ninguém, mas de qualquer forma saberiam que foi Ele que o tinha curado, porque Ele já tinha feito outras curas e o Seu nome já estava começando a ser conhecido. *O homem seria um evangelista a partir daquele momento.* Seu testemunho confirmaria a todos a presença do Messias entre Seu povo. É interessante que não só neste texto bíblico está escrito: "Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava", o que quer dizer que, ainda sendo o Filho de Deus, Jesus tinha vindo em carne e precisava, assim como todos nós, estar se renovando na presença do Pai para poder continuar a Obra. Isso para nós foi um exemplo, pois se quisermos ter unção para fazer as mesmas obras que Ele fazia, é necessário ter o nosso tempo particular com o Senhor, longe dos outros. É na Sua presença, longe do barulho e das solicitações da carne, que nos recarregamos de unção e recebemos as revelações particulares para todas as áreas da nossa vida. Portanto, *o último ensinamento é: um discípulo precisa dos seus momentos de intimidade e conversa particular com Deus para prosseguir na sua caminhada cristã com segurança. É no silêncio do Seu altar que o Senhor fala conosco.*

27

A cura de um cego em Betsaida
Mc 8: 22-26

A cura de um cego em Betsaida
Texto de referência: Mc 8: 22-26

"Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse. Jesus tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa? Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo andando. Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito. E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia".

Essa é mais uma cura de cegueira realizada por Jesus onde, novamente, Ele usou um método diferente dos anteriores, como fez com o cego de Jericó e com o cego de nascença. Aqui, Ele entra em Betsaida e Lhe trazem um cego para ser curado. Jesus, então, o tomou pela mão e, para espanto de todos, levou-o para fora da aldeia. O Mestre fez algo que a muitos pode ter escandalizado: Ele cuspiu em sua mão e aplicou a saliva aos olhos do moço, impondo-lhe as mãos. Na época, era costume pensar de que a saliva tinha poder curativo sobre moléstias oculares, em especial a cegueira, mas não foi por isso que Jesus usou mais uma vez a saliva para curar este cego. Ele impôs as mãos e lhe perguntou: "Filho, vês alguma coisa?" E o rapaz respondeu: "Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando". Novamente, Jesus lhe pôs as mãos nos olhos e então o moço passou a ver claramente e ficou restabelecido, enxergando tudo perfeitamente. Após isso, lhe fez uma advertência: "Vai para tua casa, filho, mas não entres na aldeia".

A pergunta é:

— Por que lhe aplicou saliva aos olhos, por que duas vezes impôs as mãos sobre ele e por que o mandou não retornar à aldeia?

Talvez, Jesus nos respondesse:

— Eu queria que ele visse o poder da minha palavra sobre a sua visão. A principal causa da sua cegueira não era física, mas espiritual. Seu discernimento interior estava embotado pelas influências ruins daquele lugar, onde a obstinação e a incredulidade impedem os olhos e os corações de crerem no Filho do Homem. As duas etapas lhe proporcionaram recuperar tanto a visão física como a espiritual e lhe mostraram que, muitas vezes, o processo de cura é gradual. Sua visão estava deformada pela visão contaminada dos pecadores (Ele viu os homens como árvores, ou seja, de maneira distorcida). Eu lhe devolvi a minha visão, mas ele precisa estar só por um tempo, longe do pecado, para se fortalecer e caminhar novamente com o Pai".

Em Mt 11: 21-24, o Senhor repreende Betsaida, Corazim e Cafarnaum pela sua incredulidade e falta de arrependimento: "Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo".

Os olhos e o cérebro trabalham de maneira integrada, ou seja, os olhos nos mostram as imagens dos objetos, mas é o cérebro que nos dá o entendimento, a compreensão do que as imagens realmente são.

Não se sabe qual a causa da cegueira física, mas vale o seguinte comentário: quando a barreira espiritual é vencida, o que é material está livre para ser restaurado. Foi, por isso, que Jesus o curou espiritualmente primeiro. Com as barreiras espirituais derrubadas, o físico estava aberto à bênção.

Você entende o porquê dessa afirmação? Jesus não repreendeu Cafarnaum e essas duas cidades pela falta de fé e falta de arrependimento? Foi o mesmo que aconteceu em Nazaré (Mt 13: 28: "E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles"). Esses tipos de pecado da carne são agravados pela ação de demônios, que prendem os pensamentos e as emoções das pessoas, impedindo a recepção e o entendimento da Palavra de Deus, a suavidade de coração e, conseqüentemente, a fé. Pois era pela fé que os milagres de Jesus aconteciam e Ele dizia: "Vai em paz, tua fé te salvou". Então, quando pela ação do Espírito Santo e pela vontade das pessoas, seus pensamentos eram mudados e seus olhos eram abertos à verdade, a cura acontecia. O fator de bloqueio espiritual era removido e o corpo físico recebia a unção de cura do Espírito Santo através de Jesus. Mesmo que muitas vezes hoje em dia não se vejam curas instantâneas por milagre de Deus, Ele usa os métodos disponíveis pela ciência para curar vidas, ela fé delas, de maneira gradual. Seu nome é engrandecido de qualquer maneira.

Quando começamos a andar com Jesus, nossos olhos começam a ser abertos para que vejamos o que não tínhamos visto antes na nossa vida. Muitas situações passam a ter sentido e começamos a perceber que nossa visão foi cegada pelo inimigo para que não pudéssemos enxergar a verdade, pois quando a conhecemos, tudo adquire um novo sentido; principalmente, deixamos de ser vítimas das circunstâncias e passamos a deter em nós o poder de escolha: continuar nos velhos costumes que herdamos da família, da sociedade etc. ('aldeia') ou guerrear para colocar para baixo as armadilhas do diabo e mostrar a ele quem manda. Entendemos que muitas atitudes erradas cometidas no passado são a causa de muitos problemas atuais e descobrimos quais as fraquezas da nossa alma e dos que nos cercam; fraquezas essas que o inimigo sempre usa para criar contenda, separação, ódio, violência e todo o tipo de atitude carnal que nos afasta da bem-aventurança de Deus. Foi o que provavelmente aconteceu com este rapaz; ele estava num lugar onde as mesquinharias da carne o impediam de enxergar a vida com clareza, distorcendo sua maneira de pensar, não só em relação a si mesmo, como às outras pessoas. O pecado naquele lugar era uma influência ruim, tirando sua comunhão com Deus e, provavelmente, trazendo angústia à sua alma. Deve ter sido estranho para os que estavam presenciando a cura ver o Senhor se afastando com ele, parecendo precisar ficar a sós com o moço a fim de lhe contar um segredo. Entretanto, a atitude do Mestre, por si só, já mostrava ao doente o que era necessário fazer para manter a bênção que fora conquistada: 'sair da aldeia', ou seja, deixar as influências ruins, o passado, as heranças e as contaminações externas e 'voltar para casa', ou seja, à comunhão espiritual verdadeira com Deus; só assim seria verdadeiramente curado e nunca mais perderia seu milagre.

Assim, os principais ensinamentos deste texto são:

1) É necessário, primeiro, que uma palavra de Deus 'nos acorde', ou seja, toque a nossa visão para abri-la para um novo patamar de entendimento.

2) É preciso se separar da 'multidão' e das coisas da carne para enxergar as coisas espirituais ("Jesus tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia", ou seja, antes de curá-lo, Jesus o removeu da fonte da doença e da cegueira espiritual).

3) Na verdade de Deus, vemos as coisas e as pessoas como elas são realmente, sem as distorções trazidas pelo inimigo.

4) A cura divina em nós se faz gradualmente, o que implica, da nossa parte, num processo de busca constante e pessoal até que possamos ter tudo claro em nossa mente.

5) Depois de se conquistar a cura, é melhor não voltar aos antigos hábitos ("voltar à aldeia").

Informações sobre Betsaida

Betsaida vem do grego antigo, Βηθσαϊδά, Bēthsaïdá; do hebraico Bēṯ Ṣayḏā ou 'bêth çaydâ' = 'casa de pesca' ou 'bêth çayyadhâ' = 'casa de pescadores', e estava localizada a nordeste do Mar da Galiléia no território de Filipe, o Tetrarca, que a batizou com o nome de Júlia (Grego antigo: Ἰουλία, romanizado: Ioulía), em homenagem à filha do imperador César Augusto (Júlia, a Velha) [Flávio Josefo, 'Antiguidades dos Judeus', XVIII, ii, §1].

Josefo também deixa claro que essa 'Júlia' de Filipe, ou seja, 'Betsaida', ficava em um distrito administrativo conhecido como Gaulonitis (ou Gaulanítide), nas atuais Colinas de Golã, ou seja, na região norte do Mar da Galiléia. Filipe, o tetrarca, também reedificou a cidade de Panéias, que passou a se chamar Cesaréia (ou Cesaréia de Filipe), em honra a César Augusto. Josefo escreve: "Herodes também construiu a cidade de Tibério (Ele se refere a Tiberíades, em homenagem a Tibério César), na Galiléia, e na Peréia [além do Jordão] outra que também foi chamada de Julias". Essa 'Júlia' de Herodes foi em homenagem à esposa do imperador César Augusto (Lívia Drusa ou Lívia Drusila, chamada de Júlia Augusta depois de 14 DC), não à filha Júlia, a Velha [Flávio Josefo, 'A Guerra dos Judeus' II, ix, §1].

Betsaida não existe mais, mas os arqueólogos acham que pode ter se localizado em três lugares: a aldeia beduína de Messadiye; o pequeno e deserto assentamento de El-Araj e o sítio arqueológico de Et-Tell. As pesquisas ainda estão em andamento.

"Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir seus passos" (Jr 10: 23).

28

A parábola do semeador
Mt 13: 1-23; Mc 4: 1-9; Lc 8: 4-8

A parábola do semeador
Textos de referência: Mt 13: 1-23; Mc 4: 1-9; Lc 8: 4-8

"Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar; e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. E de muitas coisas lhe falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça. Então se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que lhes respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados. Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram. Atendei vós, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém, os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera. Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, sessenta e a trinta por um".

Quando lemos este texto bíblico parece bem claro para nós o sentido da parábola, não tendo mais nada a acrescentar ao que foi explicado por Jesus:

1) Os "da beira do caminho": ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração.

2) Os do "solo rochoso": ouvem a palavra e a recebem logo, com alegria; mas não têm raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam.

3) Os "semeados entre os espinhos": ouvem a palavra, porém, os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.

4) As "boas terras": ouvem a palavra e a compreendem; frutificam e produzem a cem, sessenta e a trinta por um.

Aprendizados:

I) Essa parábola nos ensina, em primeiro lugar, a fazer o nosso depósito no céu. Jesus disse: "Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado" (Mt 13: 12 cf. Mc 4: 25; Mt 25: 29; Lc 8: 18; Lc 19: 26).

"Ao que tem se lhe dará, e terá em abundância" significa: ao que tem tesouros no céu, conquistados através do entendimento da palavra revelada; em outras palavras, uma vida espiritual com Deus, aprendendo e crescendo com Ele;

"Ao que não tem, até o que tem lhe será tirado" significa: aos que não têm esses tesouros espirituais, uma vida no altar com Deus, perderão até o pouco de interesse que têm por Deus. Por isso, aos Seus discípulos era dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas aos demais isso não lhes era concedido, justamente porque seu coração estava endurecido, e eles não tinham tesouros no céu, ou seja, não tinham intimidade com o Senhor. Assim, quanto mais a nossa vida estiver em comunhão com Deus, mais receberemos as Suas revelações e o entendimento da Sua palavra, e mais teremos vontade de estar junto com Ele.

II) É preciso semear abundantemente nas três áreas mais importantes da nossa vida para podermos colher frutos em todas elas. Explicando:

Somos corpo, alma e espírito. Nosso *corpo* necessita do que o mundo material tem para nos oferecer: dinheiro, comida, conforto material, remédio etc. Nossa *alma* não se satisfaz com isso, pois seu alimento é outro: amor, carinho, compreensão, boas palavras, consolo, amizade, bons relacionamentos, paz, estabilidade familiar etc. Nosso *espírito*, igualmente, se satisfaz com outro tipo de alimento que é a palavra revelada de Deus e que nos leva a ter conhecimento de quem somos verdadeiramente e do nosso propósito de ter nascido, além do que vai nos mostrar para onde vamos voltar quando nosso corpo carnal morrer. Dessa forma, para não haver escassez em nenhuma delas, é necessário que façamos um investimento nessas três áreas. Por isso Jesus pagou o preço pela nossa salvação, morrendo na cruz. Entretanto, há algo mais do que a nossa salvação a zelar: nossa integridade espiritual aqui na terra para podermos exercer a autoridade que nos foi delegada por Jesus nas regiões celestiais. A área espiritual não pode ter brechas, senão viveremos em amarras do inimigo, que passa a assolar as demais áreas da nossa vida.

Jesus nos deu o exemplo, como homem, do que devemos fazer:

Na área material, devemos proteger nosso dinheiro da assolação do diabo dizimando e ofertando na obra de Deus, pois assim a brecha financeira que possa haver sobre nossa vida é fechada. E aqui é onde existe a nossa maior luta contra as obras da carne, em especial a avareza, que a bíblia considera como uma idolatria, porque o deus do dinheiro vai querer a glória para si. Mas Jesus disse (Mt 6: 33): "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas". No final do versículo anterior Ele diz: "pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas", ou seja, Ele sabe que precisamos das coisas materiais, mas faz questão de dizer que elas vão vir à nossa vida se colocarmos as Suas coisas como uma prioridade.

Na área emocional também é necessário investir e é aqui também que está uma grande barreira humana impedindo o fluir do amor de Deus. Precisamos cultivar amizades como quem cultiva uma plantinha que gosta muito. Se nós deixarmos de regá-la, ela seca e morre. A bíblia é muito clara neste ponto: "Não vos enganeis: De Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará... E não nos cansemos de fazer o bem, porque ao seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos

da família da fé" (Gl 6: 7; 9-10). Dar e compartilhar são sinônimos de maturidade. Se quisermos amigos, devemos fazer amigos.

Por fim, é necessário, mais do que tudo, investir *na área espiritual* e isso não significa simplesmente orar de vez em quando, fazer voto ou promessa na hora que o "bicho pega", e sim, ter um relacionamento íntimo, diário e profundo com o Senhor, como se espera ter num casamento, abrindo o coração sem reservas para que nada fique escondido. Sobretudo, cuidar da nossa salvação. Por isso Jesus incomodava tanto os fariseus: porque tinha tanta intimidade com Deus a ponto de chamá-lO de Aba [אב, em aramaico = pai; em grego: Ἀββᾶ, Abba, Strong #G5, Pai (como um vocativo), papai] e de se assumir como Seu Filho (cf. Mc 14: 36; Rm 8: 15; Gl 4: 6). Quando Ele se retirava para lugares desertos e orava, era para manter em dia esse relacionamento sadio com o Pai.

Tem uma passagem interessante em relação à semeadura em Lc 6: 37-38: "Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também".

A palavra acima nos ensina a semeadura verdadeira na área espiritual, emocional e material. Quem tem autoridade para julgar é Deus; não adianta condenar alguém que Ele julgou como inocente, portanto, nesta área (espiritual), ao invés de julgar, a semente é orar; na área emocional, as sementes são: o apoio emocional, a palavra de incentivo e o perdão. Reter o perdão mata a semente. Na área financeira, o Senhor nos aconselha a dar o melhor que temos, porque quem vai fazer os cálculos é Ele mesmo e os Seus pesos serão justos. Para Jesus só há um peso e uma medida: o amor.

Cada área, sendo semeada com as sementes corretas, vai dar também os frutos corretos. Assim, conheceremos a vida abundante que o Senhor planejou para nós. É o Espírito de Deus que nos ensina a fazer isso.

29

Nicodemos visita Jesus
Jo 3: 1-15

Nicodemos visita Jesus (Batismo)
Texto de referência: Jo 3: 1-15

"Havia entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos *[em grego: 'vitória do povo, conquistador do povo'],* um dos principais dos judeus. Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito. Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus: Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho. Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como crereis, se vos falar das celestiais? Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu]. E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna".

Nicodemos era um fariseu, um mestre da Lei, mas algo dentro dele já o tinha movido a se informar mais a respeito da doutrina pregada por Jesus, por isso o procurou de noite, provavelmente, às escondidas, por causa dos colegas. Ele se admirava dos milagres que o Senhor fazia e sabia que só um homem de Deus poderia fazê-los. Porém, a sua mente não estava ainda totalmente aberta para entender algumas coisas espirituais. Foi, então, que Jesus lhe disse: "Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus". O que Ele estava dizendo é que se ele quisesse compreender mais sobre os mistérios do reino de Deus, teria que nascer de novo, ou seja, recomeçar espiritualmente tudo outra vez e estar disposto a conhecer uma nova maneira de pensar. A força do Espírito Santo precisava atuar plena e livremente em sua alma. Nicodemos não compreendeu e insistiu, perguntando se um homem poderia voltar ao ventre materno. Então, o Senhor lhe explicou outra vez: "Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito". O que o Senhor queria lhe dizer com isso é que havia uma diferença muito grande entre nascer como ser humano de carne e nascer do Espírito, por ação divina. O que Nicodemos precisava fazer era acreditar que Jesus era o Filho de Deus que tinha vindo ao mundo para salvá-lo dos seus pecados e que ele, Nicodemos, era um pecador necessitando do Seu perdão para poder receber a salvação. Nicodemos já conhecia o batismo de arrependimento pregado por João Batista, entretanto, como fariseu, era muito difícil aceitar que era pecador como todos os homens. Jesus prosseguiu falando um pouco sobre as características daqueles que nasciam de novo ("nascer da água") e recebiam o Espírito Santo. Ele usou a palavra *vento,* que em grego também significa *'espírito';* disse que ninguém sabe de onde vem o vento nem para onde vai e que sopra onde quer. *Isso*

simboliza a liberdade que os filhos de Deus têm de se movimentar na terra, pois são impulsionados pelo próprio Espírito Santo a estar onde Ele quer e a fazer o que Ele deseja. Nascer do Espírito é se deixar tomar pela força do Espírito de Deus provocando uma verdadeira transformação interior como ocorreu com os discípulos após o Pentecostes. Em outras palavras, é mudar radicalmente o jeito de ser, recebendo todo o poder que Deus tem para derramar e ser um instrumento em Suas mãos para realizar o mesmo que Jesus veio fazer entre nós: ensinar, libertar, trazer entendimento da Palavra etc., em suma, destruir as obras do diabo. Era difícil para Nicodemos entender ainda, por isso Jesus lhe falou que se ele estava vendo tudo o que Ele operava em Israel, mas não conseguia entender uma metáfora sobre o vento e sobre as demais coisas terrenas que o Senhor explicava através de parábolas, como poderia entender as coisas espirituais? Entretanto, terminou falando figuradamente sobre a Sua futura morte na cruz. No Calvário, quem aceitasse o sacrifício do Filho de Deus seria igualmente curado de todas as doenças e enfermidades e receberia a vida eterna pela salvação dos seus pecados. Quando Jesus usou a expressão *Filho do Homem* (Jo 3: 13), Ele estava falando ali da Sua dupla porção: terrena e divina, isto é, embora vivendo em carne, vivia espiritualmente com a consciência de que era o Filho de Deus e que tinha vindo para uma missão específica. A porção espiritual nEle prevalecia sobre a carnal, por isso era capaz de realizar todos os prodígios e milagres.

Vamos agora introduzir uma explicação sobre o batismo, o batismo nas águas e o batismo do Espírito Santo.

Por que todo aquele que entrega sua vida a Jesus necessita do selo do batismo nas águas para prosseguir a caminhada cristã?

Em Mt 3: 11; 16-17 está escrito: "Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo... Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo".

A declaração acima foi de João Batista, que veio como precursor de seu primo Jesus para pregar o arrependimento e, assim, preparar o coração das pessoas para a palavra de Deus. João, então, pregava o batismo de arrependimento, onde as pessoas que entendiam que eram pecadoras, se arrependiam dos seus pecados e eram mergulhadas no Jordão e, com a purificação no seu espírito, estavam preparadas para receber o Messias e começar uma nova história com Deus. O batismo de João convencia o homem da necessidade do arrependimento e preparava os corações para a vinda do Messias (Mt 3: 2; 6; 11). Quem recebia esse batismo estava reconhecendo-se pecador diante de Deus. O batismo de Jesus Cristo ('o batismo nas águas') purificava do pecado e conferia o novo nascimento, ou seja, a vida eterna (Mt 28: 19; Jo 5: 21; 24) – At 19: 1-

7. João sabia que o Reino de Deus que viria com Jesus seria marcado pela grande atuação do Espírito Santo na vida das pessoas (Is 32: 15; Is 44: 3; Ez 11: 19; Ez 36: 26; Ez 39: 29; J1 2: 28-29; At 2: 16-18). Mas aqueles que O rejeitassem, Ele os batizaria com fogo, o que provavelmente é uma alegoria do juízo de Deus.

Em outras palavras, *o batismo nas águas* realiza em nós o novo nascimento (nosso espírito é recriado), o despojamento do corpo da carne (negamos a nossa natureza carnal e nos assumimos como seres espirituais), o sepultamento do pecado (a nossa velha vida é 'enterrada' e ressurgimos para a vida eterna, como Jesus na Sua ressurreição – Rm 6: 3-4; Cl 2: 11-12), a circuncisão do nosso coração (derrubar a barreira ao fluir do Espírito Santo), nos garante a condição de filhos de Deus, nos dá entrada no Seu reino e participação ativa nele (filiação divina e autoridade espiritual), assim como nos separa definitivamente do mundo (nosso dono passa a ser Jesus, pois o selo do Seu sangue está em nós).

Após o batismo nas águas, necessitamos de uma 'força extra' dEle para podermos superar as provas e vencermos o diabo, por isso, o Senhor nos batiza com o Espírito Santo, nos conferindo não apenas Sua força espiritual como também dons, que vão nos levar a patamares maiores de unção e de conhecimento do Pai. Por isso, Jesus foi batizado também com o Espírito, para seguir para o deserto e ser tentado por quarenta dias. Só assim, aprovado por Deus, pôde iniciar Seu ministério e ir para a cruz. A característica do batismo com o Espírito é o falar em línguas estranhas (At 2: 1-13; At 10: 44-46; At 19: 6). E em 1 Co 14, todo o capítulo, mas com enfoque ao versículo 4, Paulo fala que o orar em línguas edifica o nosso espírito. *Assim, o batismo no Espírito Santo nos reveste com o poder de Deus (grego, Dunamis, poder para realizar milagres), portanto, nos capacita a realizar Sua obra na terra.*

Batize-se nas águas e não deixe que o diabo o roube deste benefício colocando mentiras na sua cabeça, dizendo que você não está preparado para se batizar porque fuma, bebe, tem vícios etc. Quem vai prepará-lo é o próprio Espírito Santo. Você não pode fazer nada para se melhorar ou para se tornar digno dEle. Portanto, não perca tempo, obedeça ao mandamento do Senhor, pois o batismo é uma ordenança de Deus para todos os Seus filhos. Em Lc 11: 13 está escrito: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" Portanto, se você entendeu o que foi explicado no texto sobre Nicodemos, peça também o batismo no Espírito Santo e o Senhor vai lhe conceder. Assim você estará apto para prosseguir na sua jornada. Amém?

"Nele [Jesus], também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos" (Cl 2: 11-12).

30

As bem-aventuranças
Mt 5: 1-12

As bem-aventuranças
Texto de referência: Mt 5: 1-12

"Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo:

Bem-aventurados os humildes *[pobres, em outras versões]* de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois, quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós".

Mateus usou a palavra grega 'makarioi' (μακάριοι, Strong #g3107), que quer dizer: bem-aventurados, felizardos, felizes, abençoados.

Esse discurso, provavelmente, escandalizava os judeus, em especial os religiosos e os ricos, pois segundo a visão judaica da época, as pessoas abençoadas por Deus eram sempre sadias, sem enfermidades, tinham dinheiro e bens materiais, eram honradas pelos conhecidos e elogiadas pelos homens. Como uma multidão pobre, sem posses, doente e perseguida, sofrida, chorando e sem poder de se defender dos ataques e afrontas poderiam se sentir abençoada? Mas para o povo que ali estava, essas eram palavras de muito consolo, pois significava que eles também eram amados e abençoados por Deus. Ele os olhava com outros olhos e o que eles não conseguiam ter materialmente falando, eles tinham espiritualmente, e ainda teriam muito mais ao crer em Jesus e praticar Seus ensinamentos. Eles não estavam sós. Essas pessoas tinham um defensor: Deus.

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Ser humilde ou pobre de espírito é estar cônscio da carência de Deus e da dependência dEle. Os que se esvaziam de si mesmos, do orgulho de suas realizações e do egoísmo de seus desejos podem sentir o Espírito Santo enchendo esse vazio. Os humildes recebem o reino dos céus como prêmio; e o reino dos céus é hoje, quando tudo é possível. É uma experiência, não um lugar. O reino de Deus refere-se ao governo de Deus. Portanto, humildade é saber que dependemos de Deus em todas as situações, não importando a posição que ocupamos dentro da Igreja ou da sociedade. É ser como criança e estar ciente da necessidade de crescer e aprender sempre com Ele; saber que só Ele é capaz de nos suprir. Não deve ser confundida com servidão, escravidão, ignorância, miséria ou qualquer outra situação maligna que possa atingir a vida financeira; insegurança, indecisão ou falta de autoridade. Não depende de classe social, mas do crescimento espiritual verdadeiro que decorre do conhecimento do caráter divino, adquirido no contato constante com o Espírito Santo. Usando todo o poder divino que tinha, Jesus era humilde porque sabia que, como homem, o que fazia e

ensinava vinha do Pai e dependia dEle para tudo. Ele mesmo dizia: "O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou" (Jo 7: 16).

Em grego, a palavra usada para 'humilde' ou 'pobre' [de espírito] é ptóchos (πτωχός – Strong #G4434) que significa: pobre, mendigo, desamparado, espiritualmente pobre, seja no bom sentido (pessoas humildes e devotas) ou no mau sentido. Deriva de 'ptosso' (agachar); semelhante a 'ptoeo': como medroso, ou seja, um mendigo, indigente, pedinte, necessitado (estritamente denotando mendicância absoluta ou relativa, em algumas circunstâncias difíceis, em particular); literalmente ou figurativamente: angustiado.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

São felizes os que choram, porque recebem de Deus o consolo. E o choro que o Senhor fala aqui é o choro de arrependimento que produz vontade de mudar de vida, o choro de quem estava sofrendo pelo trabalhar de Deus permitindo certas situações indesejáveis por causa do seu pecado, mas que era uma cura divina. É chorar para que a justiça divina se estabeleça na terra, libertando, curando, trazendo novamente a alegria da comunhão com Ele. Bem-aventurados os que choram pelo seu afastamento dEle, porque Ele ouve o seu choro e os consola, restabelecendo novamente seu relacionamento e sua intimidade com o Pai. Bem-aventurados os que choram e ficam tristes com as coisas que entristecem a Deus [pecado e tudo o que ele trouxe: a miséria do mundo, a rebeldia, desobediência e a morte (Jo 11: 35)]. Não podemos nem devemos rir ou desculpar aquilo que faz Deus chorar e nos levam a ficar entorpecidos. Quando temos comunhão com Deus nós sentimos as emoções do Seu coração; por isso, podemos também experimentar Seu consolo, que nos encoraja e fortalece.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Mansidão significa: serenidade, tranqüilidade, calma pela certeza da vitória, se deixar moldar por Deus, ter segurança de que tudo tem solução. Ser manso é ser submisso à vontade de Deus, às Suas leis e ao plano divino. Possuindo a Deus, os mansos herdarão a terra, o mar, o ar e tudo o que neles se contém, pois tudo é Seu. A submissão à Sua vontade nos traz poder e domínio sobre a criação. Não deve ser confundida com comodismo, preguiça ou passividade, que abre mão da autoridade que Deus já nos delegou. Moisés era um guerreiro, entretanto, a bíblia fala que ele era o homem mais manso da terra, porque se deixou ser conduzido por Deus, apesar de ser líder, e nunca abriu mão da autoridade que Ele lhe conferiu para conduzir Seu povo. Muitas vezes, tomou atitudes drásticas, fortes e agressivas para manter a ordem entre os israelitas e cumprir até o fim sua missão. Não foi impotente nem passivo diante das rebeliões do povo, mas se deixou moldar por Deus em todas essas situações, exercendo com sabedoria e paciência sua posição de líder.

No AT, podemos ver as palavras 'manso' e 'mansidão' escritas nos seguintes versículos:

• Era o varão Moisés mui manso (צנוע = humilde), mais do que todos os homens que havia sobre a terra (Nm 12: 3).

Manso (Strong #6035): `anav – צנוע: modesto, deprimido (em sentido figurado), em mente (suave, gentil) ou circunstâncias (carente, santo, virtuoso): humilde, manso, pobre, aflito. Compare `aniy (עני, Strong #6041: pobre, aflito, humilde – Dt 24: 12; Sf 3: 12). Raiz primitiva: `anah (Strong #6031): (idéia de olhar para baixo ou intimidação); estar curvado, ser afligido, ser humilhado ou tornar-se baixo; ser deprimido, abatido; humilhar, enfraquecer; ser afligido na disciplina de Deus; deprimir literal ou figurativamente, transitivo ou intransitivo (em várias aplicações, como segue): sem base

própria, afligir-se ou aflição, castigar-se, punir-se, lidar mal com; contaminar, exercitar, forçar, gentileza, humilhar-se, ferir, assolar, violentar, submeter-se, enfraquecer, ter ou mostrar sabedoria, experiência, conhecimento e bom senso.

• "Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura, lograreis esconder-vos no dia da ira do Senhor" (Sf 2: 3).

Mansidão: `anavah (Strong #6038 – ענוה): condescendência, humana e subjetiva (modéstia), ou divina e objetiva (clemência): gentileza, humildade, mansidão.

• "Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz" (Sl 37: 11).

"Mas os humildes receberão a terra por herança e desfrutarão pleno bem-estar." (NVI).

Em hebraico, a palavra usada é `anav (aw-nawv'), ligada à palavra `anah, com o mesmo sentido descrito acima, e traduzida na NVI como 'os humildes' (צנועה).

• "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra" (Mt 5: 5).

Em grego (Mt 5: 5), a palavra usada é 'praus' ou 'praos' (πράος = humilde, manso – Strong #g4239). Em Gl 5: 23, a palavra 'mansidão', em grego, é 'praotés' (πρᾳότης) – Strong #g4236, que significa: 'suavidade, brandura, mansidão, bondade', de 'praios', gentileza; por implicação, humildade.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Significa não aceitar as injustiças do mundo, mas ansiar pelo amor e pela vontade divina sendo cumprida em todos os homens. Os que sentem essa sede e essa fome serão fartos. Não há necessidade que Jesus não possa suprir. Ver a justiça de Deus agindo é ver as pessoas aceitando a Sua verdade em seus corações e recebendo a salvação e a vida eterna. Ter fome de justiça é aplicar o padrão justo de Deus à nossa vida, ter fome daquilo que agrada a Deus. Colocando a nossa vontade sob o domínio do Espirito Santo, nós ficaremos satisfeitos, saciados, com o contentamento divino. O nosso descontentamento humano dará lugar à satisfação em Deus.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Misericórdia significa: indulgência, graça, compaixão suscitada pela miséria alheia. É pagar o mal recebido com o bem. É ser igual a Jesus. Mas receber misericórdia vem depois de exercê-la. A misericórdia é como uma semente que precisa ser plantada primeiro para ser colhida depois.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Ser limpo de coração é manter a pureza e renegar a impureza, é ver Deus com o coração, é manter dentro de si a clareza e a sinceridade de intenções, é ser transparente: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14: 9b). Quem vê com os olhos de Jesus, vê o Pai. Os limpos de coração não guardam mágoa nem rancor, mas olham para a misericórdia e para a justiça divinas e confiam inteiramente em Seu julgamento. Os limpos de coração fogem do pecado e mantêm dentro de si a integridade do projeto de Deus para suas vidas, não se envolvendo com nada que os possa desviar dele. Mantêm sempre firme dentro de si a palavra pura que vem do alto.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Para haver paz na nossa alma é necessário extirpar a outra natureza em nós (a natureza do diabo em nossa carne) e cultivar Jesus no nosso coração. Fazer a paz é ficar do lado de Deus, estar em harmonia com Ele. Os pacificadores são chamados filhos de

Deus, pois se assemelham a Ele. Para levarmos a paz a alguém, é preciso conquistar, antes de tudo, a paz dentro do nosso próprio ser, isto é, estar harmonizados com o projeto divino para nós. É não haver mais brigas entre a nossa carne, o nosso espírito e o Espírito Santo. De certa forma, é algo que decorre da mansidão, do fato de nos entregarmos inteiramente ao moldar do Senhor em nós. Um pacificador é um mediador, que resolve conflitos entre indivíduos ou grupos, estranhos entre si. A paz começa com a identificação da verdade, abordando o pecado e removendo o conflito entre as partes. Deus enviou Seu Filho para ser nosso mediador, preenchendo a lacuna criada por nosso pecado e nos concedendo paz com Ele. É o que Ele pede de nós. Paulo traduziu isso como 'o ministério da reconciliação'.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

Ser perseguido por causa da justiça é lutar pelo que é do Senhor, é 'pagar o preço' pelo Seu reino e ter direito total sobre ele. Em Jo 17: 14-17 Jesus diz: "Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu também não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Assim, ser de Jesus nos traz, infalivelmente, a perseguição mundana, pois o príncipe do mundo (o diabo) não se conforma por ter nos perdido para o Filho de Deus. Entretanto, quando somos perseguidos por estarmos lutando pela verdade, temos a garantia da proteção de Deus e do Seu livramento. "Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis meus profetas", diz o Senhor (Sl 105: 15). Também está escrito: "O anjo do Senhor se acampa ao redor dos que o temem e os livra" (Sl 34: 7). Um consolo é saber que, se somos perseguidos, é porque o nosso nome está na lista celestial dos filhos de Deus; temos o selo de Jesus na nossa fronte.

31

A oração dominical (Pai-Nosso)
Mt 6: 5-15

A oração dominical
Texto de referência: Mt 6: 5-15

"E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orardes, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais. Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]. Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas".

A oração do *Pai Nosso*, assim como os *Dez Mandamentos*, pode ser dividida em duas partes, sendo que na primeira engrandecemos o nome do Senhor e, na segunda, expomos a Ele os nossos pedidos terrenos.

O Senhor nos ensina a dizer: *"Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu"*. Isso quer dizer que devemos ter, antes de tudo, a consciência de que o *nosso verdadeiro Pai está no céu*, pois se trata do próprio Deus. E nosso Pai que está no céu é perfeito; Seu domínio é exercido pelo amor, colocando a misericórdia bem no centro do julgamento.

O que significa *"santificado seja o teu nome?"*

A palavra *'santo' (hagios, gr.)* significa: *sagrado, puro, sem culpa, consagrado, separado, digno de ser honrado, semelhante a Deus, ter a natureza mais íntima de Deus, ser separado e reservado para Deus e para o Seu serviço*.

Deus é Santo, e devemos pedir que Ele santifique o próprio nome, ou seja, que Ele se revele a nós, que nos mostre a Sua pureza e grandeza e o quanto Ele é digno de honra. Essa frase implica um profundo respeito e reverência pelo nome de Deus, evitando que ele seja usado de uma forma vã ou profana. E a oração pede que Ele mesmo se mostre a todos os homens e criaturas no céu e na terra para que Seu nome seja reconhecido e tratado com reverência e respeito, glorificado, louvado e adorado unicamente, como ser supremo que Ele é. Quem O busca com seriedade recebe a Sua revelação e conhece a Sua santidade. Dessa forma, quanto mais nos achegarmos a Ele em oração, mais conheceremos o Seu caráter, o que se manifesta através de uma experiência espiritual reveladora da palavra de Deus em nosso próprio espírito; podemos, então, perceber como somos imperfeitos e mudar radicalmente o nosso conceito de santidade. Para termos acesso ao Pai é necessário estarmos cobertos pelo sangue de Seu Filho. *Sermos cobertos pelo sangue de Jesus significa deixar o poder da cruz nos tocar por inteiro;* não apenas no nosso espírito, por um ato de fé, mas de maneira profunda na nossa carne limpando a nossa alma de todo o tipo de deformação e distorção que traz dor e ferida, seja por pecado ou por outras ações espirituais externas, o que implica em ser tocado nas emoções e nos pensamentos, até no corpo, quebrando as prisões do diabo sobre nossa vida. Por isso, é tão importante orarmos diante da cruz,

pois ali podemos fazer uma troca com Ele, deixando realmente que Ele leve as nossas dores sobre si e nos liberte derramando o Seu sangue purificador sobre tudo aquilo que nos amarra. Portanto, o ato de orar exige reverência, pois estamos realizando algo que tem implicações espirituais. A oração verdadeira é aquela que se processa com a nossa alma livre, despida, sem armaduras e prostrada diante da cruz ou do trono de Deus. Ali Ele nos faz ver quem nós somos e nos revela quem Ele é. Podemos perceber, então, que a própria natureza deformada da nossa carne já é, por si só, uma contradição com a verdadeira santidade de Deus. Quando Ele nos diz: "Sede santos porque eu sou santo", Ele se refere a nos comportarmos como Ele se comporta, ou seja, ou seja, *transparência completa e sinceridade entre o que se prega e o que se vive*. Que nós possamos mostrar a santidade de Deus aos outros através das nossas atitudes.

Um comentário aqui é sobre *perfeição*. Deus disse a Abraão: "Anda na minha presença e sê perfeito" (Gn 17: 1). Podemos pensar, portanto, que a *perfeição* para Deus é algo completamente diferente do que a nossa visão humana possa alcançar. Na verdade, é sermos completos nEle, sermos verdadeiros porque Ele nos preenche e nos transforma espiritualmente à Sua imagem e semelhança. Não é a ausência de pecado, mas indica plenitude, maturidade, exercendo a lei do amor a Deus e aos homens.

A próxima frase é: *"Que venha o teu reino"* ou *"Venha a nós o teu reino" (gr. Basilea),* ou seja, o *teu domínio, o teu poder, a tua realeza e a tua autoridade sobre nós.* Isso significa estar disposto a desistir de tudo, a fim de ter Deus; significa orar tanto pelo momento presente, para que as pessoas se curvem em submissão a Ele, quanto clamar pela consumação do reino na segunda vinda de Cristo. Esse reino está surgindo sob o ministério de Jesus, mas só será consumado no fim dos tempos, no dia em que Ele reinar soberanamente em justiça sobre tudo.

Em seguida, a oração diz: *"Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu";* em outras palavras, a Sua vontade deve ser feita na terra assim como é feita no céu. E no céu há paz, plenitude, perfeição, alegria, ausência de dores, sofrimentos e lágrimas. No céu, onde o governo de Deus é alegre e incondicionalmente aceito por todos, Sua vontade é espontânea e alegremente obedecida por todos e em todas as ocasiões. Portanto, a vontade de Deus para nós é boa, é a melhor e está ao nosso alcance. Ele exige de nós o máximo que podemos dar, mas nada além disso. Não devemos ter receio de pedir que se faça a Sua vontade em nossas vidas, pois Ele fará o melhor. Da mesma forma que ela é obedecida no céu, deve ser obedecida na terra.

A segunda parte da oração do *Pai Nosso* nos ensina a pedir pelas nossas necessidades materiais *("o pão nosso de cada dia, dá-nos hoje")*, além do que nos fala sobre o perdão como uma condição essencial, não apenas para o louvor verdadeiro a Deus, mas para o nosso suprimento na terra em todas as áreas *("e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]")*. A palavra *'pão'*, neste caso, simboliza tudo quanto realmente necessitamos para nossa existência terrena, para que possamos santificar o Seu nome e praticar a Sua vontade na terra como ela é praticada no céu. Precisamos do sustento material, dia a dia, a fim de podermos, inclusive, servir a Deus de maneira plena, pois uma pessoa mal alimentada e doente não tem forças sequer para orar. Portanto, o Senhor nos ensina a Lhe pedir que nos ajude nessa área, entregando também a Ele todas as nossas aflições e confiando que Ele vai cuidar do nosso suprimento; não dependemos de homens, mas dEle.

Depois de pedir por isso, Jesus nos lembra que devemos pedir ao Pai que perdoe as nossas *dívidas (ou pecados, transgressões; ofensas, em algumas traduções)*, porque quando desobedecemos aos Seus mandamentos, nós o ferimos e o ofendemos pelo

nosso pecado, o que gera uma dívida no mundo espiritual, que é a brecha aberta por onde Satanás pode nos tocar. Portanto, ao pedirmos a Ele que nos perdoe as ofensas, Seu sangue nos cobre e as nossas dívidas são pagas, fechando nossas brechas. Em Mt 6: 12 ("o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"), o vocábulo *dívidas*, em grego*, opheilemata ou opheiléma* (ὀφειλήματα ou ὀφείλημα, Strong #g3783), é o vocábulo que designa nossos pecados como aquelas coisas que nos tornam culpados e nos carregam de dívidas perante Deus e que jamais podemos saldar, senão o Seu Filho. *Opheilemata* = dívidas. *Opheiléma* significa: uma dívida, ofensa, pecado; aquilo que é devido, ou seja, (figurativamente) devido moralmente, uma falha. Como visto acima, dívida (ofensa, em algumas traduções) significa: pecado, transgressão, ofensa, insulto, afronta. E em Jo 20: 23 ('Pecados', em nossas versões bíblicas), a palavra grega é *hamartias* (ἁμαρτία, Strong #g266), que tem o significado principal de *"errar o alvo";* daí: (a) a culpa, pecado, (b) uma falha, a falha (em um sentido ético), ato pecaminoso; e, portanto, *"agir incorretamente" e "quebrar a lei de Deus".* Em Mt 6: 14 ("Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará"), a palavra grega traduzida como *ofensa* é *paraptomata* ou *paraptóma* (paraptōmata, παραπτώματα ou *paraptóma* παράπτωμα Strong #g3900 = queda (cair longe), lapso, escorregão, passo em falso; portanto: queda, falha, ofensa, pecado, transgressão.

Uma coisa interessante é que Jesus faz uma ligação diretamente proporcional entre sermos perdoados por Deus e liberarmos o perdão também para aqueles que nos devem algo. *"Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"* ou *"pois também nós perdoamos* [verbo no presente do indicativo] *a todo o que nos deve"* não significa que devemos pedir perdão à base do perdão com que tivemos perdoado a outrem, ou seja, na mesma quantidade ou qualidade que conseguimos perdoar alguém. Só podemos receber perdão pela graça. Mas, a fim de podermos orar a Deus pedindo perdão, com sinceridade e sem qualquer hipocrisia, devemos estar livres de qualquer sentimento de ódio e vingança. Somente quando Deus nos tiver dado a graça para verdadeiramente perdoar nossos devedores é que estaremos preparados para fazer uma oração verdadeira. O perdão aqui não está ligado ao sentimento, mas à nossa vontade de obedecer ao mandamento do Senhor e usar a força da nossa palavra para abrirmos os caminhos uns dos outros (já tendo nós mesmos sido perdoados por Ele); só assim Sua ação abençoadora será completa: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas". Em outras palavras, a disposição ao perdão dentro de nós nos aproxima do caráter de Deus, portanto, podemos sentir também o Seu perdão quando nos achegamos a Ele com os nossos problemas e pecados. Por outro lado, sem a vontade de perdoar o semelhante, o acesso ao Pai em oração é bloqueado. Se Deus nos perdoou por coisas muito maiores na cruz, por que não perdoarmos nossos irmãos por coisas mais simples? (Mt 18: 15; 21-22). Se liberarmos o perdão, vidas serão liberadas, mas se os retivermos, não só os outros deixarão de ter a chance de serem perdoados por Deus, como nós não teremos igualmente a liberação das nossas vidas, espiritualmente falando.

Há um comentário importante aqui. Em Jo 20: 23 Jesus disse aos Seus discípulos, após Sua ressurreição, quando apareceu a eles: "Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos".

Os discípulos sabiam que as palavras de Jesus não lhes davam poder para perdoar pecados (At 8: 22), pois somente Deus pode fazer isso (Mc 2: 7; Lc 5: 21). Nem os apóstolos ou a Igreja tem poder de perdoar qualquer pecado que seja ou negar perdão a qualquer indivíduo; em outras palavras: julgar se alguém vai ser salvo ou não pelos

pecados que cometeu. O que Jesus estava falando era sobre a responsabilidade que Ele estava dando à Sua Igreja de anunciar o evangelho em todo o mundo, a fim de que todo aquele que nEle crer possa encontrar o perdão de Deus (cf. Mt 16: 19 – as chaves do reino dos céus – abrir a porta da evangelização), como João Batista veio preparar os corações para a salvação. Porém, nós podemos ver, tanto no AT como no NT, algumas passagens onde servos de Deus, debaixo de uma forte unção do Espírito Santo, proferiram palavras fortes de julgamento de Deus: Jeremias, por exemplo, profetizando a morte do falso profeta Hananias (Jr 28: 15-17); Ezequiel contra os chefes do povo (Ez 11: 1-13), e a morte de Pelatias, enquanto ele profetizava; Pedro, com Ananias e Safira (At 5: 1-11); Paulo, com Elimas, o mágico (At 13: 4-12).

Por fim, Jesus nos ensina a pedir a Deus que *não nos deixe cair em tentação e nos livre de todo o mal* que possa sobrevir à nossa vida, seja do mundo, das trevas ou da carne. Isso significa que aqueles que oram sinceramente pedindo perdão de pecados anseiam pela capacidade de não pecarem mais. O vocábulo grego *peirasmos,* traduzido como *tentação* significa: não nos permitir cair em situações onde ficaremos expostos à tentação do mal. A expressão *"livra-nos do mal" ('rusai hEmas tou ponerou' ou 'rusai êmas apo tou ponêrou';* ρυσαι ημας απο του πονηρου) significa: *'protege, escuda, guarda (rhyesthai), livra' (rhuomai,* ῥύομαι*, Strong #4506; resgatar, livrar do perigo ou da destruição)* contra os assaltos do diabo *[tou ponerou, ou seja, do Maligno; Strong #4190,* πονηρός, *ponéros: mal, ruim, perverso, malicioso, danoso, penoso, doloroso, prejudicial, maligno, calamitoso; criminoso; masculino (singular) o diabo ou (plural) pecadores].* A frase colocada entre colchetes *[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]* foi colocada mais tarde nos manuscritos, mas não foi dita por Jesus.

32

Vinde a mim, todos os que estais cansados
e sobrecarregados, e eu vos aliviarei
Mt 11: 28-30

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados
Texto de referência: Mt 11: 28-30

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei [em Grego transliterado: deute pros me pantes oi kopiôntes (κοπιωντες) kai pephortismenoi (πεφορτισμένοι) kagô anapausô umas]. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11: 28-30) – ARA.

Em grego, a palavra 'cansados' está escrita como 'kopiOntes' = 'os que labutam'. Já a expressão 'estais sobrecarregados' está escrita em grego como 'pephortismenoi', derivado de 'phortizó' (φορτίζω), ou seja, 'carga'.

No versículo 29, Jesus diz: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma". A palavra 'jugo' é escrita em grego como 'zugon' = 'jugo'. No versículo 30, Ele completa: "Porque o meu jugo ('zugos') é suave, e o meu fardo é leve" (em grego, 'phortion' = 'carga').

Assim, as quatro palavras envolvidas com o nosso raciocínio aqui são: 'cansado', 'sobrecarregado', 'jugo' e 'fardo' (ou carga).

Jesus, então, diz para vir a Ele os que estão cansados, ou seja, os que labutam, os que trabalham, o que quer dizer que 'cansaço' se refere às responsabilidades e obrigações pessoais com as quais a pessoa vai ter que lidar durante a sua vida, desenvolvendo o aprendizado correto e a salvação. Por depender do livre-arbítrio, ela pode colocar ou tirar de sobre si os pesos que quiser. Por isso, o Senhor disse em Mt 16: 24; Mc 8: 34 e Lc 9: 23: "Se alguém quer vir a mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me". 'A sua cruz' quer dizer: as suas responsabilidades e obrigações da vida natural, o seu trabalho consigo mesmo, a sua tarefa, a sua missão, o seu chamado, o seu aprendizado particular que o fará desenvolver sua própria salvação. Assim, todo aquele que está caminhando com o Senhor sente o peso das suas obrigações diárias e dos seus próprios pecados para lidar (como uma obrigação necessária para levá-lo à santificação e à salvação); por isso, se sente cansado e pode vir a Jesus para ser limpo, aliviado, receber Seu perdão, Seu sangue e Seu conforto e poder prosseguir.

Por outro lado, a palavra 'sobrecarregados' como nós vimos acima significa 'carga'. Quando Ele se refere a estarem sobrecarregados, está falando sobre os que estão carregando de maneira excessiva e incorreta as cargas (os pesos) dos outros. Carga é algo que vem de fora, que é colocado sobre alguém como uma imposição; por exemplo: as leis mundanas e religiosas injustas, que limitam a liberdade das pessoas de se moverem no direcionar de Deus; ou, então, as obras malignas de Satanás, mantendo-as presas às suas cadeias e trazendo opressão, dor e sofrimento desnecessários; algo que é excessivamente maior do que é possível suportar. Por isso, Jesus lhes diz para vir a Ele para ser livre da carga: "porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15: 5 b).

Então, entra o versículo seguinte, onde Jesus diz: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma". Isso que dizer que os que estão cansados e sobrecarregados e querem ser aliviados do seu cansaço e da sua carga vêm a Jesus e recebem o 'Seu jugo'.

Jugo ou canga ou junta é uma peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado. Pode também ser definido como um pau que carregadores põem aos ombros para suspender fardos; o canzil é cada um dos pares da canga, entre os quais o boi mete o pescoço. É símbolo de sujeição e opressão. Lembre-se do texto de Jr

27: 2-22 (em especial os versículos 6-7; 11-12 – os canzis simbólicos), onde Deus fala com o profeta para colocar sobre si canzis e enviá-los igualmente às nações ao redor de Israel como sinal divino de que estariam sob o jugo babilônico. Quem assim o fizesse, seria salvo por Ele. Quem se rebelasse e fugisse, morreria.

Em 2 Co 6: 14-18, Paulo escreveu: "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniqüidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso".

Jugo, então, não só fala de sujeição e opressão, mas de uma parceria, onde somos 'atrelados' ao Senhor ou ao pecado e, conseqüentemente, ao inimigo. Portanto, o que faz o jugo leve ou pesado é quem escolhemos para ser o nosso parceiro. Por isso, Jesus disse que quem estivesse cansado e sobrecarregado deveria vir a Ele e se submeter ao Seu jugo, ou seja, ser manso (nos submetermos ao Seu moldar) e humilde de coração (depender de Deus na nossa vida como Ele foi dependente do Pai), aceitar a nossa missão, o nosso trabalho, e, assim, encontrar o descanso para a nossa alma. Em outras palavras: a pessoa não precisa impor obrigações desnecessárias a si mesma; basta apenas ser humilde e pedir a ajuda de Jesus e Seu perdão.

Por fim, no versículo 30, Jesus diz: "Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve". Em grego 'zugos' (jugo), e 'phortion' ('carga'; aqui traduzida como 'fardo'). Na Concordância Lexicon Strong podemos encontrar os seguintes significados: 'zugos' (ζυγός – Strong #2218): da raiz 'zeugnumi', que quer dizer: juntar, especialmente por um jugo ou canga; um acoplamento, ou seja, (em sentido figurado): servidão (lei ou obrigação), ou no sentido literal: o travessão da balança (ligando os dois pratos dela), parelha, par ou jugo.

Onde está escrito 'fardo', a palavra grega é a mesma usada no versículo 28: 'phortion' (φορτίον – Strong #5413), e que significa literalmente: uma fatura, uma nota fiscal (como parte do frete, da carga, do transporte), ou seja, figurativamente: uma tarefa ou serviço, fardo, carga; onde a palavra 'phortion' é o diminutivo de phortos, uma raiz primitiva que tem o significado (dentre outros) de 'entregar-se, levantar um peso, fardo, carga'. Com a obediência a Jesus, na ausência de pecado e almejando a santidade, nossa vida se torna mais leve. Está escrito que Seus mandamentos não são penosos (1 Jo 5: 3), pois se trata do amor. Por isso, Jesus diz que o Seu jugo, a sujeição a Ele, é algo suave, e que o Seu fardo, Sua carga sobre nós, é leve, pois tem relação com o amor com que carregamos a 'nossa cruz', o nosso chamado, e Ele não coloca sobre nós um peso além do que podemos carregar. O que Ele nos dá para desempenhar respeita a nossa capacidade.

Agora, podemos ver nas cartas de Paulo um trecho que diz:

• Gl 6: 1-5: "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas (Em grego: 'baros', não mais 'phortion') uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana. Mas prove cada um o seu labor e, então, terá motivos de gloriar-se unicamente em si e não em outro. Porque cada um levará o seu próprio fardo (Em grego: 'phortion', novamente)".

Na Concordância de Strong podemos encontrar os seguintes significados para a palavra 'baros' (βάρος – Strong #922): (no sentido de descer): 'peso', literalmente; no Novo Testamento, usada de maneira figurada como: uma carga, abundância, autoridade, (algo ou alguém) pesado, fardo, peso.

Então, podemos interpretar as partes relevantes ("Levai as cargas uns dos outros" – Gl 6: 2, e "Porque cada um levará o seu próprio fardo", Gl 6: 5) da seguinte forma:

1) Levai as cargas: usar a autoridade com amor e compaixão, corrigindo os irmãos nas suas faltas e assim removendo o peso do pecado, colocando-os de volta no caminho correto para que não sejam pesados a ninguém e para que a tentação de um não acometa os outros (levando em conta o contexto em que o versículo se encontra). Carga é algo que é excessivamente maior do que é possível suportar. O pecado pesa e se torna insuportável para todo mundo.

2) Cada um levará o seu próprio fardo: em grego: 'phortion', novamente, que significa o que já dissemos acima: 'uma tarefa ou serviço, fardo, carga'; coisas que são para nós resolvermos; que só nós podemos levar; o que nós mesmos fazemos, ou seja, o exercício do livre-arbítrio. Nós seremos julgados pelas nossas próprias atitudes (2 Co 5: 10).

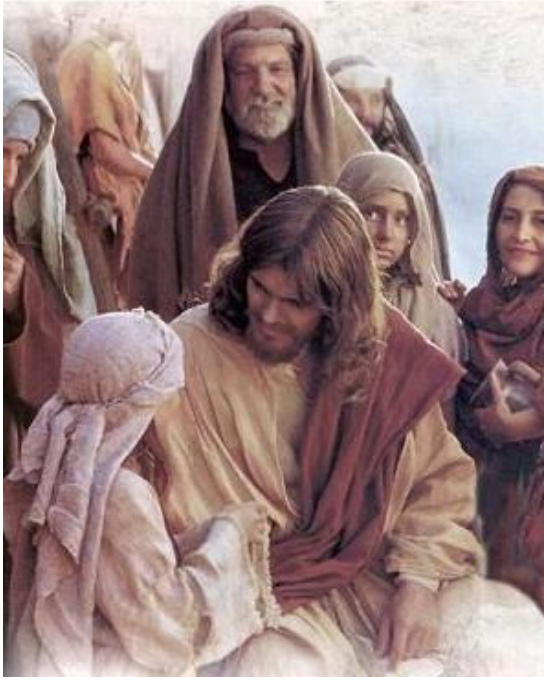
— Para onde devemos levar as cargas uns dos outros?

— Para o trono de Deus, através da nossa intercessão, colocando e deixando ali os pesos do pecado e das imposições humanas com Aquele que é o único capaz de dar uma solução para eles. Ele já levou essas cargas e fardos sobre si na cruz do Calvário, aplacando a ira de Deus Pai e sofrendo-a em nosso lugar.

O que Ele nos dá para realizar respeita a nossa capacidade. A nossa parte, na verdade, é apenas semear Sua santa semente nos que estão perdidos e deixá-los exercer seu próprio livre-arbítrio.

33

A cura do surdo-mudo em Decápolis
Mc 7: 31-37



A cura do surdo-mudo em Decápolis
Texto de referência: Mc 7: 31-37

"De novo, se retirou das terras de Tiro e foi por Sidom até ao Mar da Galiléia, através do território de Decápolis [NVI: A seguir Jesus saiu dos arredores de Tiro e atravessou Sidom, até o Mar da Galiléia e a região de Decápolis]. Então, lhe trouxeram um surdo e gago [NVI: ... um homem que era surdo e mal podia falar...] e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele. Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva [NVI: Em seguida cuspiu e tocou na língua do homem...]; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te! Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente. Mas lhes ordenou que a ninguém o dissessem; contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam. Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos" (Mc 7: 31-37 – ARA).

Vamos começar nossa introdução meditando um pouco sobre o texto que lemos acima. Jesus já tinha saído da Fenícia, passado pelo Mar da Galiléia e, agora, chegava à região de Decápolis. Decápolis era um conjunto de dez cidades gregas, gentílicas, fora do controle judaico, a leste do Jordão, governadas por Roma. Seus nomes eram: Citópolis, Damasco, Canata, Rafana, Hippos, Diom, Filadélfia, Pela, Gerasa e Gadara. Profeticamente, Jesus estava mostrando a todos que Sua missão se estenderia mais tarde aos gentios. Para os judeus tradicionais, aquilo era, no mínimo, estranho, uma vez que Ele estava entrando em território 'inimigo', de povo idólatra, portanto, impuro. A bíblia não diz em que vilarejo Jesus encontrou o homem, sequer deixa claro se o encontrou a caminho de Decápolis. Entretanto, o maior ensinamento aqui é que, vendo-O o povo daquela cidade, trouxeram-lhe o surdo e gago para que fosse tocado por Ele. Portanto, havia alguma fé no coração daquela gente. A palavra de Deus também não deixa claro se aquela doença era causada por um espírito imundo ou se era apenas decorrente da imperfeição humana. A seguir, o texto bíblico diz que "Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te! Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente... Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos".

Em primeiro lugar, vamos raciocinar sobre o significado desta cura. *Orelha* simboliza um *canal de recepção da revelação divina*. No AT *"dar ouvidos à Sua voz"* significava *"obedecer a Deus"*. O verbo hebraico traduzido como *obedecer* é *shãma' b^e*, literalmente, *dar ouvidos a.* Na Septuaginta (tradução grega do AT) e no NT é *hypakouõ,* que significa *ouvir debaixo* ou *eisakouõ*, que significa *ouvir dentro* (1 Co 14: 21: "Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão *(eisakouõ – ouvir dentro)*, diz o Senhor"). Isso para nós tem o significado de que Deus estava atuando num povo não judeu, mas que tinha fé em Seu Filho, a ponto de lhe trazer um homem enfermo para ser curado. Em outras palavras, era uma confirmação do que estava profetizado em Is 28: 11-12: "Pelo que por lábios gaguejantes e por língua estranha falará o Senhor a este povo, ao qual ele disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado; e este é o refrigério; mas não quiseram *ouvir [shãma' b^e, dar ouvidos à Sua voz, obedecer]*", repetido por Paulo em 1 Co 14: 21, ou seja, a cura daquele homem era uma maneira de Deus mostrar ao Seu

próprio povo a sua incredulidade e sua falta de compreensão dos milagres divinos devido ao endurecimento do seu coração. A voz do Senhor dentro de cada israelita não estava sendo ouvida, tampouco obedecida. O homem estava passando pelo mesmo processo, porém, poderia ser por causa das influências espirituais idólatras ao seu redor, não propriamente pelo endurecimento do seu coração às coisas de Deus, pois não O conhecia ainda.

Outra coisa interessante a respeito da cura: no começo do relato, o evangelista diz que o homem era "gago ou mal podia falar", mesmo porque com a surdez, ele, provavelmente, fazia uma leitura labial e o som que saía de sua boca era bastante diferente do que uma pessoa normal poderia emitir. No final do relato, o comentário do povo é que eles estavam admirados com o poder de Jesus de curar os mudos. De qualquer forma, falando mal ou sendo mudo, o mais importante é que a boca daquele homem estava impedida de dizer o que ele queria; por isso, quando o Senhor o tocou, a bíblia diz que "logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente". A palavra pode ser considerada como uma chave (Mt 16: 19: "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus") ou como uma espada que separa a verdade da mentira, a vontade de Deus da do homem (Hb 4: 12-13: "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas").

Juntando os dois últimos parágrafos, o raciocínio onde quero chegar é que aquele homem, debaixo de influências espirituais ruins ou por uma doença de nascença ou por qualquer trauma emocional que já tivesse passado, não podia ouvir corretamente a voz de Deus, conseqüentemente, falar Sua palavra de maneira a conseguir materializar suas bênçãos; ele não podia trazer seus sonhos à existência, não podia abrir os caminhos da sua própria vida, pois havia um empecilho. Foi quando Jesus tocou seus ouvidos com os dedos, como uma forma de dizer que estava removendo o impedimento à audição, e tocou a língua do homem com a Sua saliva, não com a saliva daquele, mostrando com isso que era a palavra de Deus que tinha o poder de remover todo e qualquer empecilho na vida de alguém, abrindo os caminhos para a realização dos sonhos de qualquer um que nEle cresse. O mundo foi criado pela palavra de Deus, o Verbo, portanto, o próprio Jesus, a Palavra Viva (Jo 1: 1-4: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens").

Outro comentário interessante é que Jesus fez com este homem o mesmo que fez com o cego de Betsaida: retirou-o da multidão para fazer a cura, ou seja, mostrou a ele que, se quisesse ter um encontro particular com Deus e ser verdadeiramente curado, precisava se retirar do mundo e das influências carnais à sua volta; aí, sim, estaria pronto a ouvir corretamente a voz do Senhor e teria o livre-arbítrio de obedecer-Lhe, colocar Sua palavra em prática e materializar suas bênçãos.

34

A cura do servo do centurião
Mt 8: 5-13

A cura do servo do centurião
Texto de referência: Mt 8: 5-13; Lc 7: 1-10

"Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa, mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tendo soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado" (Mt 8: 5-13; Lc 7: 1-10).

Um centurião era um soldado romano que comandava cem soldados do exército, as "centúrias". Elas se juntavam em grupos de três a dez (numeradas de I a X) formando as coortes (300 a 1000 soldados). As coortes se juntavam e formavam as legiões. A legião romana era a divisão fundamental do exército romano. As legiões variavam entre 1.000 e 8.000 homens (em média de 3.000-6.000 soldados). Durante as suas campanhas na Gália, as legiões de Júlio César eram compostas por não mais de 3.000 soldados.

Portanto, um centurião era um homem investido de autoridade, assim como também submetido à autoridade do imperador romano (César) ou à dos legados legionários (legatus legionis ou praefectus legionis), comandantes das legiões de elite, ou à de um legado propretor (legatus Augusti pro praetore; lit. 'enviado do imperador – agindo para o pretor'), que governava uma província romana e era comandante de quatro ou mais legiões, ou, então, à autoridade dos tribunos militares. Os tribunos militares eram representante dos soldados e infantes perante os generais, tenentes e alto comando do exército. Suas funções iniciaram com a República Romana (444 AC) e perduraram até o fim do Principado, antes do Dominato de Diocleciano (este regime durou de 285 DC até o fim do reinado de Justiniano em 565 DC).

Na Roma antiga havia também o tribuno da plebe (em Latim: tribunus plebis), que atuava junto ao Senado em defesa dos direitos e interesses da plebe como magistrado. Ele era um plebeu, não um patrício – um romano de classe alta, nobre – e esse cargo de tribuno foi criado na época da República Romana (495 AC), passando a ser incorporado pelo ditador ou imperador na época de Júlio César (49-44 AC), exercendo estes (os imperadores) a função de tribunos da plebe também. Essa função foi diminuindo e se perdendo até o fim do reinado do imperador Marco Aurélio, mais ou menos 180 DC.

Este centurião que falou com o Mestre era amigo dos judeus (Lc 7: 5), por isso já tinha ouvido falar de Jesus e começou a crer nEle. Quando Jesus entrou em Cafarnaum o soldado veio até Ele implorando pela cura do seu servo.

Em primeiro lugar, vamos raciocinar sobre a decisão desse centurião em face de sua necessidade. Mesmo tendo soldados sob suas ordens, ele não dependeu da decisão ou do apoio de ninguém para buscar a solução para o seu problema imediato; ele tomou uma atitude personalizada, individualizada, diferente dos que estavam ao lado dele. Ele não esperou que outros se movimentassem junto com ele, embora seus subordinados até sentissem compaixão pelo seu servo doente. A bíblia diz que ele era amigo dos judeus, o que o tornava diferente dos outros romanos ali; isso significava que seu coração já havia

sido tocado por Deus inclinando-o para o lado dos 'vencidos', pois Roma dominava a Judéia. Como soldado romano de patente mais alta, ele representava a presença do dominador entre aquele povo. Apesar dessa posição, ele deixou de lado seu orgulho romano, ele se humilhou e se rebaixou ao nível dos humilhados judeus, e veio buscar a cura para o seu servo na pessoa de Jesus. Em outras palavras, o centurião veio procurar um mestre, um rabi, na terra do inimigo, pois sabia que Jesus era o único que poderia salvar seu servo doente. Ele viu mais do que isso: o soldado reconheceu Jesus como o verdadeiro Senhor; ele o chamou de 'Senhor'. Com essa atitude, ele rebaixou simbolicamente todo o império romano diante de Deus, reconheceu no Messias a divindade personalizada, quando os próprios judeus duvidavam disso.

E ao chegar a Jesus e contar o seu problema, vendo que o Mestre estava disposto a ir até sua casa, ele se humilhou ainda mais e disse: "Senhor, não sou digno de que entres em minha casa, mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado". Ele se achava indigno porque sabia que era um pecador; estava ali a mando de um sistema mundano para destruir os mais fracos. E sabia que judeus não tinham a permissão de entrar em casa de gentios. Mas Jesus não estava vendo os defeitos dele. Pelo contrário, Ele se maravilhou de sua fé, pois o centurião não precisava ver para crer; apenas cria que uma única palavra de autoridade de Jesus salvaria seu servo doente. Podemos ver também uma atitude muito humana desse homem. Naquele momento, ele não estava preocupado com os negócios romanos, ele estava preocupado com sua própria necessidade. Isso quer dizer que às vezes nós precisamos tratar dos nossos problemas ao invés de nos importar com os problemas dos outros. E não devemos desistir até conseguirmos nosso objetivo. Ele não desistiu da sua bênção, procurou no lugar certo, insistiu e saiu da presença do Senhor com a vitória que precisava. Ele não se importou que alguém pudesse contar o caso aos seus superiores.

Ao se humilhar diante de Jesus, o homem abriu o caminho para a bênção. Jesus entrou na casa dele através de uma palavra. Isso nos faz pensar que temos que sair da nossa zona de conforto e gritar pela cura de Jesus onde estamos precisando. Precisamos nos levantar e fazer algo; precisamos buscá-lO pelas nossas próprias forças, pela nossa iniciativa. Deus não viu os defeitos do centurião, como não se importa com os defeitos de quem está precisando de uma cura, mas as pessoas precisam buscar a salvação por elas mesmas. Ele disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei". Ele não disse: "Fique quieto e inativo aí onde você está eu vou até você". Ele até vem a nós, mas o grito parte do nosso coração. Ele traz pessoas a nós, mas antes de trazê-las, o grito por socorro partiu da nossa alma e Ele o ouviu; Ele viu as nossas tentativas para buscá-lO.

O centurião se humilhou e buscou o Mestre. Humildade é saber que dependemos de Deus em todas as situações, não importando a posição que ocupamos dentro da Igreja ou da sociedade. Usando todo o poder divino que tinha, Jesus era humilde porque sabia que, como homem, o que fazia e ensinava vinha do Pai e dependia dEle para tudo. Humildade não deve ser confundida com servidão, escravidão, ignorância, miséria ou qualquer outra situação maligna que possa atingir a vida financeira; insegurança, indecisão ou falta de autoridade. Humildade é diferente de humilhação, e humilhação é o que outros fazem com a gente, nos forçando a acreditar na mentira de que o que temos para dar não serve para ninguém. Humildade é o contrário do orgulho, a auto-suficiência que leva alguém a fazer tudo sem a participação de Deus. E o orgulho cega e deixa as pessoas surdas, cegas à verdade e surdas à palavra de libertação de Deus, pois as vozes ameaçadoras e tentadoras do mundo falam mais alto.

O centurião costumava a ouvir e dar ordens. Portanto, não precisava ver pra crer, apenas ouvir uma palavra: "Vai-te, e seja feito conforme a tua fé, teu servo foi curado".

Os judeus, ao contrário, costumavam pedir sinais para Deus, como fizeram com Jesus; e Jesus lhes disse que o único sinal que Ele lhes daria seria o sinal de Jonas. Aqui, nós podemos ver ensinamentos importantes:

1) Ter noção do que é autoridade.
Por ser um homem conhecedor do que é autoridade, o centurião sabia o que era comandar e ser comandado, conseqüentemente, conhecia as implicações decorrentes da obediência e da rebeldia. Assim, ao ter ouvido sobre Jesus, reconheceu nEle uma autoridade vinda da parte de Deus, pois ninguém fazia os milagres que Ele fazia sem que viesse dEle. É preciso saber respeitar as autoridades, pois a bíblia diz que elas foram deixadas na terra por Deus para correção dos rebeldes e para defesa dos justos. Mesmo sendo usadas pelo diabo, muitas vezes, para cometer atrocidades e injustiças, o Senhor nos dá a direção de respeitá-las, mas nos deixa claro também que elas têm, igualmente, uma autoridade nos céus (Cl 4: 1: "Senhores, tratai os servos com justiça e com eqüidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu") que é Ele mesmo, a quem elas terão que prestar contas dos seus atos. No mundo espiritual não é diferente. A Palavra diz que Jesus é o cabeça de todo principado e potestade e que tudo sujeitou debaixo dos pés, portanto, quando respeitamos e honramos uma autoridade enviada por Ele para liberar uma palavra a nosso favor, somos abençoados, pois estaremos em obediência; sobretudo, porque a palavra que foi liberada procedeu da boca do próprio Deus e o mal tem que cair diante de nós. O servo do centurião tinha uma enfermidade e, logicamente, ela não procedia de Deus e sim do maligno, portanto, uma palavra dada por Jesus, por si só resolveria o problema, e foi o que aconteceu; o centurião Lhe disse: "manda *[que esta enfermidade saia]* com uma palavra, e o meu rapaz será curado" [NVI: "Senhor, não mereço receber-te debaixo do meu teto. Mas dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado" – Mt 8: 8]. Em Jo 4: 46-54 é descrita a cura do filho de um oficial do rei, o que provavelmente é o mesmo caso descrito em Mateus e Lucas, onde a palavra servo, criado (usada pelos evangelistas) ou rapaz (usada pelo centurião) pode ter igualmente o significado de filho (Jo 4: 49), ou seja, alguém liderado por uma autoridade. Nós somos filhos de Deus, mas a bíblia também diz que somos Seus servos, o que nos faz pensar que como Pai e Senhor nós devemos honrá-lo e obedecer-lhe em tudo, pois Ele sabe o que é melhor para nós. A grande polêmica gira em torno de uma ordem injusta dada por uma autoridade (que se diz de Deus), mas que vai contra as Suas leis, como é o caso de Pedro e João que disseram aos líderes judaicos que os estavam proibindo de pregar a Palavra: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5: 29) e "Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos" (At 4: 19-20). Eles tinham recebido da boca do próprio Jesus a ordem de pregar o evangelho a toda criatura (Mc 16: 15) e Sua autoridade era maior do que a de homens.

2) Ter fé numa palavra de autoridade vinda de Deus.
Uma pessoa pode ter noção do que significa autoridade, mas não ter fé que a palavra de autoridade que sai da boca de Deus tem poder para destruir as fortalezas do diabo. O próprio Jesus, sendo reconhecido como um profeta no meio do Seu povo não fez milagres em algumas cidades, pois ali Ele não viu fé. Foi esta a lição que Ele quis dar aos judeus de Cafarnaum ao deixar o centurião falar. Como judeus, eles reconheciam nEle uma autoridade vinda de Deus (alguns criam verdadeiramente que Ele era o Filho de Deus), viam os milagres que Ele realizava, mas ainda não tinham fé suficiente para acreditar que a palavra que saía dos Seus lábios tinha poder para destruir todo e qualquer tipo de mal. Por isso Ele elogiou a fé do centurião, pois ele não só entendia o que era

autoridade, como também cria na força da palavra que saía da Sua boca. Quando uma autoridade enviada pelo Senhor ora em nosso favor liberando uma bênção, precisamos crer que não é a palavra de homens que tem poder, e sim a palavra que sai da boca de Deus. Por isso Jesus disse: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus". O ungido de Deus libera a palavra, mas não é ele quem tem poder, e sim a "espada do Espírito" que saiu dos seus lábios.

3) Disputa de autoridade

O que está ocorrendo atualmente na Igreja, até por interferência da Internet usando as mídias sociais, é a disputa de autoridade, o que tem sido danoso para o crescimento dos membros. Explicando melhor: assim como o Exército do Senhor tem uma hierarquia, o inferno também tem uma hierarquia, e por isso a autoridade é disputada até hoje, seja na área social e governamental, como na área religiosa. E hoje o que o inimigo faz é justamente remover as lideranças; tirar a autoridade de líderes. Por que? Como Lúcifer tentou tirar a autoridade de Jesus, porque ele era um anjo, querubim da guarda, encarregado da adoração de Jesus, ele quer hoje tirar as lideranças, a verdadeira liderança de Cristo. Por isso, dentro da igreja de Cristo é aconselhável que você esteja em obediência a uma liderança para o seu próprio bem, para ter uma direção espiritual a seguir. Muitas pessoas se desgarram da igreja por algum motivo (não importa qual) e passam a viver de postagens na Internet, sob direção de vários líderes ou mesmo de simples irmãos (membros de igreja ou até desgarrados dela também) e que nem sempre trazem o ensino correto.

Resultado: a mente do desgarrado fica sem uma linha de ensino e acaba mais confusa do que estava antes, sendo uma presa fácil nas mãos de Satanás para levá-lo à perdição, ou seja, a perda da salvação. Portanto, cuidado com tantas postagens indiscriminadas na Internet, pois isso pode trazer confusão de doutrinas à sua mente, além de minar todo o trabalho de um líder. Um verdadeiro líder não oprime nem traz peso aos seus liderados, mas exorta, disciplina e repreende os menores para benefício deles mesmos. Por causa desse trabalho árduo:...

• "Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino; prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Porque haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério" (2 Tm 4: 1-5).

... a bíblia diz que eles merecem o respeito que lhes é devido:

• "Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui" (Gl 6: 6). Em resumo: dar um retorno para quem está sendo usado por Deus para disciplinar uma pessoa.

• "Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço *[consideração, estima, dar valor]* os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros" (1 Ts 5: 12-13). Em resumo: respeitar um superior e ter consideração por ele.

• "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros" (Hb 13: 17). Em resumo: obedecer e acatar uma direção que vem de Deus para correção e direção de crescimento espiritual. Não

significa idolatria do líder ou dar satisfação. Nada é feito sob coação, mas por amor, como se faz com os pais biológicos, avós, professores, médicos etc.

Um esclarecimento sobre a expressão "autoridade espiritual"

Eu gostaria de deixar claro que a expressão muitas vezes usada na igreja para deixar entendida a posição de liderança, ou seja, "autoridade espiritual" não é, na verdade usada na bíblia, nem no AT nem no NT. Ela foi criada pelos cristãos mais tarde. Quem cobre você é o sangue de Jesus, não o pastor. Nenhum dos apóstolos de Cristo usou esse termo em suas cartas. O que ocorre é: todas as pessoas que nascem de novo e, portanto, têm o Espírito Santo dentro de si (em especial, depois do batismo nas águas e ainda mais depois do batismo no Espírito Santo), recebem do próprio Deus o poder sobre o mundo espiritual, ou seja, elas têm o poder da palavra de Deus para repreender demônios ou qualquer coisa que o Senhor lhes ordene, a fim de fazer prevalecer Seu reino na terra. Mas não recebe de Deus a autoridade sobre o espírito ou a decisão de vida de ninguém, pois a Deus pertence o espírito de todo ser humano e a decisão de cada pessoa depende do seu livre-arbítrio. Entretanto, os líderes espirituais, como Paulo, Pedro e João, por exemplo, eram autoridades eclesiásticas, porém, humanas, sobre os novos convertidos para ensiná-los a fé cristã e discipliná-los no caminho do Senhor. E, por terem sido eles mesmos um pouco mais trabalhados por Deus, eles tinham, portanto, mais unção para exercer sua autoridade sobre o reino espiritual e assim, proteger os mais novos na fé ou endireitar seus caminhos, exercendo a palavra de Deus corretamente. Mas não receberam de Deus a liberação de determinar sua própria vontade sobre o espirito nem a alma dos menores na fé. De forma alguma o termo "autoridade espiritual" deve ser confundido com tirania do líder.

35

A parábola do grão de mostarda
Mc 4: 30-32

A parábola do grão de mostarda
Texto de referência: Mc 4: 30-32; Mt 13: 31-32; Lc 13: 18-19

"Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra; mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra" (Mc 4: 30-32; Mt 13: 31-32; Lc 13: 18-19 – ARA).

Essa é uma das parábolas mais curtas de Jesus quando faz alguma comparação com o Seu reino, mas que já trouxe muita discussão ao longo das eras da igreja devido ao elemento que foi usado (a planta de mostarda) e os termos diferentes usados por três evangelistas: Marcos, Mateus e Lucas. Na verdade, a sua interpretação parece mais simples e óbvia do que a mostarda propriamente dita e vou explicar porque.

Nessa parábola do grão de mostarda, o semeador representa Jesus e a planta é o Reino de Deus. Os pássaros do céu são os que crêem nEle, vêm e permanecem em seus galhos, ou seja, encontram abrigo no Reino de Seu Pai. Essa comparação, que também está presente em textos do AT como em Dn 4: 12, sugere o alcance universal do reino de Deus.

Assim, a parábola sugere um grande crescimento a partir de pequenos começos, mas de alcance universal (cf. Dn 4: 12) e firmemente enraizado, onde alguns encontrariam abrigo e outros achariam detestável e tentariam erradicar, segundo Ben Witherington, pois a mostarda, pelo seu crescimento rápido, era considerada uma erva daninha; suas raízes eram difíceis de arrancar. Ben Witherington (também conhecido como Ben Witherington III, nascido em 1951) é um acadêmico metodista norte-americano, Wesley-Arminiano, dedicado à investigação sobre o Novo Testamento).

Plínio, o Velho, em sua 'História Natural' (publicada por volta de 78 DC) dizia que a mostarda é extremamente benéfica para a saúde. E de fato é, por possuir vitaminas, proteínas e sais minerais, mais do que muitas hortaliças. Plínio, o Velho, ou Caio Plínio Segundo (em latim: Gaius Plinius Secundus; 23–79 DC) foi um naturalista romano, bem como escritor, historiador, gramático, administrador e oficial do exército e da marinha romana, contemporâneo do Imperador Vespasiano. A única das suas obras que sobreviveu foi um tratado denominado 'História Natural' ('Naturalis Historia'), de 37 volumes, mostrando um excelente panorama da geografia, zoologia e botânica na Antiguidade, além de algumas opiniões do escritor sobre o destino do homem na natureza.

A palavra usada nos textos bíblicos em grego para mostarda (por exemplo: Mc 4: 31) é sinapi (σίναπι – Strong #4615), que significa 'mostarda' (provavelmente o arbusto, não a erva – segundo a nota da Concordância de Strong). Porém, se considerarmos um verdadeiro pé de mostarda [as três espécies: *Sinapis alba* (branca) ou *S. nigra* (preta) ou *S. juncea* (marrom ou castanha)], e principalmente as que mais consumimos hoje, que são a marrom e a branca, é improvável que o pé de mostarda abrigue pássaros em seus ramos, pois sua altura máxima é de 70 cm (a branca) a 1,5 metros (a marrom ou castanha); nesse caso, Jesus parece usar um pouco de extravagância em Sua analogia de maneira proposital. Ou então, possa se tratar da *S. Nigra,* um pouco maior e menos cultivada comercialmente nos dias de hoje, e cuja altura pode atingir o máximo de 3 metros, mas não é uma árvore, como entendemos hoje, e sim um arbusto de altura considerável.

Estudando um pouco sobre a mostarda tão conhecida por nós hoje, as sementes têm geralmente cerca de 1 a 2 milímetros de diâmetro e podem ser de uma cor que varia do

branco amarelado ao preto. As sementes de mostarda geralmente levam de oito a dez dias para germinar em condições adequadas, ou seja, atmosfera fria e solo relativamente úmido.

As mostardas são plantas da Família Brassicaceae e dos gêneros Brassica e Sinapis cujas sementes, após moídas e misturadas com água, vinagre e outros líquidos, se transformam no condimento conhecido como mostarda. O gênero Brassica também inclui couves, repolho, nabo, brócolis, couve-flor, rúcula, agrião e rabanete.

Dentro do gênero Brassica (o outro nome científico usado é Sinapis), as três espécies mais cultivadas são:

• Brassica juncea (L.) Czernjaew: conhecida como mostarda, mostarda indiana, mostarda de folhas ou mostarda marrom ou castanha. Outro nome científico: Brassica hirta Moench.

• Brassica nigra (L.) Koch: mostarda preta. Outros nomes científicos: Sinapis nigra L. ou Rhamphospermum nigrum.

• Brassica alba Rabenth: mostarda branca. Outro nome científico: Sinapis alba L.

B. alba e B. juncea são hoje as duas espécies de mostarda mais importantes.

• Há uma quarta espécie, a Brassica carinata A. Braun: conhecida como mostarda abissínia ou etíope, cultivada nas terras altas da Etiópia e no norte do Quênia.

Na imagem acima: Sementes de mostarda branca *(Sinapis alba)* à direita em comparação com sementes de arroz (esquerda). As sementes de mostarda branca são sementes esferóides duras, geralmente com cerca de 1,0 a 1,5 mm de diâmetro, com uma cor que varia do bege ou amarelo ao marrom claro. Foto: Edal Anton Lefterov – wikipedia.org.

Na imagem abaixo: Sementes de mostarda preta *(Rhamphospermum nigrum; Brassica nigra ou Sinapis nigra).* Foto: Gaurav Dhwaj Khadka – wikipedia.org.

Na imagem acima nós vemos o ínfimo tamanho da semente de mostarda em comparação com a mão humana, como a cabeça de um alfinete.

A mostarda branca *(Sinapis alba)*

• A mostarda branca ou amarela *(Sinapis alba)* cresce selvagem no Norte de África, Oriente Médio e Europa Mediterrânica, expandindo-se depois para outras regiões como Ásia Central e até no extremo norte, na Groenlândia e toda a Grã-Bretanha e Irlanda. Ela é mais curta que as outras, com mais ou menos 60-70 cm de altura e com vagens mais curtas. Ela floresce e amadurece anualmente. As sementes de mostarda branca são sementes esferóides duras, geralmente com cerca de 1,0 a 1,5 mm de diâmetro, com uma cor que varia do bege ou amarelo ao marrom claro. Quando moídas e misturadas com outros ingredientes, produzem uma pasta ou um condimento. A Sinapis alba é usada

para fazer a mostarda amarela comum de mesa, muitas vezes com sua coloração sendo acentuada pelo açafrão [*Curcuma longa,* açafrão-da-terra, conhecido também como cúrcuma, turmérico, raiz-de-sol, açafrão-da-índia, açafroa e gengibre amarelo].

A mostarda castanha *(Brassica juncea L.)*

• A mostarda-da-índia ou mostarda castanha *(Brassica juncea L.),* é originária dos sopés dos Himalaias e cultivada no Nepal, Reino Unido, Canadá, Dinamarca e Estados Unidos da América. A *Brassica juncea* é bastante rústica, necessita de pouca água, mede em torno de 1 a 2 metros (1,5 metros em média), tem raízes abundantes verticais e pesadas, as quais conseguem manter as sementes no seu amadurecimento, e com vagens mais longas. As flores são pequenas de cor amarela. É a que se costuma comprar na feira ou no mercado. Normalmente, as folhas são vendidas em maços; são longas e podem ser crespas e onduladas ou lisas com margens serrilhadas e apresentam sabor picante.

Imagem abaixo: Campo de mostarda castanha em Bangladesh – foto: Nafiur Rahman.

Nafiur Rahman – Mustard fields in Bangladesh – wikipedia.org

Nas duas imagens acima: a folha comestível da mostarda castanha que se encontra no mercado.

A mostarda preta *(Brassica nigra ou Sinapis nigra)*

• A mostarda preta *(Rhamphospermum nigrum; sin.: Brassica nigra e Sinapis nigra)* tem sementes marrom-escuras a pretas, comumente usadas como tempero. Cresce em solo úmido e fértil. Pode ser encontrada nas regiões mais frias do Norte da África, partes da Ásia, assim como na Argentina, Chile, Estados Unidos da América e em alguns países da Europa. Na América do Norte é considerada uma espécie invasora. Ela floresce no verão, a partir de maio, no Reino Unido. Seu uso como tempero é conhecido desde as antigas civilizações do Egito, Grécia, Babilônia, Índia e China. O cultivo como cultura agrícola surgiu depois da Idade Média. No mundo das especiarias, a mostarda preta é considerada a verdadeira mostarda. As plantas de mostarda preta são ervas anuais e eretas, com cerca de 50 cm a 2 metros de altura, às vezes 3 metros. As flores têm quatro pétalas amarelas. Cada haste possui cerca de quatro flores no topo, formando um anel ao redor da haste. Depois da floração, a planta forma longas vagens, que contêm quatro sementes arredondadas. Tanto as folhas jovens, os botões e as flores são comestíveis. Acredita-se que a mostarda preta seja a semente mencionada por Jesus na parábola do grão de mostarda.

Mostarda preta selvagem (Brassica nigra) em flor, com 2,5 m de altura; Shoreline Park, Rancho Palos Verdes, Califórnia. Foto: Carlfbagge.

Abaixo, outra floração da mostarda preta – fonte: The Spruce.

Source: The Spruce

Photo: Pancrat – Jardim das flores, Paris | wikipedia.org

Imagem acima: Mostarda preta com suas longas vagens (*Brassica nigra,* moutarde noire, siliques, Jardin des Plantes de Paris). Foto: Pancrat.

As plantas de mostarda ainda mantêm as suas características antigas e muito pouco avanço evolutivo parece ter ocorrido desde o seu cultivo de planta selvagem para doméstica *[nota minha: referência duvidosa].* A mostarda preta tornou-se gradativamente inadequada para a agricultura em grande escala, pois grande parte da semente é perdida. O cultivo da mostarda preta não é mais praticado comercialmente no mundo ocidental como era antes; durante a década de 1950, a maioria dos produtores a abandonaram e mudaram para o cultivo de mostarda marrom (também chamada de parda ou castanha), a Brassica juncea, cujas sementes são mais indestrutíveis (fonte: Ravindran 2017).

Muita discussão já surgiu em torno dessa parábola, especialmente pela palavra usada para descrever essa planta ou erva ou seja, 'árvore'. Mas a mostarda não chega a ser uma árvore; no máximo um arbusto, se pudermos pensar na *Sinapis nigra (Brassica nigra, a mostarda preta).* De acordo com fontes rabínicas, os judeus não cultivavam a planta em hortas, o que corrobora a descrição de Mateus dela crescendo num campo (por ser uma planta selvagem em sua origem). Lucas diz que a planta foi plantada numa horta, o que pode sugerir uma reformulação da parábola para um público gentio, fora da região do Levante.

Como eu escrevi acima, a palavra usada nos textos bíblicos em grego para mostarda é sinapi (σίναπι – Strong #4615), que significa 'mostarda' (provavelmente o arbusto, não a erva – segundo a nota da Concordância de Strong).

Mas há outras palavras em grego para 'arbusto', 'erva' (ou hortaliça) e 'árvore':

• Hortaliças ou plantas – na KJV = erva; em grego: λάχανον, lachanon, Strong #3001 = uma erva, planta de horta ou hortaliça, vegetal;

• Árvore – na KJV = árvore; em grego: δένδρον, dendron, Strong #1186 = árvore; provavelmente da palavra 'drus' = árvore (um carvalho);

• Horta – na KJV = horta, jardim; em grego: κῆπος, képos, Strong #2779 = um jardim, qualquer lugar plantado com árvores e ervas.

Vamos conferir os textos (ARA):

• No Evangelho de Mateus (Mt 13: 31-32): "Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças [NVI: plantas] e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos".

• No Evangelho de Marcos (Mc 4: 30-32): "Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra; mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças [NVI: plantas] e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra".

• No Evangelho de Lucas (Lc 13: 18-19): "E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos".

Segundo Douglas (O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995), os pés de mostarda normalmente não excedem 1,20 m. Ele também faz uns comentários interessantes sobre a taxonomia das plantas e animais nos

tempos bíblicos (taxonomia é a área da biologia responsável por identificar, nomear e classificar os seres vivos). Por exemplo:

• Plantas designadas pelos mesmos nomes atualmente não são exatamente as mesmas em diferentes partes do mundo.

• As plantas da Palestina hoje em dia não eram exatamente nativas da mesma área nos tempos bíblicos.

• Diferentes versões das Escrituras refletem identificações errôneas; há confusão da nomenclatura botânica pelos tradutores. Isso se dá pelo fato de que, para os escritores sagrados originais, os padrões atuais de exatidão em questões botânicas não eram considerações importantes e, além disso, a terminologia que usavam de forma alguma era tão completa como a dos botânicos modernos.

• As versões trazem mais confusão do que certeza na identificação das plantas.

• Por exemplo, algumas plantas são traduzidas como:

'Maçã' era o damasco.

'Olmo ou olmeiro' (ARA) era o Terebinto (Is 41: 19).

'Urtiga' era o Acanto (Is 34: 13), e assim por diante.

Conclusão

Depois de muitas pesquisas e pedindo a revelação de Deus para desfazer as confusões sobre o assunto após tantos milênios de conjecturas e especulações racionais sobre o Evangelho de Cristo, minha humilde opinião é que a planta mencionada pode até se tratar da *Sinapis nigra,* como alguns estudiosos sugerem, mas o propósito da alegoria de Jesus foi a hipérbole proposital sobre o grande crescimento do Seu Reino, expandindo seu domínio no meio das nações e atraindo para si muitas almas carentes de abrigo, proteção, luz e direção de Deus. Mesmo porque Jesus sempre fez menção às profecias do AT, em especial, a Daniel e Isaías. E confesso que, ao ler e meditar na Palavra, o primeiro pensamento que veio à minha mente foi o sonho de Nabucodonosor com a árvore (Dn 4: 1-37, em especial o v. 12 e 20-22), cujos ramos se expandiam entre as nações, simbolizando o seu domínio e poder sobre o mundo conhecido naquela época. Isso nos faz colocar o nosso foco na majestade e na soberania de Deus em todas as eras, fazendo prevalecer a Sua palavra e colocando Seus escolhidos em posição de honra diante de ímpios e entendidos em ciências e assuntos mundanos. Essa parábola também é um incentivo para nós hoje, que ainda tentamos preservar nosso chamado como mensageiros e semeadores do Senhor na Terra, mantendo a fé de muitos. Mesmo que nosso trabalho pareça insignificante e sem importância ou tenha começado pequeno como um grão de mostarda, ele continua sendo uma semeadura próspera, pois através de nós a palavra de Deus será pregada até o fim. Ele mesmo nos garante o sucesso nesse empreendimento.

“Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7: 37b-38).